

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Bruno Salviano Gripp

**ALÉM DAS NUENS: CRÍTICA À FILOSOFIA NOS FRAGMENTOS DA
COMÉDIA ANTIGA**

Belo Horizonte

2009

BRUNO SALVIANO GRIPP

**ALÉM DAS NUVENS: CRÍTICA À FILOSOFIA NOS FRAGMENTOS DA
COMÉDIA ANTIGA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção

Belo Horizonte

2009

BRUNO SALVIANO GRIPP

**ALÉM DAS NUVENS: CRÍTICA À FILOSOFIA NOS FRAGMENTOS DA
COMÉDIA ANTIGA**

BANCA EXAMINADORA

Titulares

Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Marcelo Pimenta Marques
Universidade Federal de Minas Gerais

Suplente

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte

2009

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação não seria possível sem o apoio em especial de meus pais, Glicia e José Antônio, de Evelyn e de todos meus outros amigos que, de alguma forma, me ajudaram a escrevê-la..

Também tiveram grande importância para a dissertação, o meu orientador, Teodoro Rennó Assunção e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG. E também o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sem cujo apoio a redação deste trabalho muito sofreria.

Solo deo gratias

VADIUS

*J'ai le contentement,
Qu'on voit qu'il m'a traité plus honorablement.
Il me donne en passant une atteinte légère
Parmi plusieurs auteurs qu'au Palais on révère;
Mais jamais dans ses vers il ne te laisse en paix,
Et l'on t'y voit partout être en butte à ses traits.*

TRISSOTIN

*C'est par là que j'y tiens un rang plus honorable.
Il te met dans la foule ainsi qu'un misérable,
Il croit que c'est assez d'un coup pour t'accabler,
Et ne t'a jamais fait l'honneur de redoubler:
Mais il m'attaque à part comme un noble adversaire
Sur qui tout son effort lui semble nécessaire;
Et ses coups contre moi redoublés en tous lieux,
Montrent qu'il ne se croit jamais victorieux.*

Molière – Les Femmes Savantes Ato 3, cena 3

RESUMO

Partindo das interpretações tradicionais d'*As Nuvens* que tentam interpretar a longa questão sócrática suscitada pela diferença de caracterização entre o Sócrates "filosófico" e o Sócrates "aristofânico", levantamos a hipótese de que tal diferença é, ao menos em parte, tradicional, ou seja: de que Aristófanes esteja trabalhando com uma maneira tradicional da comédia de ver Sócrates. Sugerimos que não apenas a caracterização de Sócrates, mas a caracterização de toda a filosofia antiga segue um padrão já estabelecido, tradicional. A base para tal afirmação são os fragmentos cômicos de outros autores que tratam Sócrates de uma maneira razoavelmente semelhante, outros fragmentos que mencionam Protágoras, os fragmentos que mencionam Pródico e a disposição em cena do conflito de dois tipos de educação que é a base do conflito d'*As Nuvens*. Com uma breve verificação dos fragmentos da Comédia Média, percebemos que estes são dúbios, uma vez que tanto confirmam as teorias básicas de um tratamento padronizado, como também apresentam uma diferença fundamental em relação à comédia antiga: as alusões são específicas, e os poetas demonstram possuir uma verdadeira noção do que defendem os atacados. Tal discrepância pode-se explicar por uma mudança na posição social da filosofia no século IV, mudança essa que inviabiliza toda discussão da comédia antiga que pouco se interessa nas doutrinas em si mas naquilo que elas representam como uma quebra na tradição. Depois faz-se uma breve análise da origem da figura do pensador na comédia, de onde ele teria sido moldado, e esposamos a teoria de que ele tem origem numa identificação com o parasita. E por fim tenta-se compreender a razão de Aristófanes ter escolhido Sócrates como alvo; imaginamos que o motivo principal é que, ao contrário de todos os outros pensadores, incluídos filósofos, retores e todo tipo de intelectual, Sócrates é ateniense, e somente atenienses podem ser criticados em cena na comédia antiga.

ABSTRACT

From the traditional interpretations on *The Clouds*, which try to understand the old Socratic question, risen from the difference between the characterizations of Socrates in the works of the philosophers, such as Plato and Xenophon and the “Aristophanical” Socrates. We suggest that such difference comes, at least partially, from tradition, which Aristophanes works within a traditional way of comic abuse against philosophers in general. That means that not only the characterization of Socrates but the characterization of all philosophers and thinkers stem from a traditional pattern. The base for such statement comes from the comic fragments which treat Socrates in a very similar manner to other writers from Old Greek Comedy, other fragments which mention Protagoras, Prodicus and the mise-en-scène of the conflict between old and new education, which is the base of the conflict in *The Clouds*. Scrutinizing the extant fragments from the Middle Comedy, we realize that they may give two basic conclusion, the first is that they confirm some tendencies from the Old Comedy maintaining the same type of sarcasm, but they also show a very different approach and knowledge of philosophy: the allusions are clear and they show a special awareness of philosophy’s doctrines and practices. Such a difference can be explained due to a change in the social position of philosophy in IV century, a change which denies the problems of the V century when philosophy and philosophers were seen as menaces to tradition. After we make a brief commentary in the origin of the philosopher’s stage persona, where it came from, and we support the theory that it comes from the stock of the parasite. And finally we try to answer the reason why Aristophanes chose Socrates as his main target, we think that comes from the fact that, unlike most other philosophers, sophists and intellectuals, Socrates is an Athenian man, which made him an easier target to the Athenian comedy.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1. O SÓCRATES D'AS <i>NUVENS</i>	14
2. SÓCRATES NA COMÉDIA ANTIGA.....	39
3. A FILOSOFIA NA COMÉDIA ANTIGA.....	60
4. A FILOSOFIA EMANCIPADA	91
5 O ESTOQUE CÔMICO COMUM.....	103
CONCLUSÃO.....	126

INTRODUÇÃO

Esta dissertação busca tratar primariamente de um dos problemas centrais da comédia *As Nuvens* de Aristófanes, o qual diz respeito aos motivos pelos quais Aristófanes elegeu Sócrates como um dos personagens, e à razão de tal caracterização de Sócrates ser tão destoante da figura que obras como as de Platão e Xenofonte nos mostram. No entanto, por motivos que logo explicaremos, não estamos satisfeitos com as interpretações tradicionais desta comédia, que encontramos nas obras mais importantes e fundamentais como *Aristophanes* de Gilbert Murray e a introdução à edição das *Nuvens* de Kenneth J. Dover¹. O motivo é bastante simples, todas elas acabam por não considerar esta comédia dentro do panorama da Comédia Antiga, e acreditamos, baseados em trabalhos mais recentes publicados sobre o assunto, que essa perspectiva é essencial para qualquer interpretação de Aristófanes. Nos últimos anos, vários livros vêm enriquecendo e aprimorando nosso conhecimento sobre outras obras e outros autores da Comédia Antiga, demonstrando que ela pode ser melhor compreendida se esta tradição for considerada. Este é o objetivo desta dissertação: avaliar em perspectiva se a tradição da Comédia Antiga influenciou a composição e caracterização dos personagens n'*As Nuvens*, ou seja, enfrentar a difícil questão da caracterização do filósofo na comédia.

Para sua completa realização, o trabalho passou por diversas fases. A primeira começou antes mesmo do início do mestrado com a leitura do texto grego da comédia de Aristófanes. Foi uma leitura cuidadosa da obra – a qual motivou a escolha deste tema da dissertação – que possibilitou um contato mais profundo com a comédia, permitindo que o autor se familiarizasse com os temas e os problemas que lhe são únicos. Também teve grande importância na escolha do tema a leitura do clássico *The Greek Comedy* de Gilbert Norwood, que apresentou ao autor pela primeira vez a Comédia Antiga em uma perspectiva mais ampla, com comentários relevantes sobre autores importantes como Êupolis, Cratino, Crates, Aléxis e Menandro.

Uma vez escolhido o tema e dominado o assunto básico, buscou-se, numa segunda etapa, a bibliografia básica sobre a comédia de Aristófanes, cujas interpretações comuns, gerais e aceitas, foram de grande importância para a realização do projeto da dissertação. Após a realização do concurso para o mestrado em Estudos Clássicos da FALE-UFMG e

¹ 1968

aprovado o ingresso do autor, iniciou-se a terceira parte da dissertação, a qual se centrou na leitura e compreensão da obra de Aristófanes, na língua original.

Apesar de à primeira vista o esforço de ler em grego obras cujas traduções são tão facilmente encontradas, como as comédias de Aristófanes, possa ser considerado excessivo para a duração limitada de um curso de Mestrado, tal procedimento foi de grande utilidade para a posterior redação da dissertação, pois permitiu ao autor habituar-se à linguagem e aos termos característicos de Aristófanes, em especial àqueles ligados à dissertação.

Este hábito adquirido foi de essencial importância para a quarta fase da dissertação, quando foi realizada a leitura do primeiro volume de fragmentos de Bergk, pois, uma vez habituado aos termos característicos da Comédia Antiga, foi mais fácil ao autor selecionar os fragmentos e passagens mais relevantes para a composição da obra. Escolhidos os fragmentos, buscou-se uma bibliografia mais específica tanto do tema quanto dos autores aqui tratados.

A última fase, concorrente com a redação da dissertação, consistiu na leitura dessa bibliografia de apoio bem como de outras obras da Antigüidade que seriam de utilidade para a interpretação deste *corpus* adquirido, em especial as fontes da maioria dos fragmentos e textos relativos à biografia dos personagens históricos aqui citados, principalmente Sócrates, Protágoras e Pródico de Ceos.

A análise dos fragmentos, por sua vez – ainda que nem sempre evidenciada pela redação – centrou-se, primeiramente, na atribuição do autor, algo que normalmente não nos coloca muita dificuldade, pois são raros os fragmentos que apresentam alguma dúvida quanto a sua autoria. Em seguida, concentrou-se na atribuição da comédia, tarefa que representou um desafio maior, visto que é bastante freqüente a citação sem atribuição de comédia, restando-nos apenas sugerir, por questões temáticas ou de personagens, a relação do fragmento em questão com uma comédia conhecida. O passo seguinte foi determinar em que esse fragmento é relevante dentro do universo da Comédia Antiga, se por um paralelo temático, uma citação em comum ou um personagem relevante. Naturalmente tais paralelos são feitos primordialmente com Aristófanes, pelo fato de possuir o *corpus* mais extenso da Comédia Antiga. Feito isso, buscamos alguma relação fora da Comédia Antiga, caso ela comprove algum dado real para nós deixado pela tradição ou negue o fragmento.

Por fim, redigimos ao final uma conclusão que retoma os achados dos três primeiros capítulos e tenta verificar a assunção inicial, ou seja, de que a caracterização de Sócrates n' *As Nuvens* origina-se na tradição cômica e não em alguma indisposição de Aristófanes para com o legado socrático.

Para a realização deste trabalho o autor contou com a orientação do professor Teodoro Rennó Assunção e utilizou as bibliotecas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, da Faculdade de Filosofia da Universidade Aristóteles de Tessalônica e da Escola Francesa de Atenas. Ferramentas essenciais para a realização do trabalho foram os dicionários de grego-inglês *A Greek-English Lexicon* Liddell-Scott e grego-francês *Dictionnaire grec-français* Anatole Bailly, a gramática grega de Smyth² e o segundo volume de Schwyzer³, além do dicionário de verbos anômalos de Papadopoulos ter sido utilizado em certos momentos. O *Thesaurus Linguae Graecae* foi também uma grande ferramenta, ainda que bastante falha em sua coleção de manuscritos. No entanto a facilidade de pesquisa e seu vasto banco de dados se provam bastante úteis, em especial na leitura e acompanhamento de escólios.

Para a leitura e tradução das obras gregas que aqui citamos, foram úteis as traduções de Adriane Duarte d' *As Aves*, Gilda Starzynski d' *As Nuvens*, as traduções de Platão de Carlos Alberto Nunes, para o português, e as traduções d' *As Nuvens* e d' *Os Acarnenses* de van Daele e dos *Memoráveis* de Eugene Talbot para o Francês, e as traduções de Kenneth Dover da obra de Aristófanes e da obra de Platão de Paul Shorey para a língua inglesa.

Por fim, o trabalho contou com o fomento financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico iniciado em março de 2008 e terminado em janeiro de 2009.

² *Greek Grammar*, 1984.

³ *Griechische grammatik*, 1953.

1. O SÓCRATES D'AS NUVENS

1.1. O PROBLEMA D'AS NUVENS

Um velho Ateniese encontra-se inquieto com as crescentes despesas do filho com corridas de cavalos. No desespero para fugir das dívidas ele arma um grande plano: mandá-lo para o φροντιστήριον para que ele assim consiga aprender, junto a Sócrates, Querefonte e seus discípulos, sobre a arte de enganar a todos nos tribunais e com isso livrar-se das dívidas. Depois da negativa do filho em aquiescer a este plano, o velho decide ir ele mesmo ao lugar onde Sócrates ensina e tornar-se seu aluno para dominar tal conhecimento.

Lá chegando, encontra-se inicialmente com um aluno de Sócrates, que prontamente lhe divulga todos os segredos que são mantidos como mistérios – é a típica cena introdutória da porta, como pode ser vista em outras comédias como *Os Acarnenses* e *As Rãs*. O objetivo dessa cena é o de retardar a entrada do personagem principal e de introduzir o ambiente e as questões da comédia. Em seguida, Sócrates faz sua entrada em cena e concorda em fazer do velho seu discípulo. Entretanto, no ritual da mais importante iniciação, ele faz o velho conhecer as verdadeiras deusas de Sócrates, as Nuvens, que foram geradas pelo Vórtice, o deus que suplantara Zeus.

Posteriormente, face à impossibilidade de fazer o velho aprender os ensinamentos, Sócrates desiste e abandona o velho à sua própria sorte, o qual, no entanto, consegue convencer seu filho a ter aula com Sócrates. Como uma demonstração inicial do que ele virá a aprender, encena-se o *agón*, na forma de um combate entre os dois discursos: o discurso justo e o discurso injusto. Ao fim da cena, o filho já foi completamente treinado por Sócrates, e seu pai prontamente põe vários credores a correr por meio de ameaças e agressões físicas. Porém, o próprio filho adapta-se à lógica do pai e começa a bater no seu próprio genitor. Num golpe final de teatro, as Nuvens, que antes se mostraram ligadas a Sócrates, revelam-se punidoras e censoras de tais atitudes e instam o velho a destruir o φροντιστήριον, e com esse em chamadas a comédia se encerra.

Esse é, de maneira bastante sucinta, o argumento da comédia. A primeira consideração é a de que, apesar de uma larga parte da literatura⁴ dedicar-se a outros assuntos,

⁴ Apenas algumas páginas da introdução de Dover referem-se a esse problema. A maior parte da introdução dedica-se à importante questão da data e das duas versões da comédia, tal como Kopff e obras como as de Pietro Pucci e outros autores.

como é visível claramente pelo argumento simplificado, o protagonista da comédia é Estrepsíades, o velho. Esse personagem possui diversas semelhanças com os protagonistas de outras comédias de Aristófanes, como Diceópolis, Trigon, Filocléon e muitos outros⁵. A história também é conformada pelo paradigma tradicional da Comédia Antiga de uma pessoa comum, que no final consegue subverter personagens superiores, e.g, a *pólis*, n'Os *Acarneuses*; os deuses, no *Pluto*, n'As *Aves* e n'A *Paz*; pessoas superiores em hierarquia, n'Os *Cavaleiros* ou em intelecto, no caso desta comédia. Característico também de uma comédia antiga é o fato de que o fim, ainda que possa ser considerado um *happy ending* típico, termina de forma um tanto amarga e incompleta: Estrepsíades consegue livrar-se de Sócrates e dos credores com o custo de perder seu próprio filho.

No entanto, apesar de apresentar tantas características tradicionais do gênero, *As Nuvens* são uma comédia à parte na história da interpretação de Aristófanes, pois ela nos apresenta um dos problemas mais discutidos e comentados da história da literatura grega: a caracterização de Sócrates e sua relação com a figura histórica desse personagem. Não há dúvida de que grande parte da popularidade e da importância que essa comédia tem para nós reside na presença de um personagem amplamente conhecido, sendo ele um dos filósofos gregos que mais influenciaram a história da filosofia. Diferentemente do que acontece na maioria das outras comédias, Aristófanes está atacando um personagem com o qual temos certa familiaridade⁶, dada sua proeminência em obras de Platão e Xenofonte, o que não acontece com outras personalidades gregas de talvez até maior vulto na época para o cidadão comum, como é o caso de Cléon, Hipérbolo, Agatão e a maioria dos outros personagens da comédia aristofânica baseados em figuras reais, com exceção de Eurípides. Com relação a ele, ainda que conheçamos um volume não desprezível de obras, a tradição é bem mais reduzida do que a de Sócrates e sua importância para a história das idéias européias. Assim, o modo como Aristófanes nos apresenta Sócrates choca-se com o modo tradicional de apresentação de um dos mais admirados personagens da história, estimado tanto pelos gregos quanto pelos romanos, cristãos, árabes e modernos. O choque dá-se não apenas pelo escárnio a um personagem de tanta importância e tão elogiado, mas também por confundir-nos pela sua aparente incongruência com os outros testemunhos que dele temos.

⁵ Cf. MACDOWELL, 1995

⁶ WILAMOWITZ (1920:180-1) faz um bom apanhado da história textual do teatro antigo. E direciona a escolha das obras de que dispomos a uma edição escolar comentada elaborada no final do século I e início do II por Símaco. Segundo o autor, a escolha das obras de Aristófanes baseou-se principalmente na presença de celebridades atenienses, como Eurípides, Cléon e Sócrates.

Com efeito, o retrato de Sócrates n' *As Nuvens* não condiz, em várias instâncias, com o que sabemos ou com o conhecimento que temos dos seus ensinamentos em obras de Xenofonte e Platão. N' *As Nuvens*, Sócrates é claramente caracterizado como um sofista, que ensina retórica persuasiva⁷, interessado em assuntos das ciências naturais⁸. Isso contradiz completamente o testemunho direto que nos apresentam as obras dos vários filósofos e doxógrafos gregos, principalmente Platão⁹ e Xenofonte. Nas *Memoráveis* deste último, inclusive, Sócrates chega a afirmar o seu total repúdio a alguns dos mais importantes interesses intelectuais demonstrados na comédia, isto é, as ciências naturais:

Οὐδὲ γὰρ περὶ τῆς τῶν πάντων φύσεως, ἢ περ τῶν ἄλλων οἱ πλείστοι, διελέγετο σκοπῶν ὅπως ὁ καλούμενος ὑπὸ τῶν σοφιστῶν κόσμος ἔχει καὶ τίσιν ἀνάγκαις ἕκαστα γίγνεται τῶν οὐρανίων, ἀλλὰ καὶ τοὺς φροντίζοντας τὰ τοιαῦτα μωραίνοντα ἀπεδείκνυε.¹⁰

Nem sobre a natureza de todas as coisas, como a maioria dos outros, discursou tendo como objetivo de que forma era o (assim chamado pelos sofistas) cosmos e com quais necessidades cada coisa dos céus veio a ser, mas demonstrou como eram idiotices estas coisas com as quais eles se importavam.¹¹

E esta outra citação, também das *Memoráveis*, é ainda mais surpreendente, por fazer uma crítica direta a Anaxágoras, aquele a quem frequentemente atribuem algumas das teorias esposadas pelo Sócrates da comédia de Aristófanes:

ὅλως δὲ τῶν οὐρανίων, ἢ ἕκαστα ὁ θεὸς μηχανᾶται, φροντιστὴν γίγνεσθαι ἀπέτρεπεν οὔτε γὰρ εὐρετὰ ἀνθρώποις αὐτὰ ἐνόμιζεν οὔτε χαρίζεσθαι θεοῖς ἂν ἠγείτο τὸν ζητοῦντα ἅ ἐκεῖνοι σαφηνίσαι οὐκ ἐβουλήθησαν. Κινδυνεῦσαι δ' ἂν ἔφη καὶ παραφρονῆσαι τὸν ταῦτα μεριμνῶντα οὐδὲν ἦττον ἢ Ἀναξαγόρας παρεφρονῆσαι ὁ μέγιστον φρονήσας ἐπὶ τῷ τὰς τῶν θεῶν μηχανὰς ἐξηγεῖσθαι¹²

E dissuadia-o completamente de ser um pensador das coisas do céu, como que o deus maquina cada uma delas, nem considerava tais assuntos possíveis de serem descobertos pelos homens nem considerava que agradaria aos deuses aquele que investiga os assuntos que eles não desejavam deixar evidente. E dizia arriscar-se e perder a razão quem se preocupava com isso não menos do que Anaxágoras teria perdido a razão, ele que mais se preocupava em explicar os mecanismos dos deuses.

⁷ Aristófanes, *Nuvens* 112-132, etc.

⁸ 225, etc.

⁹ Cf. *Górgias* 463 b, *Apologia* 19b-d.

¹⁰ *Memoráveis*, I,1, 11.

¹¹ Todas as traduções da dissertação são do autor.

¹² *Memoráveis* IV,7, 6.

Nota-se, portanto, uma diferença muito grande entre as duas figuras. Os comentadores vêm tentando encontrar a razão dessa descaracterização tão dramática na qual Aristófanes parece se desviar bastante das outras referências históricas a Sócrates.

1.2 O PROBLEMA SOCRÁTICO: ENTRE PLATÃO E XENOFONTE

Aristófanes é um elemento importante da questão socrática, mas não se deve achar que ele é o único ponto de dificuldade nela, uma vez que, ainda que Xenofonte e Platão apresentem algumas semelhanças, há diversas diferenças que foram levadas em consideração desde o princípio do estudo universitário do assunto. Por exemplo, na famosa introdução de Schleiermacher, o importante estudioso alemão comenta sobre o testemunho de Xenofonte, testemunho esse que para ele é irrelevante pelo pouco interesse filosófico de suas obras. Na opinião mesma de Schleiermacher, o único Sócrates de valor é o Sócrates de Platão, vindo ele até mesmo a ignorar Sócrates como figura histórica de valor filosófico.

Naturalmente, o interesse filosófico – conforme um dos pressupostos de Schleiermacher, e, compreensivelmente, dos estudantes de filosofia – não é o único interesse possível pela Antigüidade. Ou seja, há outros tipos de conhecimento que podemos tirar da Antigüidade em várias áreas, como a filologia, a história da cultura e mesmo a história da filosofia (pois se pode negar a relevância filosófica do Sócrates histórico, mas não se pode negar sua influência na história da filosofia), as quais muito têm a ganhar com o desenvolvimento e a análise da figura histórica de Sócrates. Além disso, a suposição de que a figura de Xenofonte é irrelevante filosoficamente vem ela mesmo sendo colocada em questão em obras mais recentes¹³.

O Sócrates que Xenofonte apresenta difere do Sócrates platônico por uma diversidade de temas. O primeiro, e talvez o mais conspícuo, é que, ao contrário do Sócrates platônico, o Sócrates de Xenofonte jamais alega ignorância de conhecimento e é capaz de definir corretamente as virtudes, enquanto o Sócrates platônico frequentemente cai em aporia ao tentar chegar a uma definição de virtude, justiça, etc. Nas duas apologias, temos afirmações contraditórias: o Sócrates de Xenofonte abertamente se diz professor e especialista, enquanto o Sócrates platônico nega isso de maneira absoluta, ao dizer em sua defesa que ele jamais foi professor ou se colocou neste lugar. O Sócrates de Xenofonte se diz não envolvido na vida política, mas ensina jovens a dela participar, já o Sócrates de Platão

¹³ DORION, 2005:94

abstém-se totalmente de tais ensinamentos. As diferenças continuam no nível das opiniões particulares e são muito grandes, e, portanto, vamos terminar este breve catálogo aqui.

Se compararmos estas duas figuras de Sócrates que nos foram legadas por seus dois discípulos, chegaremos à conclusão de que algo do Sócrates de Platão pode ser aproximado do Sócrates de Aristófanes, especialmente na questão do vestuário e do desprezo às riquezas. E algo, talvez até mais importante, do Sócrates de Xenofonte pode ser aproximado do Sócrates de Aristófanes no que diz respeito à posição auto-declarada de Sócrates como um professor de jovens, algo que o Sócrates de Platão nega veementemente. Seria possível resolver esses problemas ao utilizar um método quantitativo de fontes, considerando que as características que estão presentes em mais de um autor são as da figura histórica, enquanto as características singulares são invenção do próprio autor? Evidentemente este não é um método que há de nos facilitar a resolução desta questão, dada a natureza fragmentária de boa parte das obras que temos e a própria figura elusiva de Sócrates que frequentemente evade as tentativas dos estudiosos modernos de compreendê-lo.

Louis-André Dorion¹⁴ já destacou como a própria figura de Xenofonte também é formada a partir de uma visão interessada. Visão essa que em alguns pontos, dada sua aparente maior simplicidade, é tomada como uma representação fiel do Sócrates real. No entanto, o Sócrates de Xenofonte se caracteriza como valorizando o “auto-controle”(αὐτάρκεια) e a “moderação”(ἐνκράτεια), características que também se revelam em outras figuras da obra de Xenofonte, como Ciro, Agesilau ou Licurgo.

Ficamos, na questão socrática, com três autores de testemunhos distintos acerca da figura de Sócrates. Para melhor desenvolver esta questão, seria preciso voltar e examinar cada um desses autores e verificar neles o que é propriamente de Sócrates e o que é de interesse próprio do autor em questão. Além disso, caberia também verificar de forma mais detida todos os outros testemunhos que podem nos dizer algo sobre a figura de Sócrates.

Para o presente trabalho, entretanto, vamos nos interessar somente pela figura de Sócrates tal qual é apresentada na Comédia Antiga, e os paralelos que poderão ser feitos com a filosofia e as obras de Platão e Xenofonte são apenas indicativos de questões comuns, que indiquem algum traço da percepção de Sócrates por parte da sociedade ateniense em geral, sem corroborar, por suposto, qualquer tipo de aproximação à questão socrática.

¹⁴ DORION, 2005: 99

1.3 A FORTUNA INTERPRETATIVA D'AS *NUVENS*

As Nuvens também possuem outras particularidades, ela foi a única comédia de Aristófanes a ter recebido o terceiro lugar nas Grandes Dionísias de Atenas¹⁵ e ainda assim a ter sobrevivido. No entanto, não é a versão que foi levada a público em 423 a. C. que nós recebemos dos manuscritos medievais, pois na parábase Aristófanes faz referência direta ao resultado da comédia e a uma comédia seguinte, o *Maricas* de Êupolis, que foi apresentada dois anos depois:

Εὐπολις, μὲν τὸν Μαρικᾶν πρότιστον παρείλκυσεν
ἐκστρέψας τοὺς ἡμετέρους Ἰππέας κακὸς κακῶς,
προσθεὶς αὐτῷ γραῦν μεθύσῃν τοῦ κόρδακος οὐνεχ', ἦν
Φρῶνιχος πάλαι πεπόηχ', ἦν τὸ κῆτος ἦσθιεν..¹⁶

Eupolis, primeiro, arrastou o Maricas,
O vil que revirou os meus Cavaleiros horrivelmente
E colocou nele uma velha embriagada por causa do cordax
a qual Frínico colocara em cena há muito e a qual a baleia comia.

O escoliasta desse trecho nos confirma também que ele pertence a uma segunda versão d'*As Nuvens*. No entanto, em um momento seguinte da parábase, no epirrema, Aristófanes cita a eleição de Cléon para general e imagina-o já fazendo uso de subornos e roubando a *pólis*. Como sabemos que Cléon morreu em 422 a. C.¹⁷ e também que Aristófanes apresentara *A Paz* no ano seguinte, fica demonstrado que a tarefa de revisão da peça ou foi incompleta ou Aristófanes jamais teve a intenção de levá-la novamente a público¹⁸.

Assim, mesmo tendo obtido um fracasso com esta comédia, parece que Aristófanes a tinha em alta conta e por isso resolveu retrabalhá-la na edição que temos. No entanto, sabemos que, ao menos no século V, não foi representada nenhuma segunda versão d'*As Nuvens* em nenhum dos dois festivais teatrais atenienses: as Grandes Dionísias e as Lenéias (temos a informação, por exemplo, de que foi feita uma segunda versão da *Assembléia de mulheres*), mas sabemos também que a tradição na Antiguidade reconhecia a existência de duas versões d'*As Nuvens*, de tal forma que possuímos fragmentos da chamada “primeira *Nuvens*”.

¹⁵ Cf. o argumento VI: Νεφέλαι ἐδιδάχθησαν ἐν ἄστει ἐπὶ ἄρχοντος Ἰσάρχου, ὅτε Κρατῖνος μὲν ἔνικα Πυτίνῃ, Ἀμειψίας δὲ Κόννω. “As Nuvens, foram encenadas na cidade sob o Arconte Isarco, quando Cratino ganhou com Pitine, e em segundo Amípsias com o Conno.”

¹⁶ *Nuvens* 553-555

¹⁷ Tucídides, 5, 10.

¹⁸ DOVER (1968:xxxiii) ainda usa outros argumentos para demonstrar os problemas com estas duas versões.

Face a esses dois problemas, uma maneira de se perceber esta questão é sumarizada na seguinte citação:

Não podemos evitar lamentar e condenar o poeta por ter feito a escolha malfadada de Sócrates como personagem importante na peça; devemos censurar a gratuidade do ataque a essa pessoa, por fazer de um bom e grande homem o objeto de sua ridicularização esmagadora.¹⁹

Essa frase pertence a um comentário às *Nuvens* feito no século XIX e, observando a literatura do período, esse é o julgamento tradicional sobre *As Nuvens*. A origem dele está naquilo que Martha Nussbaum²⁰ caracteriza de “reverência” por Sócrates. Em alguns casos tal reverência chega ao ponto de acusar Aristófanes de ter sido corrompido pelos inimigos de Sócrates. Tal acusação era suficientemente comum, de modo que os dois primeiros comentaristas modernos d’*As Nuvens*, Süvern²¹ e Röttscher²² dedicam-se a contradizer tal curiosa afirmação.

Süvern, ligeiramente mais antigo, tenta resolver a questão de uma forma típica de seu tempo. Para ele, Sócrates representa não uma pessoa em particular, mas uma *Idee*, a representação ideal do sofista, contra o qual Aristófanes já se dirigira anteriormente na sua comédia *Δαιταλιῆς*. Em seguida, talvez até extrapolando os limites do idealismo alemão, Süvern afirma que não apenas Sócrates é uma figura típica, como Fidípides também é a figura ideal do nobre ateniense, especialmente dos nobres *debauchés* do círculo de Alcibiades. A primeira parte da interpretação é sem dúvida muito mais interessante do que a segunda e Süvern tem o mérito de evitar a acusação contra Aristófanes de incompreensão ou venalidade que fora até então a maneira comum de interpretar *As Nuvens*. Podemos ver, inclusive, na interpretação dada a Sócrates, o germe de interpretações posteriores, como as de Douglas McDowell²³ e, principalmente, Kenneth J. Dover.²⁴

O grande filólogo F. A. Wolf também escreveu sobre *As Nuvens*²⁵. A sua teoria, que não permanecerá muito em voga e será revivida recentemente, e apenas parcialmente, por Leo Strauss, é de que o Sócrates d’*As Nuvens* representa um estágio de transição entre uma fase

¹⁹ FELTON, C. C. *The Clouds of Aristophanes* pp. x-xi:

“We cannot help regretting and condemning the poet’s mistaken choice of Socrates for the chief personage in the play; we must censure the wantonness of the attack upon his person, making a good and great man the object of his overwhelming ridicule.”

²⁰ NUSSBAUM, 1980.

²¹ SÜVERN, 1835.

²² ROTSCHER, 1827.

²³ MCDOWELL, 1993: 113-150

²⁴ DOVER, op. Cit, xxviii-xxxiii

²⁵ WOLF, 1811

em que Sócrates dedicar-se-ia às ciências naturais (com uma riqueza de citações de Platão) e a fase mais “moral” e “humana”, que seria representada pela aproximação com os sofistas. Apesar da grande erudição dessa interpretação, há alguns problemas cronológicos em relação a ela, de que trataremos no decorrer desta dissertação.

Rötscher, firmemente na linha idealista alemã (seu livro é dedicado a ninguém menos do que Hegel), tenta estabelecer uma linha dialética. Segundo ele, *As Nuvens* coloca no palco a disputa entre dois elementos político-histórico-religiosos (a filosofia hegeliana sempre optou pelos quadros mais abrangentes): o tradicional que é representado pelas *Nuvens* e por Estrepsíades, e o “modernista”, representado por Sócrates. Por esta razão, todas as incongruências estão presentes no personagem cênico de Sócrates, afinal, ele representa não apenas o filósofo de todos os dias, mas a idéia de “modernidade” que era trazida por ele, e também pelos sofistas e pelos filósofos naturalistas. Apesar de suas bases dependerem absolutamente de um tipo de filosofia, qual seja, o idealismo hegeliano, a fina leitura das *Nuvens* que ele faz, combinada com um profundo conhecimento do que havia sido discutido até então (Rötscher apresenta o primeiro sumário bibliográfico d’*As Nuvens* de que temos notícia), lograram que sua interpretação revivesse freqüentemente, especialmente na análise de Martha Nussbaum.

Uma curiosa interpretação foi proposta por Taylor em seu volume *Varia Socratica*²⁶. Segundo ele:

Não existe, e tanto quanto sabemos, jamais existiu realmente qualquer relato histórico fiel da personalidade de Sócrates, exceto aquele deixado pela tradição acadêmica que remete a Platão [...]. e a brilhante caricatura que Aristófanes concebeu em sua obra-prima cômica.²⁷

Diferentemente de outros intérpretes, ele não somente propõe que Sócrates teve interesse durante sua juventude pelas ciências naturais, como manteve tal interesse durante sua vida adulta. Para atingir tal conclusão ele precisa subverter totalmente o testemunho de Xenofonte, sob a alegação de sua pobreza filosófica.

Além de ser um julgamento sobre a obra de Xenofonte, esse argumento parece advir do pressuposto de que um filósofo mais refinado seria capaz de compreender melhor Sócrates. No entanto, esta é uma afirmação que vai contra quase qualquer metodologia de estudo de textos da Antigüidade, pois textos filosóficos mais refinados são normalmente tratados com

²⁶ TAYLOR, 1991

²⁷ “(...)there is not, and so far as we know there never was, any really faithful historical account of the personality of Socrates except the Academic tradition which goes back to Plato and the brilliant caricature which Aristophanes reasonably thought his own comic masterpiece.”

maior cuidado do que textos mais simples, justamente pelo fato de o filósofo estar mais propenso a modificar os fatos para provar a sua teoria do que um escritor supostamente mais neutro, como o caso de Xenofonte, ainda que não se possa cair no erro, freqüente, de que a simplicidade de Xenofonte signifique uma certa ingenuidade e falta de intenção no retrato de Sócrates.

E a tradição acerca de Sócrates é uma prova patente da segurança de tal método. É muito difícil, e muitas vezes extremamente complicado, conseguir comprovação da maioria das doutrinas que Platão atribui a Sócrates em seus diálogos, ao passo que as afirmações mais sóbrias de Xenofonte sobre a doutrina socrática, freqüentemente podem ser confirmadas pelo testemunho de outras fontes independentes, como Lísias e Aristipo.

Influenciado em boa parte pela curiosa interpretação de Taylor, Gilbert Murray²⁸ realiza uma das mais influentes análises d'*As Nuvens*, que ainda é bastante citada. Tomando como ponto de partida as conclusões das duas versões da obra e pressupondo um dado bastante precipitado de que o *agón* e a última cena pertenciam completamente à segunda versão, ele afirma que a primeira versão d'*As Nuvens* seria uma peça de um humor bastante refinado, que tratava tão somente de invectivas inteligentes e espirituosas contra Sócrates e sua escola. Porém, com a falta de sucesso desta primeira versão, Aristófanes teria mudado de maneira completa a comédia, acabando por criar *As Nuvens* que conhecemos, onde ele ataca Sócrates de maneira mais brutal e maliciosa. No geral, entretanto, Murray diz: "There is no attack on his [*i.e.* of Socrates] honour" e ele interpreta a comédia mais como uma paródia e ataque a Estrepsíades, que para ele não é capaz de usar os ensinamentos de Sócrates para o bem.

O que há de marcante nessa interpretação e a torna muito relevante é o reconhecimento que Murray faz do conhecimento que Aristófanes tinha de Sócrates, enumerando, a partir da sugestão de A. E. Taylor, as várias semelhanças que existem entre o Sócrates da comédia e o Sócrates histórico. Entretanto, a interpretação de Murray possui duas falhas relevantes: a primeira é que ele conclui que as partes de maior abuso a Sócrates encontram-se na parábase e no *agón*, o que é bastante duvidoso. E a segunda falha parte de um dado concreto, presente nos escólios: de que o *agón* e a parábase foram modificados para a segunda edição d'*As Nuvens*; mas Murray aqui ultrapassa esse dado concreto e conclui que

²⁸ MURRAY, 1933: 85-90.

todas essas passagens foram introduzidas para a segunda “edição” d’*As Nuvens*, que seria uma tentativa, por parte de Aristófanes, de ser mais abusivo.

Podemos ver nos escólios da comédia uma refutação dessa assunção, quando, exatamente no início dos comentários ao *agón*, o escoliasta afirma que os dois discursos estariam dispostos em jaulas como dois galos de briga, mas no texto de Aristófanes não há nenhum dado que suponha essa cenografia, os dois discursos apresentando-se, ao visto, como dois personagens normais. Disso, Dover conclui que o escólio refere-se à primeira versão, o que nega a suposição inicial de Murray de que o *agón* foi completamente reescrito – sendo que alguma semelhança entre ambos os *agônes* permaneceu, pela presença dos mesmos dois personagens: o discurso justo e o discurso injusto.

A interpretação mais influente da comédia *As Nuvens* é a de Kenneth Dover, que faz uma pesada crítica a Murray e tende a ignorar um pouco os outros comentários – alguns, por não fazerem mais sentido em sua época, e outros, por tacitamente o influenciarem. A sua teoria é de que não há nada de muito particular no Sócrates de Aristófanes, e que a crítica não é direcionada a um filósofo ou um pensamento em particular, mas a um *γένοϛ*, *i.e.* um tipo, uma *Idee* de pensador, e, como Sócrates era o mais famoso de seu tempo, ele conseqüentemente seria o seu alvo preferido. Podemos ver que Dover reabilita a antiga interpretação do início do século XIX, esposada por Röscher, despidendo-a da sua carga filosófica original.

O grande sucesso da interpretação de Dover dá-se principalmente na refinada avaliação das doutrinas ensinadas pelo Sócrates d’*As Nuvens*. Ao contrário do que normalmente era afirmado até então, a filosofia deste trecho, segundo o autor, está mais para Diógenes de Apolônia do que para Anaxágoras – desta forma negando aqueles que tentam atribuir uma ligação desta filosofia à juventude de Sócrates (Diógenes era seu contemporâneo quase exato). Sua teoria era de que Aristófanes usou Sócrates como um mero representante de uma classe porque a ele faziam pouco sentido as sutis diferenças entre ele e os Sofistas, da mesma forma que há pessoas que pouco distinguem “Brahms de Rachmaninoff, o partido trabalhista (britânico) do comunista”, para usar a afirmação de Dover.

Tal afirmação não se sustenta pelo fato de que Brahms e Rachmaninoff, a despeito das diferenças, possam ser comparados e julgados de acordo com uma característica comum: a de compositores românticos. Há, decerto, pontos suficientes de contato entre a social-democracia e o comunismo para perceber como podemos incluir ambos em um grupo; assim, pois, basta comparar os compositores a Bach e os partidos políticos ao partido Tory. A crítica de Martha Nussbaum baseia-se toda nesta interpretação: pois não é porque uma

individualidade seja diferente de outra que não se pode achar pontos de contato para uma comparação e uma crítica conjunta.

Embora ele se refira a este problema apenas de passagem, se as doutrinas esposadas por Sócrates admitem uma certa dúvida quanto a sua origem, as características externas são mais verosimelhamente próximas à figura histórica de Sócrates.

Um tipo diferente de interpretação é proposto por Martha Nussbaum²⁹, Werner Jäger³⁰ e Leo Strauss³¹. Os três possuem abordagens semelhantes, que podemos classificar de “culturais”, pois todos partem do pressuposto de que há um conflito entre o pensamento de Sócrates e o tipo de educação que Aristófanes defende, e que *As Nuvens* surgem a partir deste conflito. A comédia seria, portanto, na visão de Martha Nussbaum, o resultado do conflito entre a educação antiga, esposada por Aristófanes, e a educação moderna que Sócrates traz consigo.

Leo Strauss parte do pressuposto de que Aristófanes não desconhece completamente a figura de Sócrates, mas, constrangido pelo gênero da comédia, ele deve caracterizar Sócrates de uma maneira diferente da de Platão ou Xenofonte. Por exemplo, a famosa continência de Sócrates que vemos n’*O Banquete*, onde ele é capaz de resistir ao vinho, ao sono e a Alcibíades, em Aristófanes é transformada na facilidade em suportar as picadas de mosquitos. Strauss também pressupõe um conflito íntimo entre poesia e filosofia: para ele, Aristófanes as considerava duas formas de conhecimento concorrentes e deseja demonstrar que a poesia era a melhor, pelo bem que trazia à cidade. O Sócrates de Aristófanes, segundo Strauss, é a figura que é incapaz de reconhecer as particularidades humanas e políticas, porque está apenas interessado no conhecimento elevado, sendo este o motivo que o coloca perigosamente acima das leis humanas.

Sócrates é, ainda segundo Strauss, um representante típico do personagem cômico, que, em paralelo com o personagem trágico que vai contra as leis humanas ou divinas em um ato de ὕβρις, também infringe tais leis, mas em um ato de ἀλαζονεία. Sócrates seria o exemplo mais importante e relevante do falastrão, no modelo do Salsicheiro e de Lâmaco nas comédias anteriores. Porém, para tal personagem cômico funcionar, é necessário que o charme de Sócrates não seja exibido, e seria por esta razão que a iniciação de Fidípides é realizada toda fora de cena. Para Strauss, parte da diferença entre Aristófanes, Platão e Xenofonte está neste ponto de vista particular: enquanto os últimos dois estiveram, a exemplo

²⁹ NUSSBAUM, 1982

³⁰ JÄGER, 2001: 414-440

³¹ STRAUSS, 2001.

de Fidípides, na presença de Sócrates, Aristófanes conheceria tão somente a figura pública do filósofo grego.

Uma nova, e bastante original, interpretação foi proposta por Marie-Pierre Noël³² em um artigo recente. Segundo ela, Aristófanes não estaria atacando Sócrates, tampouco representando uma figura genérica do intelectual, como propõem Dover ou Bowie. Tampouco ela compartilha da opinião de Murray de que Aristófanes foi obrigado a atacar mais ferozmente Sócrates. Segundo ela, Aristófanes se identifica também com Sócrates e ambos são representantes da mesma nova educação.

Para Marie-Pierre Noël, Aristófanes não se volta contra os sofistas, aqueles que nós chamamos de tais, pois não é esse o assunto a que Sócrates se dedica mas sim a estudar os assuntos celestiais (τὰ μετέωρα), que não teriam nada a ver com personagens tais quais Pródico, Protágoras e outros.

A interpretação é bastante original, e marca com certeza alguns pontos importantes da comédia de Aristófanes: o primeiro é a imprecisão da terminologia de Aristófanes e o fato de que, realmente, ele invoca para si algumas características que são típicas daqueles que ele estaria teoricamente criticando, como o pendor para a inovação e a alegação de sabedoria; o segundo é que não há, de fato, separação no século V entre filósofo e outras categorias de pensadores; além disso, não se pode assumir que “discurso forte-justo” e “discurso fraco-injusto” sejam pares realmente válidos para Aristófanes, uma vez que são expressos somente por Estrepsíades – figura sempre caracterizada como ignorante. Também não é garantida, na verdade, a admiração que ele teria pela educação antiga, e ela marca de maneira bem precisa a sutileza do ridículo com que Aristófanes caracteriza o “discurso forte”.

No entanto, esta interpretação falha ao considerar que os assuntos celestiais são prova de que não há ataque aos sofistas como Pródico e outros. Isso é equivocado porque Pródico é atacado n’*As Aves* exatamente por este motivo, e também porque temos informações de que alguns sofistas se destacavam na discussão de tais assuntos, como o escoliasta d’*As Aves* nos revela em relação a Pródico. Visto ser esse o único argumento fornecido contra a identificação das figuras da comédia com os sofistas, e como os dados sofísticos abundam na comédia – como a teoria dos dois discursos, o ensino de algum tipo de arte de falar e o aparente relativismo – devemos voltar a considerar que os sofistas, tais quais nós os conhecemos, foram o alvo principal ou, ao menos, um dos alvos importantes da comédia.

³² NOËL, 2000: 111-128.

Todas estas interpretações, por assim dizer, “culturais” falham, entretanto, naquilo que Dover marca de forma bastante perspicaz: as características das doutrinas do Sócrates histórico e do Sócrates de Aristófanes são radicalmente diferentes. Desse modo, ainda que resumam de forma profunda o que Aristófanes desejava dizer com *As Nuvens*, não solucionam o problema da incoerência entre o Sócrates histórico e o Sócrates de Aristófanes.

Martha Nussbaum e Werner Jäger tendem a esquecer tal questão. Para Leo Strauss, isso deriva apenas do fato de o Sócrates do *Fédon* de Platão afirmar que se interessou por ciência natural anteriormente, sendo a comédia *As Nuvens*, portanto, datada de um momento posterior. Mas tal argumento tem um defeito por não sobreviver ao escrutínio da datação dramática dos diálogos de Platão: por exemplo, com base na datação dramática tradicional do diálogo *Protágoras*, por volta do ano de 430 a. C., *As Nuvens* de Aristófanes já devem apresentar um Sócrates posterior a essa data, mas no diálogo de Platão ele aparece já interessado nas questões que marcam a nossa concepção de Sócrates, o que mostra que há um real desvio entre o Sócrates histórico e o Sócrates de Aristófanes, e não uma mera questão de datação.

1.4. CARACTERIZAÇÃO DE SÓCRATES POR ARISTÓFANES

No entanto, não é somente no campo teórico que Sócrates é descrito. Um elemento importantíssimo de toda a literatura e que, nos estudos sobre *As Nuvens*, bem como nos estudos sobre literatura grega em geral, é frequentemente negligenciado, é o comportamento não-verbal, ou seja, as características e atitudes que, por si próprias, carregam significado dentro do texto. No entanto, um livro recente de Donald Lateiner³³ chama a atenção para o refinamento do qual Homero se vale no uso de ações não-verbais e como elas nos permitem uma leitura mais completa da *Odisséia*. Nesse espírito e munidos um pouco desse conhecimento, podemos inicialmente ver se o comportamento não-verbal de Sócrates n’*As Nuvens* nos abre caminho para uma maior compreensão da mesma, e podemos, para começar, concentrarmo-nos exclusivamente na caracterização não-verbal de Sócrates.

O motivo para isso é simples. Tradicionalmente, como foi visto no breve quadro da tradição acima, as grandes questões em torno d’*As Nuvens* baseiam-se na coerência interna e externa das idéias esposadas pelo Sócrates da comédia, e pouca atenção é dada para a possibilidade de se ver algo de particular na caracterização física de Sócrates. A importância

³³ LATEINER, 1998.

disso reside em que normalmente dá-se por garantido que Aristófanes caracteriza Sócrates fielmente por esse ser uma figura pública e conhecida em Atenas (há inclusive uma citação de Eliano em relação a isto³⁴), mas qualquer descoberta de diferenças pode abrir caminho para uma melhor compreensão d'*As Nuvens*.

Como todo grande cômico, Aristófanes não se descuida da caracterização não-verbal de seus personagens; um exemplo fora d'*As Nuvens* muito claro é o do demagogo Cléon, que Aristófanes coloca em cena várias vezes. Seguem duas citações de Aristófanes que nos permitem fazer um quadro bem completo de Cléon e seu tipo de oratória:

Αὐτὸς δὲ Κλέων ὁ κεκραξιδάμας μόνον ἡμᾶς οὐ περιτρώγει³⁵

E o próprio Cléon, que domina pelo grito, somente a nós não engole.

Οὔτοι μὰ τοὺς δώδεκα θεοὺς χαιρήσετον
 ὅτι ἢ πὶ τῷ δήμῳ ξυνόμνυτον πάλαι.
 Τουτὶ τί δρᾷ τὸ Χαλκιδικὸν ποτήριον
 Οὐκ ἐσθ' ὅπως οὐ Χαλκιδέας ἀφίστατον
 Ἀπολεῖσθον, ἀποθανεῖσθον, ὦ μιαρωτάτῳ³⁶

De jeito nenhum, pelos doze deuses, vocês dois vão se alegrar
 Com o que contra o povo conspiram há muito.
 O que faz essa garrafa Calcídica?
 Não será possível que vocês não se afastem das Calcídicas:
 Perecerão! Morrerão! Ó imundíssimos!

A primeira indica uma característica não-verbal de Cléon, isto é, a facilidade de ele gritar, e a segunda, de um certo modo, nos confirma tal característica ao demonstrar um discurso extremamente inflamado, terminando com uma série de invocativas sem ligação sintática, que refletem uma grande exaltação da parte do orador.

³⁴Eliano, *Varia Historica* 2.13: ἀλλ' οἷ γε ξένοι, τὸν γὰρ κωμωδούμενον ἠγνόουν, θροῦς παρ' αὐτῶν ἐπανίστατο, καὶ ἐζήτουν ὅστις ποτὲ οὗτος ὁ Σωκράτης ἐστίν. ὅπερ οὖν ἐκεῖνος αἰσθόμενος (καὶ γὰρ τοὶ καὶ παρῆν οὐκ ἄλλως οὐδὲ ἐκ τύχης, εἰδὼς δὲ ὅτι κωμωδοῦσιν αὐτόν: καὶ δὴ καὶ ἐν καλῷ τοῦ θεάτρου ἐκάθητο), ἵνα οὖν λύσῃ τὴν τῶν ξένων ἀπορίαν, ἐξαναστὰς παρ' ὅλον τὸ δρᾶμα ἀγωνιζομένων τῶν ὑποκριτῶν ἐστῶς ἐβλέπετο.

Mas entre os estrangeiros, como desconheciam o alvo da comédia, levantou-se um murmúrio e eles procuraram saber quem era aquele tal de Sócrates. E aquele, ao perceber isso (pois também ele estava presente não de outro modo senão por acaso, sabendo que o escarneciam, e por isto sentou-se em um bom lugar do teatro), e para acabar com a confusão dos estrangeiros, permaneceu de pé durante todo o drama, enquanto os atores representavam, de pé era visto.

³⁵*Vespas* 846

³⁶*Cavaleiros* 235-9

Com efeito, a figuração de tal comportamento de Cléon não consiste apenas em uma injúria de Aristófanes, uma vez que ele é confirmado por diversas fontes como Tucídides e Aristóteles:

Κλέων ὁ Κλεινέτου, ὅς δοκεῖ μάλιστα διαφθεῖραι τὸν δῆμον ταῖς ὀρμαῖς καὶ πρῶτος ἐπὶ τοῦ βήματος ἀνέκραγε καὶ ἐλοιδορήσατο, καὶ περιζωσάμενος ἐδημηγόρησε τῶν ἄλλων ἐν κόσμῳ λεγόντων.³⁷

Cléon o filho de Cleaneto, o que mais parecia fazer perder o povo com a impulsividade e que foi o primeiro a gritar no palanque e injuriar, subindo armado, fazia discursos públicas, enquanto os outros falavam de maneira ordenada.

Tais fontes confirmam a impulsividade de Cléon e seu estilo de oratória aos gritos. Vemos, assim, apenas com um exemplo, mas que poderia ser expandido para outros personagens dos quais possuímos outras fontes, como Aristófanes usa características pessoais dos personagens baseadas em figuras reais e as coloca em cena, e muitas vezes, como seria de se esperar, como um recurso cômico.

A Caracterização não-verbal de Sócrates

Uma das maneiras que melhor nos permite ver como Aristófanes aproximou ou afastou o seu Sócrates do Sócrates histórico é por meio de sua caracterização não-verbal na comédia, isto é, seu vestuário, as expressões de sua face, o tom de sua voz e, de maneira mais controversa, a máscara teatral. Temos uma grande massa de informações a esse respeito nos escritos sobre Sócrates, que constituem uma importante descrição do próprio filósofo, de suas características e seu comportamento. Um exemplo muito claro disso é o diálogo *Teeteto*, onde temos uma descrição bastante detalhada da sua aparência, em que essa serve para fazer uma diferenciação básica na filosofia platônica: a distância entre o mundo inteligível e o mundo sensível.

Pela incerteza que ronda a questão da caracterização de Sócrates, comecemos por ela. *As Nuvens* não apresentam nenhuma linha clara sobre a fisionomia de Sócrates, e podemos apenas fazer uma inferência, com muito boa vontade, de uma suposta falta de cabelo, a partir do verso 149:

{Μα.} λέξω, νομῖσαι δὲ ταῦτα χρῆ μυστήρια.
ἀνήρετ' ἄρτι Χαίρεφώντα Σωκράτης

³⁷ Tucídides, 3, 36.

ψύλλαν οπόσους ἄλλοιτο τούς αὐτῆς πόδας.
 Δακοῦσα γὰρ τοῦ Χαιρεφώντος τὴν οφρύν,
 ἐπὶ τὴν κεφαλὴν τὴν Σωκράτους ἀφήλατο.

Direi, mas deve-se julgar estas coisas como mistérios.
 Há pouco Sócrates inquiriu Querefonte sobre
 Quantas vezes uma pulga saltaria os próprios pés .
 Pois depois de ter mordido a sobrançelha de Querefonte
 Ela pulou para a cabeça de Sócrates.

Na verdade podemos inferir isso apenas se possuímos as tradicionais representações de Sócrates como careca. A primeira fonte que possuímos, que relata a falta de cabelo de Sócrates, encontra-se em Hegesandro de Delfos³⁸, já bastante afastada dele. Além do mais, Sócrates foi condenado à morte no ano de 399 a. C., aos 75 anos, tendo sido a peça escrita em 421, quando ele estaria com 43 anos, sendo bem provável que sua aparência tenha mudado sensivelmente neste intervalo de anos. O que é certo, e muitas vezes é completamente ignorado nas montagens e ilustrações modernas, é que a caracterização de Sócrates como um professor grisalho não está presente na comédia e de certo modo não era de se esperar.

Se a fisionomia está ausente em Aristófanes, ela certamente está bem documentada no *Teeteto* de Platão:

Καὶ εἶ μὲν ἦν καλὸς, ἐφοβούμεν ἄν σφόδρα λέγειν, μὴ καὶ τῷ δόξῳ ἐν ἐπιθυμίᾳ αὐτοῦ εἶναι. νῦν δέ – καὶ μὴ μοι ἄχθου – οὐκ ἔστι καλός, προσέοικε δὲ σοὶ τὴν τε σιμότητα καὶ τὸ ἔξω τῶν ὀμμάτων ἦπτον δὲ ἢ σὺ ταῦτ' ἔχει ἀδεῶς δὴ λέγω³⁹.

Se fosse belo, eu teria bastante medo de falar, para que não parecesse estar desejando-te. Mas agora – e não se irrite comigo – ele não é belo, e parece-se contigo pelo nariz achatado e pelos olhos esbugalhados – mas ele tem isso menos do que tu, digo sem medo.

No *Banquete*, Aristófanes é comparado a um Sileno:

Φημί γὰρ δὴ ὁμοιώτατον αὐτὸν εἶναι τοῖς σιληνοῖς ἐν τοῖς ἐρμογλυφεῖοις καθημένοις, οὓστινας ἐργάζονται οἱ δημιουργοὶ σύριγγας ἢ αὐλοὺς ἔχοντας, οἳ διχάδε διοιχθέντες φαίνονται ἔνδοθεν ἀγάλματα ἔχοντες θεῶν. Καὶ γὰρ φημι αὐτὸν εἰκόθεν αὐτὸν τῷ σατύρῳ τῷ Μαρσῦ. ὅτι μὲν οὖν μὲν τό γε εἶδος ὁμοῖος εἶ τούτοις ὡς Σώκρατες.

Pois digo que ele é parecidíssimo com os silenos que ficam assentados nas estátuas de Hermes. Aqueles que os escultores fazem possuindo uma siringe ou flautas, e

³⁸ Fr. 1, Muller.

³⁹ Platão, *Teeteto*, 143e

que, separados em duas partes, mostram possuir em seu interior imagens de deuses. E eu também digo que te pareces com o sátiro Mársias, porque és semelhante no aspecto a estes, ó Sócrates (...)

É quase um *locus communis*, especialmente na obra de Platão, a figuração de Sócrates como uma figura de aparência rude ou desagradável. No entanto, isso pode ser visto como um exagero⁴⁰, seja devido ao grupo e às filiações aristocráticas de Platão, ou devido à própria teoria platônica realista, que pressupõe e necessita de uma separação entre os domínios sensível e inteligível; e a figura de um filósofo bastante feio, mas capaz de expressar idéias sublimes, cai como uma luva nessa filosofia.

Um adaptador corporal, não sendo exatamente uma característica permanente, são as roupas e o asseio de Sócrates:

καὶ μηδὲν εἴπης φλαῦρον ἄνδρας δεξιούς
καὶ νοῦν ἔχοντας: ὧν ὑπὸ τῆς φειδωλίας
ἀπεκεῖρατ' οὐδεὶς πώποτ' οὐδ' ἠλείψατο,
οὐδ' ἐς βαλανεῖον ἦλθε λουσόμενος:⁴¹

E não diga nada prejudicial desses homens dignos
e cordatos, dos quais nenhum por causa da sua moderação
jamais cortou os cabelos, nem untou-se,
nem foi aos banhos para se lavar:

Encontramos uma referência ao modo de Sócrates vestir-se nas *Memoráveis* de Xenofonte, a qual de um certo modo confirma o que diz Aristófanes.

ἀλλ' οὐ μὴν θρυπτικός γε οὐδὲ ἀλαζονικός ἦν οὔτ' ἀμπεχόνῃ οὔθ'
ὑποδέσει οὔτε τῇ ἄλλῃ διαίτῃ.⁴²

Mas não era sofisticado nem charlatanesco, nem na vestimenta, nem no calçado, nem em outra maneira de viver.

Em relação a estes adaptadores corporais, certamente há uma grande proximidade, pois Sócrates vestia-se da maneira mais frugal possível, diz-nos Xenofonte aqui. Aristófanes apenas usou, talvez com algum exagero, tal procedimento para caracterizá-lo como mal vestido, e, além disso, podemos interpretar a acusação de não se banhar também a partir dessa descrição de um Sócrates extremamente frugal, uma vez que no século V a. C. o hábito de frequentar os banhos públicos era considerado uma característica de extremo luxo. Assim, a

⁴⁰ Esta é também a opinião de Dover.

⁴¹ *Nuvenis*, 834-7.

⁴² Xenofonte, *Memoráveis* 1.2.5.

abstinência por parte de Sócrates desses hábitos, observada por Xenofonte, é aqui transformada em uma característica cômica.

Mas talvez uma das características mais particulares de Sócrates, que Aristófanes introduziu na comédia, foi seu modo de olhar de maneira fixa para as pessoas:

ὅτι βρενθῦει τ' ἐν ταῖσιν ὁδοῖς καὶ τῶφθαλμῶ παραβάλλεις.⁴³

porque se pavoneia nos caminhos e fixa os dois olhos..

Temos uma confirmação exatamente com a citação deste verso no *Banquete* de Platão:

ἔπειτα ἔμοιγ' ἐδόκει, ὦ Ἀριστόφανες, τὸ σὸν δὴ τοῦτο, καὶ ἐκεῖ διαπορεύεσθαι ὥσπερ καὶ ἐνθάδε, βρενθυόμενος καὶ τῶφθαλμῶ παραβάλλον ἡρέμα παρασκοπῶν καὶ τοὺς φιλίους καὶ τοὺς πολεμίους⁴⁴.

Em seguida, parece-me, ó Aristófanes, ser este o seu caso, e lá passar como aqui, pavoneando-se e fixando os dois olhos, observando tranquilamente tanto os amigos quanto os inimigos.

Aqui estão em destaque dois tipos de adaptadores corporais: em primeiro lugar os olhos de Sócrates, que seriam sensivelmente proeminentes, e, em segundo, o costume de Sócrates de olhar para todos de maneira muito inquisitiva, o que é sem dúvida uma característica marcante que revela uma certa falta de tato social. Aristófanes não desenvolve essa característica como outras, e talvez o ator em cena tenha destacado essa e outras de maneira mais evidente. Entretanto, Aristófanes deixa uma dica sobre esse costume de Sócrates, que permite vislumbrar essa característica que é confirmada em outras fontes.

Podemos ver, pois, como Aristófanes usa características do Sócrates histórico n' *As Nuvens*, onde muito do comportamento do personagem tem uma estreita relação com a figura de Sócrates que conhecemos de outras fontes. Portanto, no que diz respeito às características particulares de cada um, Aristófanes aproximou-se bastante da figura que era conhecida por todos os atenienses. Devemos nos referir novamente à anedota, contada por Eliano,⁴⁵ de que alguns estrangeiros comparecendo à comédia teriam se perguntado quem seria esse Sócrates, e o próprio teria se levantado, como para mostrar a semelhança entre ambos.

⁴³ *Nuvens*, 362.

⁴⁴ *Banquete*, 221b.

⁴⁵ *Várias histórias* 2, 13.

No entanto, há uma característica física que se afasta desse quadro, que é a suposta palidez de Sócrates e de seus discípulos, da qual somos informados em várias passagens, como, por exemplo, no verso 103:

Αἰβοὶ, πονηροὶ γ', οἶδα. Τοὺς ἀλαζόνας,
τοὺς ὠχρίωντας, τοὺς ἀνυποδήτους λέγεις,
ὧν ὁ κακοδαίμων Σωκράτης καὶ Χαίρεφών.

Ai, os terríveis, eu conheço. Falas dos charlatões,
Dos empalidecidos, dos sem calçados,
Dentre os quais o maldito Sócrates e Querefonte

O tom da pele é um adaptador corporal importantíssimo na Grécia antiga, por ser uma característica essencial da diferenciação dos gêneros. As mulheres, tradicionalmente, ficavam confinadas em casa, e acabavam por ter uma pele bem pálida, enquanto os homens, dedicados às atividades exteriores como a agricultura (para os mais pobres), o esporte (boa parte das atividades era exercida a céu aberto) ou mesmo às atividades da ágora, estavam sujeitos a um nível de insolação muito maior, resultando, portanto, em uma pele bronzeada. Dessa forma, disfarçar o tom de pele torna-se um motivo importantíssimo nos travestimentos das comédias de Aristófanes, seja um homem que se trai entre mulheres pelo seu tom moreno, como é o caso do parente de Eurípides nas *Mulheres que celebram as Tesmofórias*, ou as mulheres que encontram dificuldades em esconder seu tom de pele pálido quando se disfarçam de homens na *Assembléia de mulheres*. É também uma característica comum da iconografia que resgatamos nos vasos gregos as mulheres serem caracterizadas sempre com a pele clara, e os homens conforme a técnica de pintura do vaso. Assim, ao nomear e descrever de maneira bastante repetitiva o tom de pele de Sócrates e seus discípulos como pálido, Aristófanes não apenas os está caracterizando como pessoas completamente dedicadas ao estudo, e sim relativizando uma das principais características masculinas do grupo, algo que pode ser visto até mesmo como uma invectiva de Aristófanes. Esta questão da excessiva feminilidade dos socráticos será mais tarde, e em termos completamente diferentes, tratada de forma ampla no *agón* da comédia.

O problema com que nos encontramos neste momento é se essa característica em especial é confirmada por outros testemunhos. Como bem comprova esta passagem de Xenofonte:

Ἀλλὰ μὴν ἐκεῖνός γε αἰεὶ μὲν ἦν ἐν τῷ φανερῷ πρῶ τε γὰρ εἰς περπάτους καὶ γυμνάσια ἦει καὶ πληθούσης ἀγορᾶς ἐκεῖ φανερός ἦν, καὶ τὸ λοιπὸν αἰεὶ τῆς ἡμέρας ἦν ὅπου πλείστοις μέλλοι συνέσεσθαι.⁴⁶

Porém, aquele sempre esteve às vistas. Pois de manhã passeava e ia aos ginásios e sempre era visível quando a ágora estava cheia, e no resto do dia ele sempre estava onde encontrasse a maior parte de pessoas.

Não encontramos nenhuma confirmação dessa característica na literatura dos discípulos e podemos até encontrar dados para refutá-la, primeiro pelo fato de Sócrates ter participado ativamente das batalhas do início da guerra do Peloponeso, o que é uma demonstração de sua atividade física; segundo pela própria descrição da participação de Sócrates em diversas atividades ao ar livre que provavelmente davam-lhe o mesmo tom de pele de seus concidadãos. Assim, a descrição de uma suposta pele branca de Sócrates é inverossímil, dadas as atividades de que ele participava, e tal descrição parece calhar bem para Aristófanes, por convir ao quadro desejado para seu personagem: o filósofo natural separado da realidade e efeminado. Nessa passagem, a conveniência dessa característica é um forte indício de sua artificialidade.

Esse detalhe da cor da pele nos mostra que não é em todas as características físicas que o personagem se parece com o Sócrates histórico. Aristófanes está pronto a sacrificar um pouco da verossimilhança para a composição de um personagem, algo que se expressa de maneira clara com a questão do elemento da cor da pele na comédia, que provavelmente não convinha às atividades de Sócrates. Isso mostra que Aristófanes nem sempre se mantinha fiel às características do κωμωδούμενος e era capaz de modificá-lo por um tipo ideal. Se isso ocorre em um caso tão claro como o da aparência, sendo Sócrates um homem visto por muitos em Atenas, podemos supor que Aristófanes está pronto para fazer o mesmo quando se trata de suas opiniões e do seu comportamento. Ou seja, muito do que Sócrates faz na comédia é utilizado por Aristófanes apenas para compor um quadro ideal do tipo de personagem com o qual ele quer que aquele se pareça.

Doutrinas Socráticas n'As Nuvens?

Embora tradicionalmente a crítica tenha reconhecido os pontos em que Aristófanes está enganado a respeito das atividades de Sócrates, em alguns casos podemos entrever alguma relação positiva entre o Sócrates da cena e os relatos que temos da personagem por

⁴⁶ *Memoráveis*, 1, 1, 10.

outras fontes sobre sua vida. Uma outra referência que nosso conhecimento de Sócrates consegue avaliar se encontra no verso 137:

καὶ φροντίδ' ἐξήμβλωκας ἐξηρημένην

E abortaste um pensamento descoberto.

A essa passagem corresponde, de forma bem precisa, esta do *Teeteto* de Platão (149d):

Καὶ μὴν καὶ διδοῦσαί γε αἱ μαῖαι φαρμάκια καὶ ἐπάδουσαι δύνανται ἐγείρειν τε τὰς ὠδῖνας καὶ μαλακωτέρας ἂν βούλωνται ποιεῖν, καὶ τίκτειν τε δὴ τὰς δυστοκούσας, καὶ ἔαν νέον ὄν δόξη ἀμβλίσκειν, ἀμβλίσκουσιν.

E, com efeito, também as parteiras, por meio da administração de remédios e de invocações, são capazes de despertar as dores e, se quiserem, de fazê-las mais brandas, e tanto de fazer as difíceis (de parir) parirem quanto de fazê-las abortar um bebê que julgam que será abortado.

A concisão é impressionante: Aristófanes é capaz de usar apenas uma palavra (o verbo ἐξαμβλόω, “abortar”) e com isso evocar toda a doutrina da maiêutica socrática, que momentos depois, no diálogo platônico,⁴⁷ Sócrates definirá como sua única habilidade. Tal citação, afirmam alguns comentadores, demonstra um conhecimento seguro de Sócrates e suas atividades, uma vez que não é um ambiente esperado para o uso dessa palavra, e, podemos adicionar, ela se encontra justamente no início da peça, dita por alguém que aparenta conhecê-lo profundamente. Uma outra semelhança é que logo em seguida o discípulo diz que não pode relatar o pensamento, por ser ele um mistério, e, da mesma forma, Sócrates pede a Teeteto⁴⁸ para não divulgar a informação sobre o seu método.

No entanto, tal passagem concerne uma questão bastante discutida recentemente na bibliografia socrática. De acordo com um artigo de M. F. Burneyat⁴⁹, partindo de uma suposição de Dover, que logo iremos comentar, tal maiêutica socrática jamais existiu – ela seria uma invenção de Platão. Portanto, em tal passagem apareceria tão somente uma coincidência entre as palavras de Aristófanes e as do *Teeteto* de Platão. Lançando mão de um argumento puramente filosófico, e não filológico, e baseando-se em alguns poucos testemunhos de Xenofonte e nos primeiros diálogos platônicos, Burneyat propõe que a

⁴⁷ Platão, *Teeteto* 150 d.

⁴⁸ *Teeteto* 149 c.

⁴⁹ BURNYEAT 1977:7-16.

dialética de Sócrates era tão somente destrutiva, isto é, seu principal objetivo seria o de levar seus interlocutores a um estágio de aporia, visando a desconstrução das suas idéias. A idéia da maiêutica, no entanto, conforme exposta de maneira clara no *Teeteto*, é exatamente oposta, e diz respeito a uma dialética e um pensamento que visam à obtenção de um resultado, ou, nos termos de Burnyeat, de uma estratégia construtiva. Portanto, tal conceito jamais poderia ser socrático, e sim platônico por essência, porque ele também está ligado a idéias dos últimos diálogos, como *Fedro*, *República*, etc.

A idéia de que tal doutrina da maiêutica não era originalmente socrática fora considerada anteriormente, justamente no comentário de Dover à tal passagem. Inicialmente, ele tenta desacreditar essa afirmação com base no argumento de que a consideração sobre a maiêutica encontra-se em um diálogo relativamente tardio de Platão. O fato dela não aparecer em nenhum outro diálogo anterior e de se aproximar da maiêutica socrática (ou platônica, segundo a teoria de Burneyat) tornaria tal doutrina extremamente improvável, e seria tão somente uma fortuita coincidência. Além disso, o nome fornecido para a mãe de Sócrates, segundo Burneyat, teria sido uma criação platônica, pois o nome Fenarete (“que faz aparecer a virtude”) seria bom demais para ser verdade.

Entretanto, para validar esta tese, seriam necessárias duas comprovações: primeiramente provar que na Comédia Ática, ou em algum outro texto grego, o verbo abortar é usado de forma figurada, o que não acontece, pois na verdade a palavra jamais é atestada em sentido figurativo. E, em segundo lugar, também não é persuasivo o argumento da data do *Teeteto*, primeiro porque a tradicional datação e evolução do pensamento de Platão parte do pressuposto de que suas primeiras obras são mais ligadas ao pensamento de Sócrates, e que, com o tempo, Platão vai se desvinculando da influência de seu mestre e criando uma filosofia própria. Por fim, Burnyeat parte do falso pressuposto de que a não referência à maiêutica alhures é prova de sua inexistência. A semelhança dos conceitos e sua proximidade são muito evidentes para serem descartadas, e Dover parece fazê-lo aqui simplesmente para suportar seu argumento de que Aristófanos não faz nenhum comentário verdadeiramente ligado a Sócrates, e sim critica um “filósofo ideal”⁵⁰.

Não é também de todo correto o argumento de que não há nenhuma informação a respeito da maiêutica em outros diálogos, pois, em um outro artigo⁵¹, J. Tomin mostra que há uma boa base filológica para se acreditar na existência de Fenarete, a mãe de Sócrates, e que

⁵⁰ DOVER, 1968: xxxii-lvii e vide *supra*

⁵¹ TOMIN, 1987: 97-102.

há também passagens no *Cármides* e no *Menon* que podem muito bem ser referências à maiêutica⁵².

Outros pesquisadores tentaram aproximar as doutrinas de Sócrates de informações e versos presentes na comédia de Aristófanes. Um exemplo radical de tal ponto de vista é defendido por Philippson, em um artigo de 1932⁵³. De acordo com ele, vários usos de verbos tais quais τέμνω “cortar”, διαιρέω “distinguir, separar”, συνάγω “ajuntar”, que são encontrados em alguns trechos da comédia, são referências veladas ao método dialético socrático. Philippson também tenta mostrar que muitas das afirmações de Sócrates em obras como a *Apologia* devem ser levadas em conta somente como isso, apologias, porque ele tenta encontrar várias passagens em outras situações que demonstrem que a doutrina e o ensinamento de Sócrates não eram tão abertos como ele assim pregava e Xenofonte nos faz acreditar⁵⁴.

No entanto, vemos uma outra semelhança entre as notícias dos métodos de Sócrates e *As Nuvens* na seguinte passagem: quando Estrepsíades será iniciado nos “mistérios” do grupo de Sócrates, a principal qualidade que deve ser testada nele para entrar no grupo é possuir uma boa memória – μνημονικός⁵⁵. Também será essa a razão de Sócrates desistir de ensiná-lo, ele esquece-se de tudo – ἐπιλησμών. Ainda que alguns trechos de Platão afirmem que a memória é um elemento importante para a filosofia e o pensamento, esta passagem foi frequentemente esquecida ou deixada de lado, até mesmo por aqueles que, como Murray, tentaram provar a proximidade entre Platão e Aristófanes. Em Xenofonte há um pequeno trecho cuja proximidade chega a nos impressionar:

ἔτεκμαίρετο δὲ τὰς ἀγαθὰς φύσεις ἐκ τοῦ ταχύ τε μανθάνειν οἷς προσέχοιεν καὶ μνημονεύειν ἃ ἂν μάθοιεν καὶ ἐπιθυμῆιν τῶν μαθημάτων πάντων δι' ὧν ἔστιν οἶκόν τε καλῶς οἰκεῖν καὶ πόλιν καὶ τὸ ὅλον ἀνθρώποις τε καὶ τοῖς ἀνθρωπίνοις πράγμασιν εὖ χρῆσθαι⁵⁶.

E reconhecia as boas naturezas por aprenderem rápido no que se concentravam e por lembrarem o que aprenderam e por desejarem todos os ensinamentos pelos quais é possível uma casa e uma cidade serem bem habitadas e por serem úteis a todos os homens e a todas as coisas humanas

⁵² Platão, *Cármides* 156d, *Ménon* 83a.

⁵³ PHILIPPSON, 1932.

⁵⁴ Cf. Xenofonte, *Memoráveis* I-11, Platão, *Apologia* 17c.

⁵⁵ Aristófanes, *Nuvens*, 483.

⁵⁶ Xenofonte, *Memoráveis* 4-1.

Quanto a esta passagem, pode-se discutir se ela é um dado único em relação a Sócrates que Aristófanes fielmente reproduz; no entanto, ela pode ser um dado cultural relacionado a todos os pensadores, ou a toda a Atenas do século V a.C., o que destituiria tal evidência de valor. Aristófanes pode estar usando esta passagem apenas para ressaltar a baixa qualidade da cognição de Estrepsíades.

Porém, há que se ressaltar que se trata de uma afirmação em tom solene vinda do coro d'*As Nuvens*, e não meramente de Sócrates, e que ela não seria necessária para caricaturar Estrepsíades como alguém sem as capacidades mnemônicas suficientes – muito provavelmente por ser um velho. Esta freqüente afirmação é provavelmente uma reiteração de algo que não existiu, ou que estava sendo suplantado em sua época. Além disso, o próprio Sócrates em vários outros momentos destaca com grande clareza a importância que a memória tinha para ele.

Outros comentaristas tentaram ver outros paralelos entre a possível doutrina socrática e *As Nuvens*, especialmente no vocabulário que Sócrates usa na comédia. Entretanto, não foi possível encontrar nenhum verdadeiro paralelo, e normalmente buscou-se exagerar o significado de vocábulos comuns na língua grega.

Mas certamente é necessário reforçar, por exemplo, que quando Sócrates elege o Vórtice como o grande senhor do universo que destronou Zeus, Aristófanes não faz outra coisa senão parodiar as teorias de Diógenes de Apolônia sobre a natureza do mundo e o ar em movimento como o princípio de todas as coisas⁵⁷.

O que possuímos desse grande quadro é que Aristófanes certamente conhece Sócrates, e mesmo é capaz de reconhecer e citar algumas de suas doutrinas, conseguindo mesmo tirar um efeito cômico disso. Entretanto, esse quadro não é de todo coerente, pois muitas das doutrinas referem-se a filósofos como Diógenes de Apolônia ou Anaxágoras, e muitos dos procedimentos são típicos dos sofistas. Parece-me provado e, portanto, fora de questão, que as interpretações que pressupõem tanto o desconhecimento absoluto de Sócrates por Aristófanes quanto uma mudança nos interesses daquele são falhas em muitos pontos e, portanto, extremamente improváveis. Por exemplo, no ano em que *As Nuvens* foram representadas, Sócrates já tinha mais de quarenta anos e já havia passado a data dramática de vários diálogos importantes, tais quais *Protágoras* e *Parmênides*⁵⁸. O que nos resta são as várias hipóteses que oferecem Sócrates como um símbolo, um representante de uma classe, em especial a classe dos intelectuais.

⁵⁷ Diógenes Laércio, IX, 57.

⁵⁸ Vide a discussão da data dramática do *Protágoras* que será realizada no terceiro capítulo.

Entretanto, apesar da grande literatura existente sobre Sócrates e Aristófanes, a questão acerca da fonte dessas anedotas ainda não foi levantada. Teriam sido criação *ad hoc* de Aristófanes, para ridicularizar Sócrates? Julgamento popular? Essas parecem ser as explicações que estão subentendidas na maioria dessas interpretações. Porém, quando vemos anedotas que são repetidas e encontradas em um longo corpo de fragmentos da comédia ateniense, somos obrigados a repensar a sua origem. Segue um exemplo dessas:

Σώκρατες ἀνδρῶν βέλτιστ' ὀλίγων, πολλῶν δὲ ματαιόταθ', ἦκεις
καὶ σὺ πρὸς ἡμᾶς; καρτερικός γ' εἶ. πόθεν ἄν σοι χλαῖνα γένοιτο;
τουτὶ τὸ κακὸν τῶν σκυτοτόμων κατ' ἐπήρειαν γεγένηται
οὗτος μέντοι πεινῶν οὕτως οὐ πώποτ' ἔτλη κολακεῦσαι.

Ó Sócrates, o melhor dentre poucos homens, o mais idiota dentre muitos, vieste até tu junto a nós? És paciente. De onde conseguiste esta manta? Este mal dos sapateiros surgiu por maldade, este aqui, então passando fome deste modo, jamais ousou adular.⁵⁹

Faz-se necessário, portanto, uma análise profunda das relíquias da Comédia Antiga e da situação desses fragmentos para notar se se trata somente de Sócrates, ou se estamos diante de uma visão geral do filósofo. É importante, então, vasculhar os fragmentos da Comédia Antiga em busca não somente de algo que facilite nossa visão de Sócrates, mas também de fragmentos que nos mostrem a situação da filosofia na Comédia Antiga.

Tal trabalho ainda não foi feito, pois nos restam apenas trabalhos que tentam contemplar a presença de Sócrates em outros fragmentos da Comédia Antiga, como o excelente, ainda que exageradamente especulativo, artigo de Patzer⁶⁰. Tal estudo, com efeito, ajudaria a desfazer a controvérsia, presente desde o século XIX, sobre se há uma disputa entre a filosofia e a comédia, ou entre Aristófanes e Sócrates.

⁵⁹ Amípsias Fr. 9 Bergk.

⁶⁰ PATZER, 1994.

2. SÓCRATES NA COMÉDIA ANTIGA

2.1. UMA NOVA VISÃO DA COMÉDIA ANTIGA

A tradição crítica a respeito d'*As Nuvens* nos deixou um quadro bastante amplo e diversificado de interpretações que nem sempre são coerentes entre si. Esses estudos, porém, não exauriram as fontes que possuímos, pois ainda falta uma investigação dos fragmentos de outros autores cômicos gregos. Podemos verificar que a esse quadro que a tradição crítica d'*As Nuvens* nos legou, pode ser adicionado este tipo de testemunho que, embora seja esparsamente atestado, raramente foi considerado como um conjunto relevante para a interpretação da comédia de Aristófanes.

Algumas interpretações d'*As Nuvens*, especialmente aquelas que hipotetizam um antagonismo básico entre a poesia, em especial a comédia, e a filosofia, tais como as de Süvern e Leo Strauss, de certo modo pressupõem uma análise desse *corpus*. Esses fragmentos são também importantes para a confirmação ou refutação de outras teorias, como o argumento de Dover, que diz que a comédia está apenas representando um tipo ideal de intelectual, sem ter interesse nos detalhes e no refinamento doutrinal de cada intelectual.

Apesar de raramente levados em consideração na interpretação de Aristófanes, o estudo dos fragmentos cômicos já conta com uma larga tradição. As obras mais importantes, e que de certa maneira inauguram tais escritos, são as edições de Fragmentos Cômicos feitas por Bergk, Koch e Meineke. Essas edições são fruto do grande trabalho crítico e filológico executado com especial intensidade no ambiente universitário de língua alemã no século XIX. É um conjunto de valor científico e filológico inestimável, pois em muitos casos envolve não apenas o recolhimento dos testemunhos presentes na vasta tradição grega, mas também uma análise crítica que determina, quando isso é possível, o autor e a obra, com comentários e referências valiosos para o pesquisador.

Autores da virada do século XX, como Wilamowitz e Murray⁶¹, tiveram maior propensão para estudar os fragmentos de Menandro e da Comédia Nova, e a mesma tendência foi verificada entre os estudiosos da Comédia Grega até mais ou menos a metade do século XX. As razões para isso são práticas: além da renomada fama do discípulo de Teofrasto, cabe mencionar a descoberta, no Egito, de uma obra completa de Menandro intitulada *O Discolo* assim como papiros do mesmo autor, cujos fragmentos se revelaram mais abundantes se

⁶¹ Cf. WILAMOWITZ 1899 e MURRAY, 1955.

comparados aos de autores como Êupolis ou Cratino. Isso, no entanto, não impediu que alguns desses estudiosos apurassem ainda mais os dados filológicos e assim refinado o conhecimento que possuímos sobre os pequenos fragmentos.

Desde 1940, no entanto, o estudo de outros autores importantes, especialmente da Comédia Antiga, vem crescendo aceleradamente, e um livro que marca esse momento é o *Ancient Greek Comedy* de Gilbert Norwood⁶². Mais recentemente, começando na década de 1990⁶³, os estudos sobre Aristófanes vêm se aproveitando da rica produção no estudo dos fragmentos cômicos. Foi a partir deles que se começou a enxergar Aristófanes não como um autor isolado da tradição, mas um autor de seu tempo, que não apenas vivia em seu ambiente político e cultural, mas que também era atuante dentro de seu próprio meio, capaz de citar, de se aproveitar de invenções de outros autores cômicos e de fazer polêmica com eles. Um exemplo de obra característica deste novo período é o livro *Eupolis, poet of the ancient comedy* de Ian Storey⁶⁴, que, por um lado, é um recolhimento e uma summa da tradição filológica sobre este grande poeta, como também um raro e, até aqui inigualado, estudo de contextualização e compreensão do significado de sua obra.

Nosso primeiro objetivo não é, como freqüentemente acontece nestes casos, o de buscar em tais fragmentos alguma informação que nos ajude na investigação sobre o Sócrates histórico, uma vez que já foram razoavelmente discutidas no capítulo anterior as conclusões que podemos tirar do uso do personagem Sócrates nas *Nuvens*. Mesmo que a comédia não seja considerada um depósito seguro de dados biográficos, os estudiosos da filosofia grega, na difícil busca por referências e citações a alguns autores, freqüentemente usam o testemunho de autores cômicos como autoridades nesta ou naquela figura. Por exemplo, em sua história da filosofia grega, Guthrie⁶⁵ se vale de um fragmento de Êupolis como testemunho dos interesses que Protágoras poderia entreter nas ciências naturais. No entanto, tal fragmento apresenta, como poderemos ver no capítulo seguinte, uma forte semelhança com algumas passagens das *Nuvens* e pode muito bem não ter significado algum como um testemunho fidedigno sobre os interesses verdadeiros da figura histórica de Protágoras. A maior parte das afirmações que podemos encontrar na Comédia Antiga deve ser considerada válida apenas se confirmada por outras fontes, uma vez que a comédia é um gênero que normalmente trabalha com inversões, exageros e estereótipos.

⁶² Methuen and Co., London, 1961.

⁶³ Cf. os trabalhos de RUFFEL, 2002: 138-163; HEATH, 1997; e SIDWELL 1994

⁶⁴ New York: Oxford University Press, 2004.

⁶⁵ GUTHRIE, 1995.

No presente capítulo vamos nos concentrar nas ocorrências de Sócrates na Comédia Antiga, estabelecendo como limite a passagem do quinto para o quarto século a. C., sendo que a razão é antes prática do que cronológica, visto que esse limite coincide, grosso modo, com a fronteira tradicional entre a chamada Comédia Antiga e a chamada Comédia Média⁶⁶. O interesse está em verificar o uso que se fez de Sócrates enquanto esse ainda vivia, antes que a visão popular pudesse ter absorvido doutrinas e lugares comuns posteriores a ele.

2.2. INVECTIVA PESSOAL NA COMÉDIA ANTIGA

Cabe aqui estabelecermos uma breve descrição do termo em grego de difícil tradução ὀνομαστικὴ κωμωδεῖν, o qual traduzimos grosseiramente como “escárnio nominal”. A prática sugerida pelo termo constitui a característica distintiva da Comédia Antiga em relação à Comédia Nova ateniense, como também figura como um fator praticamente único na história da literatura ocidental. Desta forma, a Comédia Antiga torna-se (na expressão de Albin Lesky⁶⁷) um gênero eminentemente político. Não que ele esteja nos dizendo que a comédia ateniense seja um gênero exclusivamente voltado aos assuntos da πολιτεία ateniense, mas sim que este caráter especial – que está presente em todas as comédias antigas que possuímos por inteiro – dá ao gênero um caráter público, aberto, de interesse coletivo. E de fato, não somente todas as comédias de Aristófanes que restaram possuem citações e escárnios nominais, como também tratam de assuntos de interesse comum para a comunidade ateniense, sendo, desse modo, “políticas” em um sentido lato. Que tal característica era propiciada pela democracia ateniense é um julgamento que já vem da Antigüidade e que podemos conferir na obra de Platônio⁶⁸, para o qual aquilo que marca a passagem da Comédia Antiga para a Média e a Nova é a situação política ateniense que vai a cada dia impedindo a livre expressão dos poetas.

Sabe-se, porém, que tal uso não está circunscrito ao estilo de Aristófanes. Com efeito, temos notícia de outros autores, como Cratino e Êupolis, que também valeram-se de tal procedimento. Na verdade, o gramático Platônio nos relata em seu importante opúsculo *Sobre as diferenças entre os comediógrafos*:

⁶⁶Sobre as divisões entre a comédia antiga e média, ver o capítulo seguinte.

⁶⁷LESKY, 2002:449.

⁶⁸Platônio, *Sobre a diferença entre os comediógrafos*, 1.

Κρατῖνος ὁ τῆς παλαιᾶς κωμωδίας ποιητής, ἄτε δὴ κατὰ τὰς Ἀρχιλόχου ζηλώσεις, αὐστηρὸς μὲν ταῖς λοιδορίαις ἐστίν. οὐ γὰρ ὥσπερ Ἀριστοφάνης ἐπιτρέχειν τὴν χάριν τοῖς σκώμμασι ποιεῖ.⁶⁹

Cratino, o poeta da antiga comédia, é, conforme as imitações de Arquíloco, austero nas invectivas; com efeito, não era como Aristófanés, que mistura a graça com as críticas.

Isso revela que este grau de crítica não era exclusivo de Aristófanés e que outros comediógrafos poderiam ser até mais graves e severos em relação ao escárnio de personagens públicos. Também não era exclusivo de Aristófanés o escárnio de figuras do ambiente cultural e artístico. Como veremos mais a seguir, o comediante Amípsias escarnece a figura pública do flautista Conno, e Eurípides também é um alvo freqüente dos poetas cômicos, como nesta citação cuja autoria desconhecemos:

ἄνευ δὲ μητρός, ᾧ κάθαρι' Εὐριπίδη;

e sem a mãe, ó purificado Eurípides?

Podemos recolher os nomes de mais uma dezena de tais personagens que foram motivo de escárnio nominal na Comédia Antiga⁷⁰. Entretanto, se houve outras obras dedicadas exclusivamente ao escárnio de Sócrates, não estamos em condição de saber pelos fragmentos restantes. Porém, podemos saber com certa segurança que Sócrates foi tratado com certa freqüência na Comédia Antiga.

2.3 SÓCRATES EM OUTRAS OBRAS DE ARISTÓFANES

As Aves

Em primeiro lugar estão as referências a Sócrates feitas em outras obras de Aristófanés que não as *Nuvens*, ou seja, duas passagens nas *Aves* e uma nas *Rãs*:

Ἦ κλεινοτάτην αἰθέριον οἰκίσας πόλιν
 Οὐκ οἰσθ' ὄσσην τιμὴν παρ' ἀνθρώποις φέρει,
 ὅσους τ' ἐραστὰς τῆσδε τῆς χώρας ἔχεις.
 Πρὶν μὲν γὰρ οἰκίσαι σε τήνδε τὴν πόλιν
 ἐλακωνομάνουν ἅπαντες ἄνθρωποι τότε
 ἐκόμων, ἐπείνων, ἐρρούπων, ἐσωκράτων,

⁶⁹ Platônio, *Sobre a diferença entre os personagens*.

⁷⁰ SOMMERSTEIN, 1996.

σκυτάλι' εφόρουν⁷¹

Ó fundador da famosíssima cidade etérea,
 Não sabes quanta fama possuis entre os homens?
 Quantos amantes tens nesta terra?
 Pois antes de fundares esta cidade
 Laconizavam todos os homens,
 Sofriam, passavam fome, maltrapilhos socratizavam
 Levando bastõezinhos

A referência a Sócrates dá-se na criação de um verbo denominativo a partir do nome de Sócrates, um suposto verbo σωκρατέω. Tal procedimento não é único na literatura grega, o de criar-se um verbo a partir de um nome de uma figura famosa, assim verbalizando uma característica especial de tal nome, sendo que há pelo menos um exemplo do mesmo recurso na Comédia Antiga, neste famoso fragmento de Cratino:

Τίς δὲ σύ; Κομψός τις ἔροιτο θεατῆς,
 ὑπολεπτολόγος, γνωμοδιώκτης, εὐριπιδαριστοφανίζων.

E quem você é? Dir-se-ia algum espectador refinado
 E de frases delicadas, perseguidor de máximas, euripidoaristofanizante.

Tal fragmento de Cratino, entretanto, constitui-se para nós algo que pode soar como um oxímoro para a pessoa acostumada à obra de Aristófanes. Pois dada a famosa e constante freqüência com que esse ridiculariza Eurípides em sua obra, parece pouco provável que ambos possam ser equiparados. E de forma ainda mais curiosa, ao interpretarmos o fragmento, ele soa como a maioria dos comentários a Eurípides da obra de Aristófanes, isto é, Eurípides é, em Aristófanes, o personagem tradicional do “modernista” literário⁷², que sacrifica a tradição por um tipo diferente de poesia, exatamente o que o adjetivo ὑπολεπτόλογος parece querer dizer. Para se ter certeza disso, basta constatar a freqüência com que a raiz λεπτ- ocorre nas *Nuvens* (quatorze vezes em toda a comédia, sendo dez sendo no sentido figurado de “refinado”), pois ela representa bem, no imaginário grego da época, um tipo específico de pensamento, o pensamento refinado dos entendidos e, para usar um termo moderno, “antenados” com a modernidade.

No caso do trecho d’*As Aves* em questão, entretanto, não está em questão a sutileza dos pensamentos de Sócrates, porém reforça-se a sua aparência suja e descuidada a que já nos referimos no capítulo passado. A princípio, poderíamos tomar isso como alguma característica tradicional de Sócrates.

⁷¹ Aristófanes, *Aves* 1277-83

⁷² *Acarnenses*, 394, *Mulheres que celebram as Tesmofórias*, 13, *Rãs* 771

As Aves apresentam outra citação de Sócrates:

Πρὸς δὲ τοῖς Σκιάποσιν λί-
μνη τις ἔστ' ἄλουτος οὐ
ψυχαγογεί Σωκράτης.
Ἐνθα καὶ Πείσανδρος ἦλθε
δεόμενος ψυχὴν ἰδεῖν ἢ
ζῶντ' ἐκείνον προὔλιπε
σφάγι' ἔχων κάμηλον ἀ-
μνόν τιν' ἧς λαίμοις τεμῶν
ὥσπερ Οὐδυσσεὺς ἀπῆλθε,
κατ' ἀνῆλθ' αὐτῷ κάτωθεν
πρὸς τὸ λαῖτμα τῆς καμήλου
Χαιρεφῶν ἢ νυκτερίς.⁷³

Próximo ao povo dos pés-sombrios
Há um certo palude não lavado onde
Sócrates encanta as almas.
Para lá também veio Pisandro
Pedindo para ver uma alma
Que ainda vivo o abandonou.
Portando na mão como vítima
Um certo camelo-ovelha e cortando sua goela,
como Ulisses, afastou-se
E depois apareceu-lhe por cima
Diante do golfo do camelo
Querefonte, o morcego.

Aqui, novamente, algumas características externas estão associadas a Sócrates. Mas a passagem é mais uma invectiva contra este Pisandro, que é chamado de covarde por Êupolis⁷⁴, e há também a referência ao ritual da entrada de Odisseu no Hades no canto 11 da *Odisséia*⁷⁵, por causa da ocorrência do sacrifício e da procura da alma.

Aristófanes trabalha com o duplo sentido do verbo *ψυχαγογέω*, que pode significar “conjurar almas”, que é o sentido etimológico e semanticamente mais evidente, além do sentido derivado já existente de “convencer, persuadir, enganar”. Sócrates é, portanto, nesta passagem, novamente “confundido” com os sofistas (inclusive porque a retórica, um pouco mais tarde, será definida como *ψυχαγογία*), e a piada dá-se apenas pela frustração do sentido esperado (o de enganação) pelo uso do sentido etimológico da palavra, mas, mesmo assim, a identificação de Sócrates como um personagem que engana e convence os outros, tal como nas *Nuvens*, permanece forte.

⁷³ Aristófanes, *Aves* 1553-1564

⁷⁴ Cf. Fr. 31Kock Πείσανδρος εἰς Πακτωλὸν ἐστρατεύετο / κἀνταῦθα κάκιστος ἦν ἀνήρ “Pisandro armou campanha contra Pactolo e lá foi o pior dos homens” & 182Kock ἄκουε νῦν Πείσανδρος ὡς ἀπόλλυται “ouça agora como Pisandro morre”

⁷⁵ Homero, *Odisséia* XI, 23-50.

No entanto, a importância desta passagem é sem dúvida e mais uma vez a atribuição de uma frugalidade exagerada a Sócrates, uma frugalidade que foi expressa nas *Nuvens* e que pode ser facilmente verificada nos escritos socráticos, e também por esse comportamento enganador e sofisticado, contra o qual tão freqüentemente a literatura socrática se volta. Torna-se, portanto, importante buscar saber se tal conjunto é único para Sócrates ou se ele faz parte da visão contemporânea, ou ao menos da visão cômica da figura do filósofo, mas isto é um assunto para mais tarde.

As Rãs

Outra citação de Sócrates importante está na comédia *As Rãs*:

Χαρίεν οὖν μὴ Σωκράτει
 Παρακαθήμενον λαλεῖν
 ἀποβαλόντα μουσικὴν
 τὰ τε μέγιστα παραλιπόντα
 τῆς τραγωδικῆς τέχνης
 τὸ δ' ἐπὶ σεμνοῖσιν λόγοισιν
 καὶ σκαριφησμοῖσι λήρων
 διατριβὴν ἀργὸν ποιεῖσθαι
 παραφρονοῦντος ἀνδρὸς⁷⁶

Não é agradável ficar assentado
 E falar com Sócrates,
 Abandonando a música e
 Deixando de lado o mais importante
 Da arte trágica,
 E com discursos elevados
 E com ninharias tagarelando
 Passar o tempo à toa
 É coisa de um homem desvairado.

O coro em tal passagem parece querer traçar uma relação de proximidade entre Eurípides e Sócrates e o estilo do tragediógrafo, como se Sócrates fosse uma influência para Eurípides. Isso ocorre no final da comédia, no momento em que Eurípides é derrotado no *agón* com Ésquilo. Neste momento, estabelece-se a relação, que também já estava presente n'*As Nuvens*, de uma forte ligação entre Sócrates e Eurípides. N'*As Nuvens*, Eurípides é citado quando Fidípides volta de seu treinamento socrático; não há a relação que vemos aqui, de Sócrates como um mentor de Eurípides, e certamente não se trata de nenhuma afirmação de valor, mas apenas de um reforço da situação intelectual da Atenas da época, e da função de

⁷⁶ Aristófanes, *Rãs* 1491-1499

Sócrates como um revolucionário que, portanto, deveria ser visto ao lado de outros “revolucionários”.

Até aqui nos restringimos às citações em Aristófanes. Ora, é possível que tal caracterização seja fruto do fato de Aristófanes nutrir alguma antipatia especial contra Sócrates, e então essa caracterização seria somente uma particularidade do autor. Para verificar isso, ou se, pelo contrário, se trata de um lugar comum da Comédia Antiga, é importante saber o que outros autores falaram de Sócrates para ver se há correspondência.

2.4. SÓCRATES EM OUTROS AUTORES

Com efeito, dispomos de uma série de fragmentos cômicos, cujo número total de referências diretas a Sócrates, fora aquelas encontradas na obra de Aristófanes, é de quinze (duas delas estão presentes em fragmentos cuja autoria não podemos determinar). O número pode parecer reduzido, mas Sócrates é uma das figuras públicas mais citadas na Comédia Antiga, sendo que personagens importantíssimos como Alcibiades são mencionados menos do que ele, e o político Cléon só é citado mais vezes justamente por causa da freqüente querela entre os dois. É evidente que a larga literatura a respeito de Sócrates guardou um maior número de citações dele, permitindo-nos ver de maneira um pouco mais precisa a maneira como Sócrates era visto na comédia clássica ateniense.

Amípsias

Entre os fragmentos, há um, já citado, da comédia *Conno* (Κόννος), de grande importância para o nosso argumento, do comediógrafo Amípsias, que cita Sócrates nominalmente:

Σώκρατες ἀνδρῶν βέλτιστ' ὀλίγων, πολλῶν δὲ ματαιόταθ', ἦκεις
καὶ σὺ πρὸς ἡμᾶς; καρτερικός γ' εἶ. πόθεν ἄν σοι γλαῖνα γένοιτο;
τουτὶ τὸ κακὸν τῶν σκυτοτόμων κατ' ἐπήρειαν γεγένηται
οὔτος μέντοι πεινῶν οὕτως οὐπόποτ' ἔτλη κολακεῦσαι.

Ó Sócrates, o melhor dentre poucos homens, o mais idiota dentre muitos, vieste
Até tu junto a nós? És digno de resistente. De onde conseguiste esta manta?
Este mal surgiu por maldade dos sapateiros,
Este então, passando fome deste modo, jamais se esforçou em adular.

Segundo informação do argumento d'*As Nuvens*, ambas as comédias foram representadas no mesmo ano em 423 a. C., sendo que *Conno* arrebatou o segundo lugar, à frente da comédia de Aristófanes. Temos aqui, portanto, uma referência a Sócrates que podemos considerar completamente independente de Aristófanes – pois ambas tornaram-se públicas por volta da mesma época. Tal comédia recebe o nome de um famoso músico do período, que, segundo uma informação presente no *Eutidemo* e no *Menéxeno* de Platão, teria sido professor de Sócrates. A citação do *Menéxeno*⁷⁷ é a seguinte:

Λέγω γάρ, καὶ Κόννον γε τὸν Μητροβίου, οὗτοι γάρ μοι δύο εἰσὶν διδάσκαλοι, ὁ μὲν μουσικῆς, ἡ δὲ ῥητορικῆς. Οὕτω μὲν οὖν τρεφόμενον ἄνδρα οὐδὲν θαυμαστὸν δεινὸν εἶναι λέγειν.

Pois eu falo também de Conno, o filho de Metróbios; pois esses são meus dois professores: ele de música, ela (i.e. Aspásia) de retórica. Deste modo, pois, não há nada admirável em um homem crescido ser capaz de ser terrível no falar .

O mais importante a marcar sobre essa passagem é o tom profundamente jocoso da citação de Conno: Sócrates estava, em conversa com Menéxeno, elogiando os dons oratórios de Aspásia, a cortesã que era amante de Péricles, chegando inclusive a afirmar que o famoso estadista ateniense seria um de seus mais importantes alunos. E termina com esta passagem em que afirma que ele, Sócrates, tinha sido aluno tanto de Conno quanto de Aspásia, música com um, oratória com a outra.

Ao contrário do que afirmam alguns comentaristas, não se deve tirar daí que Sócrates tenha alguma relação real com Conno, pois seria como afirmar que Aspásia também seria um discípulo “socrático”, o que evidentemente vai contra todas as fontes mais confiáveis.

No entanto, há um motivo para a citação de Aspásia no diálogo socrático, e os comentadores tradicionalmente entendem que seja uma referência a *Eutidemo*:

ὥσπερ Κόννω τῷ Μητροβίου, τῷ κιθαριστῇ, ὃς ἐμὲ διδάσκει ἔτι καὶ νῦν κιθαρίζειν: ὁρῶντες οὖν οἱ παῖδες οἱ συμφοιτηταί μοι ἐμοῦ τε καταγελῶσι καὶ τὸν Κόννον καλοῦσι γεροντοδιδάσκαλον⁷⁸.

Como a Conno, o filho de Metróbios, o citarista, que me ensina ainda agora a tocar cítara. As crianças, então, minhas colegas, vendo-me, tanto riem-se de mim quanto chamam Conno de professor de anciãos.

⁷⁷ Platão *Menéxeno*, 235e-236a

⁷⁸ Platão, *Eutidemo*, 272c

É importante marcar aqui, entretanto, que há um certo ar jocoso em ambas passagens, pois nelas Sócrates refere-se a Conno como seu professor. Neste ponto é importante notar que o paralelo feito por Sócrates é entre Conno e um professor que ele não considera seriamente, em uma matéria que dificilmente lhe seria de alguma importância. Na verdade, o objetivo do *Eutidemo* é justamente mostrar como o personagem título e seu irmão não são capazes de ensinar nada.

A ligação, real ou suposta, entre Conno e Sócrates parece ter sido suficientemente importante para Sócrates fazer parte do coro da comédia. Trata-se, muito provavelmente, de um coro individualizado, o que por si só já é um fato raro. O coro seria formado por “pensadores”, φροντισταί, segundo a informação de Ateneu. Assim sendo, Sócrates aqui é caracterizado não como um indivíduo único, mas como o representante de um grupo social. Quais seriam esses pensadores, não estamos em totais condições de dizer, mas é relevante notar o comentário de Ateneu sobre o assunto quando ele diz que se Protágoras não é listado entre os “pensadores” é porque ele já teria abandonado Atenas no período. Ou seja, para os Atenienses do século V, ou pelo menos aos olhos da comédia, parece bem claro que Sócrates estava no mesmo grupo que Protágoras.

Tais testemunhos platônicos não confirmam, como pressupõem a maioria dos comentadores, a passagem em que Sócrates afirma ter sido um aluno de Connos. Na verdade, o tom das citações e seu ambiente são extremamente desencorajadores para uma tal afirmação. Longe de confirmar, elas levantam ainda mais a dúvida, se é verdade ou não que há alguma relação direta entre Sócrates e este músico, opinião essa compartilhada por alguns comentaristas de Platão, como Louis Méredier.

A questão desse Connos tornar-se-ia mais clara se fosse possível fazer a identificação entre este personagem, presente no nome da comédia e nos diálogos de Platão, e um outro músico chamado Connas, que é escarnecido na Comédia Antiga, nesta passagem de Aristófanes⁷⁹:

ἀλλὰ γέρον ὦν περιέρρει,
ὥσπερ Κορνᾶς, στέφανον μὲν ἔχων αὔον, δίψη δ' ἀπολωλώς,
ὄν χρῆν διὰ τὰς προτέρας νίκας πίνειν ἐν τῷ πρυτανείῳ,
καὶ μὴ ληρεῖν, ἀλλὰ θεᾶσθαι λιπαρὸν παρὰ τῷ Διονύσῳ.

Mas sendo velho, vaga
Tal como Conas, que por um lado tem uma coroa seca, mas por outro
Está morto de sede,
Que (ao invés disso) era para beber no prítaneu por conta das vitórias anteriores.

⁷⁹ Aristófanes, *Cavaleiros* 533-6.

E não falar besteira, mas ver (a comédia) gordo junto a Dioniso

É esta a opinião de Willamowitz⁸⁰. Outros ainda deixam um pouco de espaço para dúvida, pois, de fato, além da diferença entre os nomes, este Conas não necessariamente é um aulista, tal qual o professor que é comentado nos diálogos de Platão que vimos acima. O maior problema é que de fato não há outra referência a um outro Conno além das citações acima comentadas, enquanto temos dados mais concretos em relação a este outro personagem, fornecidos pelo escólio a *Os cavaleiros ad locum*.

A única outra solução do motivo pelo qual Sócrates seria posto ao lado de uma figura como Conno (ou Conas, se formos seguir Wilamowitz), afora uma improvável relação estreita entre um e outro, é imaginar que ambos participassem de uma característica comum, ao menos aos olhos da comédia do século V a. C. Muito provavelmente é a mesma característica que faz Sócrates ser emparelhado com Eurípidés nas *Nuvens*, ou seja, ambos apresentam algo de novidade intelectual, algo de inovador, sendo, portanto, dignos de serem escarnecidos ao mesmo tempo. Com tal ponto de vista, torna-se muito mais fácil compreender as citações dessa figura em Platão, pois o Sócrates platônico está apenas aludindo a algum papel cômico no qual ele teria sido aluno de Conno, algo que se torna ainda mais provável se supusermos que o próprio papel de Aspásia, neste diálogo, deve bastante ao que a comédia teria produzido, o que lamentavelmente é difícil de confirmar pelo fato de nenhuma comédia da época de Péricles ter restado.

Ainda que comentaristas como Gilbert Norwood⁸¹ afirmem que a passagem em questão é mais gentil com Sócrates do que Aristófanes normalmente o é, há um claríssimo eco dela em uma passagem das *Nuvens*⁸²:

Φειδιππίδης
διὰ ταῦτα δὴ καὶ θοιμάτιον ἀπόλεσας;
Στρεψιάδης
ἀλλ' οὐκ ἀπολώλεκ', ἀλλὰ καταπεφρόντικα.

Fidípides
E por isso perdeste também a túnica?
Estrepsíades
Mas não a perdi, gastei com imaginação.

Em ambas as passagens, a de Amípsias e a d'*As Nuvens*, parece estar subentendido que Sócrates tenha roubado, ou tenha conseguido por meio de adulação, ou tenha cobrado como salário uma peça de vestuário, o que destaca também um outro lugar comum na

⁸⁰ Apud DAELE, 2002 :104.

⁸¹ NORWOOD, 1961: 24-5.

⁸² Aristófanes, *Nuvens* 176-9.

literatura sobre Sócrates, que é sua maneira de vestir, como já comentamos anteriormente. Outro dado importante é que, como são obras apresentadas no mesmo festival, não é lícito supor uma influência de Aristófanes sobre Amípsias, nem em relação a essa anedota, tampouco em relação à introdução de Sócrates na comédia. Ou seja, Sócrates, no ano de 423, já era considerado um personagem digno de ser um *komoidóumenos*, sendo escarnecido de maneira semelhante.

Indo além, podemos fazer disto uma questão: assim como há certa facilidade em encontrar motivos políticos específicos para a crítica de Aristófanes a Cléon em algumas de suas comédias, haveria alguma razão para Sócrates ser lembrado no mesmo ano por poetas diferentes? E mais, haveria alguma razão para o uso desse mesmo motivo?

Vemos neste breve fragmento a confirmação de duas tendências do anedotário socrático presentes também nas *Nuvens*: sua ligação estreita com o meio intelectual do período e sua maneira de vestir e se comportar diferentemente dos demais – uma delas é bastante verossímil e confirmada pelos testemunhos platônicos, e a outra parece bem provavelmente ser uma criação cômica comum, um elemento de estoque. Tal fragmento, ainda que breve, já dificulta a posição tradicional sobre um suposto antagonismo entre as posições de Sócrates e de Aristófanes; na verdade, indica que há, na composição da figura de Sócrates, muito de uma visão comum a toda Comédia Antiga.

Êupolis

O comediógrafo Êupolis possui dois fragmentos que também nos ajudam a avançar no assunto:

Μισῶ δ' ἐγὼ καὶ Σωκράτην, τὸν πτωχὸν ἀδολέσχην,
ὅς τ' ἄλλα μὲν πεφρόντικεν,
ὀπόθεν δὲ καταφαγεῖν ἔχοι τούτου κατημέλεκεν.

E eu odeio também Sócrates, o mendigo charlatão,
Que já pensou em todo o resto,
Mas de onde ter para comer, disto se esqueceu⁸³

Este fragmento é de suma importância para compreender o retrato que a Comédia Antiga fazia de Sócrates. A expressão mais importante e mais rica para nós é τὸν πτωχὸν

⁸³ Fr. 352 Kock

ἀδολέσχην, uma vez que está presente também nas *Nuvens*, já bem no final, quando Estrepsíades decide destruir o Frontistério⁸⁴:

οἷμοι παρανοίας, ὡς ἐμαινόμεν ἄρα
 ὄτ' ἐξέβαλον καὶ τοὺς θεοὺς διὰ Σωκράτη.
 ἀλλ' ὦ φίλ' Ἑρμῆ, μηδαμῶς θύμαινέ μοι,
 μηδέ μ' ἐπιτρίψης, ἀλλὰ συγγνώμην ἔχε
 ἐμοῦ παρανοήσαντος ἀδολεσχία.
 καί μοι γενοῦ ξύμβουλος, εἴτ' αὐτοὺς γραφήν
 διωκάθω γραψάμενος, εἴθ' ὅτι σοι δοκεῖ.
 ὀρθῶς παραινεῖς οὐκ ἐὼν δικορραφεῖν
 ἀλλ' ὡς τάχιστ' ἐμπιμπράναι τὴν οἰκίαν
 τῶν ἀδολεσχῶν. δεῦρο δεῦρ', ὦ Ξανθία,
 κλίμακα λαβὼν ἔξελθε καὶ σμινύην φέρων,
 κάπειτ' ἐπαναβάς ἐπὶ τὸ φροντιστήριον
 τὸ τέγος κατὰσκαπτ', εἰ φιλεῖς τὸν δεσπότην,
 ἕως ἂν αὐτοῖς ἐμβάλης τὴν οἰκίαν.

Ai de mim, que loucura! Como eu ensandeci
 Quando derrubei até os deuses por causa de Sócrates
 Mas, ó caro Hermes, de modo algum te irrites comigo
 Nem acabe comigo, mas tem compreensão
 Por eu ter enlouquecido com a falastrice,
 Torna-te meu conselheiro, para que ou eu escreva
 Uma condenação para eles, ou o que te parecer (melhor).
 Corretamente aconselhas não permitir encalhar os processos,
 Mas o mais rápido possível atear fogo à casa
 Dos falastrões. Rápido, Xântias
 Sai, pega uma escada e leva uma picareta,
 E em seguida, depois de ter subido no pensatório
 Destrói o teto, se gostas do teu dono
 Até destruir completamente a casa deles.

O termo ἀδολέσχης é de difícil compreensão, primeiramente por ser formado por uma raiz, ἀδο-, sem outro correspondente em grego, para o qual ainda não foi levantada uma hipótese definitiva. Chantraine, em seu dicionário etimológico, nos dá duas possíveis origens, sem no entanto esposar qualquer uma delas. A primeira remete à “saciedade”, e a segunda à família ἄφαδο-, e estaria no campo semântico de ἡδύς. O segundo termo também é complicado, por possuir uma longa história semântica: λέσχη, originalmente, possuía o simples sentido de leito, sofá, um lugar para descanso, uma vez que relacionado a λέχος, cama, leito. Este é o sentido homérico da palavra ὀυδ'εθέλεις εὔδειν χαλκήμιον ἐς δόμον ἐλθὼν ἢ ἐπου ἐς λέσχην (Mas não desejas dormir (indo) à brônzea casa ou a algum lugar de descanso qualquer); no entanto, a evolução semântica do termo levou-o a significar uma

⁸⁴ Aristófanes, *Nuvens*, 1476-89

sala pública de encontros⁸⁵, especialmente em Esparta, e também tornou-se um termo utilizado em Atenas. Em relação a tal sentido, temos testemunhos em Ésquilo e Cratino, pertencentes ao início e à metade do século V. Ao final desse século, no entanto, o termo passou a tomar um significado mais pejorativo, o de conversa ociosa, provavelmente relacionada ao tipo de conversa encontrado nas tais salas. A partir dele surge o termo ἀδολέσχης e seus derivados, que possui o sentido de “agir e falar ociosamente”, sentido esse que presumimos encontrar nos primeiros testemunhos da palavra, pertencentes aos comediógrafos antigos, especificamente Aristófanes e Êupolis.

A importância de tal passagem, especialmente se compararmos com a citação do termo em Aristófanes, reside no fato de Platão continuamente usar tal expressão como uma resposta à comédia, como nesta passagem do *Fédon*, cujo conteúdo alusivo parece claro⁸⁶:

Οὐκουν γ' ἂν οἶμαι, ἦ δ' ὅς ὁ Σωκράτης, εἰπεῖν τινα νῦν ἀκούσαντα, οὐδ' εἰ κωμωδοποιὸς εἴη, ὡς ἀδολεσχῶ καὶ οὐ περὶ προσηκόντων τοὺς λόγους ποιούμαι. εἰ οὖν δοκεῖ, χρῆ διασκοπεῖσθαι.

E de modo algum julgo o ouvinte dizer algo, nem se fosse um comediógrafo, que tagarelo e também faço discursos sobre o que não é conveniente. Se então parece, é preciso examinar.

Platão aqui põe Sócrates respondendo diretamente a um termo antes só encontrado nos comediógrafos, e em ambas as vezes em referência ao próprio Sócrates. No entanto, o que é curioso nesta passagem é que o paralelo não é exatamente com as *Nuvens*, uma vez que ἀδολέσχης e ἀδολεσχία não se referem diretamente a Sócrates e sim aos habitantes do pensatório e a Estrepsíades⁸⁷, enquanto Êupolis dirige-se diretamente contra Sócrates, e provavelmente mais de uma vez, pois há uma outra citação da palavra, sem, porém, a certeza de que se trata de Sócrates:

ἀλλ' ἀδολεσχεῖν αὐτὸν ἐκδίδαξον, ὦ σοφιστά⁸⁸.

Mas ensine-o a tagarelar, ó sofista.

Não se deve dar muito valor ao uso do termo σοφιστής, que só viria a se especializar no sentido pejorativo que lhe atribuímos até hoje a partir da obra de Platão. No entanto, é de

⁸⁵ cf. Lidell-Scott: “2. *lounging place*, resort for idlers or beggars.”

⁸⁶ Platão, *Fédon*, 70b-c.

⁸⁷ É esta inclusive a base da argumentação de Paul Vander Waerdt.

⁸⁸ Fr. 83 Kock.

grande importância a relação direta aqui estabelecida entre o termo ἀδολέσχης e o trabalho do pensamento, sem dúvida uma relação comum e natural dentro do imaginário ateniense da época. Ou seja, o σοφιστής é um sujeito ocioso, termo que aparece nas *Nuvens* e que também é muitas vezes comentado de passagem nos diálogos socráticos, como nesta passagem do Parmênides:

Πρῶ γάρ, εἰπεῖν, πρὶν γυμνασθῆναι, ὦ Σώκρατες, ὀρίζεσθαι ἐπιχειρεῖς καλόν τε τι καὶ δίκαιον καὶ ἀγαθόν καὶ ἐν ἕκαστον τῶν εἰδῶν. ἐνενόησα γὰρ καὶ πρῶην σου διαλεγομένου ἐνθάδε Ἀριστοτέλει τῶδε. Καλὴ μὲν οὖν καὶ θεία, εὖ ἴσθι, ἡ ὀρμὴ ἦν ὀρμᾶς ἐπὶ τοὺς λόγους· ἔλκυσσον δὲ σαυτὸν καὶ γύμνασαι μᾶλλον διὰ τῆς δοκούσης ἀχρήστου εἶναι καὶ καλουμένης ὑπὸ τῶν πολλῶν ἀδολεσχίας ἕως ἐτι νέος εἶ· εἰ δὲ μή, σὲ διαφεύξεται ἡ ἀλήθεια.⁸⁹

Pois ontem, ele disse, antes de te exercitares, ó Sócrates, decidiste-te a distinguir o bom, o justo, o belo e cada uma de suas formas. Com efeito, percebi até ontem depois de ouvir tu falares ali com este Aristóteles. De fato, é belo e divino, tu bem sabes, o impulso que impulsionas em tais raciocínios, mas eles te arrastam até à palestra mais pela considerada inutilidade por muitos chamada de tagarelice, até quando eras jovens. Se não, a verdade te escapa.

A passagem é dita por Parmênides e o tom é suficientemente crítico contra Sócrates. A importância, entretanto, reside na ênfase dada ao modo como o povo julgava o trabalho de Sócrates, considerado um vagabundo pela multidão (οἱ πολλοί), algo que Parmênides não deixa de marcar de forma jocosa. A importância disto está em revelar que a própria opinião popular não se colocava de maneira muito distante da de Aristófanes, e que, conforme veremos no próximo capítulo, mesmo Parmênides não estava excluído disto totalmente, visto que se poderia supor que ele também era considerado um “tagarela”.

É bom lembrar que o fragmento 352 é atribuído por Bergk e confirmado por vários outros estudiosos⁹⁰ como pertencente à comédia *Os Aduladores* de Êupolis e pode-se saber pela métrica que esta é uma passagem do coro de parasitas, talvez pertencente à parábase ou ao párodo. Sendo enunciada por um coro de parasitas, não é uma fala estranha a seu grupo, e talvez essa comédia esteja já no caminho para a consolidação do personagem do parasita como pertencente ao repertório da Comédia Nova. A relação entre o filósofo e o parasita mostrar-se-á mais clara no próximo fragmento de Êupolis a citar Sócrates nominalmente:

δεξάμενος δὲ Σωκράτης τὴν ἐπιδειξίν

⁸⁹ Platão, *Parmênides*, 135c-d.

⁹⁰ Cf. STOREY, 2004

Στησιχόρου πρὸς τὴν λύραν, οἰνοχόην ἔκλεψεν

E Sócrates aguardando o momento de apresentar
Estesícoro com a lira, roubou um vaso de vinho.⁹¹

Este fragmento guarda, novamente, uma estreita relação com uma passagem do diálogo entre o discípulo e Estesíades⁹², no início das *Nuvens*:

Στ. Εἶέν. Τί οὖν πρὸς τᾶλφιτ' ἐπαλαμήσατο ;
Μα. Κατὰ τῆς τραπέζης καταπάσας λεπτήν τέφραν,
κάμψας ὀβελίσκον, εἶτα διαβήτην λαβῶν,
ἐκ τῆς παλαιστρας θοιμάτιον ὑφείλετο.

Estesíades: O que então arranjastes como alimento?
Aluno: Sobre a mesa, espalhando uma sutil cinza,
tendo sovado o pãozinho e em seguida, tomando um compasso,
Roubou o manto da palestra.

O fragmento nos deixa em dúvida quanto ao seu modo de obtenção de alimento, ou seja, Sócrates é um personagem que, na falta de algum tipo de riqueza, ou mesmo de uma ocupação que lhe forneça uma forma de sustento, utiliza-se ou do furto, como no caso do fragmento de Êupolis, ou apenas dissimula a fome, como em Aristófanes.

Aqui um tema se repete: a relação de Sócrates com o banquete. Como é bastante comum nas *Nuvens*, o relacionamento e o comportamento de Sócrates é sempre estranho e alheio ao mundo social grego, freqüentemente negando e indo de encontro a modos e costumes da etiqueta antiga. Uma expressão bem clara disso é o furto. O fragmento descreve claramente uma situação de banquete, em que um dos convivas, como é muito comum neste tipo de ambiente, é convidado a exercitar-se na poesia. Sócrates, nesta situação parece envolver-se em um furto de um equipamento típico do ambiente do banquete. Desta forma, a breve menção de Êupolis a Sócrates reforça a sua caracterização como um personagem alheio às convenções sociais, algo que não é de todo contrário ao testemunho dado pela obra socrática de Xenofonte e Platão. O que ocorre é apenas uma mudança de como esse alheamento às convenções se dá: em Xenofonte e Platão, Sócrates aparece apenas como um exemplo de um novo tipo de virtude; na comédia, Sócrates é apenas um parasita.

Outra aproximação importante, também relevante em Aristófanes, de Sócrates com o personagem do parasita, diz respeito ao fato de ele provavelmente estar incluso em um coro de parasitas, e nada nos impede supor que esse fragmento também esteja presente na mesma

⁹¹ Fr. 361 Kock

⁹² 175-179

comédia. Ou seja, Sócrates está sendo nomeado como um parasita ou ao menos é considerado um equivalente.

Cálias

Outro fragmento da comédia em que Sócrates aparece é o seguinte de Cálias:

Τί δὴ σὺ σεμνοῖ καὶ φρονεῖς οὕτω μέγα; (...)
ἔξεστι γάρ μοι Σωκράτης γὰρ αἴτιος.

Por que você se afeta e pensa tão grandemente? (...)
É próprio de mim, pois Sócrates é o culpado.

Há uma provável lacuna entre os dois versos. Não possuímos nenhuma notícia biográfica do autor, e portanto fica bastante difícil precisar a sua data. Mas, pelo uso de um neologismo, é provável que o verbo σεμνόω, que nunca é usado em Aristófanes e no século V só aparece em Heródoto, se refira a um texto posterior, talvez pertencente ao século seguinte. No entanto, o adjetivo σεμνός é muito comum n'*As Nuvens*, e está frequentemente relacionado ao *status* de sofisticação de determinada atitude, como, por exemplo, em uma citação de algo não relacionado ao mundo intelectual⁹³:

εἶθ' ὄφελ' ἢ προμνήστρι' ἀπολέσθαι κακῶς
ἦτις με γῆμ' ἐπήρε τὴν σὴν μητέρα.
ἔμοι γὰρ ἦν ἄγροικος ἥδιστος βίος,
εὐρωτιῶν, ἀκόρητος, εἰκῆ κείμενος,
βρύων μελίτταις καὶ προβάτοις καὶ στεμφύλοις.
ἔπειτ' ἔγημα Μεγακλέους τοῦ Μεγακλέους
ἀδελφιδῆν ἄγροικος ὦν ἐξ ἄστεως,
σεμνήν, τρυφῶσαν, ἐγκεκοισυρωμένην.

Bem que a alcoviteira deveria morrer cruelmente
A que me escolheu para casar com sua mãe.
Pois antes eu tinha uma agradabilíssima vida rústica
Cheio de mofo, não perturbado por insetos, jazendo à toa
Com o cheiro de abelhas e rebanhos e videiras
Depois espousei a sobrinha a de Mégacles, filho de Mégacles
Da cidade, sendo eu rústico
E ela venerável, refinada, nos modos de Césira.

Aqui Estrepsíades compara a sua infância no campo com os modos requintados e sofisticados da mulher com quem ele se casou, que jamais é nomeada na comédia. Pelo uso da mesma palavra, pode-se notar que, apesar do humor feito contra Sócrates por causa de seu

⁹³ Aristófanes, *Nuvens*, 48-55

asseio, e também por seu comportamento excêntrico em ambientes sociais, há algo na fala e nas idéias de Sócrates que o aproxima das classes mais consideradas, pois o mesmo adjetivo é usado igualmente para ambas as situações. Isto não quer dizer que Sócrates tenha uma filosofia voltada diretamente para as classes altas – o que no quadro histórico grego não deixa de ser verdade, haja vista seus discípulos mais famosos, como Alcibíades e Platão – mas sim que a filosofia e os pensamentos de Sócrates parecem, por tal classificação, dispor de uma elevada estima e consideração na sociedade ateniense. Tal consideração é de grande valor para a compreensão das *Nuvens* e de toda a referência à filosofia que encontramos em tais obras: a filosofia, apesar de escarnecida, possui um certo valor social que está implicitamente reconhecido ao longo de toda a comédia. Ou seja, apesar dos filósofos serem ridículos e desprezíveis, os assuntos de que tratam são os mais elevados.

Vemos tal valor representado na própria figura de Fidípides, que antes se esforçava para gastar o máximo de dinheiro com cavalos e corridas, e que ao final converte-se em um dos mais entusiásticos discípulos de Sócrates, campeão na arte de refutar algum acusador. De certo modo, a figura de Fidípides em pouco difere de uma figura histórica de grande vulto, que é a do famoso político ateniense Alcibíades. Pois sabemos por Plutarco⁹⁴ que Alcibíades também se destacou na criação de cavalos e no amor às corridas, e também é bastante conhecido como esta importante figura tornou-se um apaixonado discípulo de Sócrates⁹⁵.

Desta forma, o testemunho tanto da evolução de Fidípides quanto o da história de Alcibíades e de vários outros jovens gregos, relata que, apesar de todo escárnio que Sócrates suscitava tanto entre cômicos quanto entre seus próprios pares, o seu círculo de discípulos possuía um considerável *status* social. Tal fragmento confirma um valor que nem sempre é muito comentado nas interpretações tradicionais das *Nuvens*, visto que muito se diz, como já vimos no capítulo anterior, sobre uma suposta oposição entre Aristófanes e Sócrates, ou seja, uma oposição entre uma forma nova de educação e uma educação tradicional. Fala-se⁹⁶ até no exagero de que *As Nuvens* seriam um “convite ao assassinato” de Sócrates. Mas muito pouco se comenta sobre algo que está de certo modo implícito na comédia e que consiste em Sócrates e seus discípulos possuírem uma elevada consideração entre seus pares.

⁹⁴Plutarco, *Vida de Alcibíades*, 11 Αἱ δ' ἵπποτροφίαι περιβόητοι μὲν ἐγένοντο καὶ τῷ πλήθει τῶν ἄρμάτων: ἐπὶ γὰρ ἄλλος οὐδεὶς καθήκεν Ὀλυμπίασιν ἰδιώτης οὐδὲ βασιλεύς, μόνος δ' ἐκεῖνος, καὶ τὸ νικῆσαι καὶ δεύτερον γενέσθαι καὶ τέταρτον ὡς Θουκυδίδης φησὶν, ὡς δ' Εὐριπίδης τρίτον, ὑπερβάλλει λαμπρότητι καὶ δόξῃ πᾶσαν τὴν ἐν τούτοις φιλοτιμίαν.

⁹⁵ Como se torna evidente na própria *Vida* de Plutarco supracitada com o também no *Banquete*, no *Parmênides*, nos dois diálogos *Alcibíades* e em várias outras passagens de Platão.

⁹⁶ É esta a opinião de Eliano, *Varia Historica*, 32

Esse breve fragmento de Cálias revela que Sócrates é considerado σεμνός, isto é: venerável, elevado, sublime. Se formos procurar pelas causas da escolha de Sócrates como objeto de escárnio nas *Nuvens* e em outros breves fragmentos aqui citados, será justamente esta a principal razão, pois trata-se do esquema mais tradicional da Comédia Antiga: um cidadão comum que se revolta contra personagens muito mais poderosos do que ele e, apesar de tudo, consegue ser bem sucedido nesse intento.

Teleclides

O comediógrafo Teleclides também tem um fragmento que menciona Sócrates:

Φρύγες ἐστὶ καινὸν δράμα τοῦτ' Εὐριπίδου
 [...] ᾧ καὶ Σωκράτης
 Τὰ φρύγανα ὑποτίθησι

Os Frígios é este novo drama de Eurípidēs (...)
 Do qual Sócrates compôs até a lenha.

O autor é firmemente datado no século V a. C., sendo portanto, um contemporâneo de Aristófanes. Nesse fragmento, Sócrates é diretamente associado a Eurípidēs, associação que existe nas *Nuvens*, mas que não é suficientemente forte. Talvez não possamos, a partir desses dois dados, inferir uma proximidade real entre ambos, mas o fato de os dois se colocarem como figuras inovadoras no ambiente cultural ateniense do século V a. C. faz ambos serem aproximados pelos poetas cômicos.

Comica Adespota

Ainda há mais dois fragmentos que fazem referência direta a Sócrates, de autoria desconhecida. O primeiro apresenta uma particularidade por citar Sócrates em um paralelo com Aspásia:

οἶει δ' ἑταίρας τὸν σοφιστὴν διαφέρειν;
 παιδεύομεν δ' οὐ χεῖρον ἡμεῖς τοὺς νέους.
 σύγκρινον, ᾧ τάν, Ἀσπασίαν καὶ Σωκράτην;
 τῆς μὲν γὰρ ὄψει Περικλέα, Κριτίαν δὲ τοῦ
 ἑτέρου μαθητὴν.

Você acha que as cortesãs se distinguem do sofista?
 Não menos nós ensinamos os jovens.
 Vamos comparar, ó caro, Aspásia e Sócrates:

Desta, você verá como aluno, Péricles,
Do outro, Crítias.

Aspásia é a cortesã mais conhecida da história da Grécia, amante de Péricles, aparece com grande proeminência na biografia do estadista, porém, com menos frequência do que se podia esperar na comédia, com apenas três citações além desta: uma de Cratino, uma nos *Acarnenses* de Aristófanes e outra de Êupolis. Todas as citações são relativamente antigas, remontando, no caso de Cratino, certamente à vida de Péricles, enquanto que em Êupolis é uma conjectura de um fragmento d'*O Maricas* achado no Egito, peça datada no ano de 421 a. C. Portanto, todas as referências a Aspásia que temos na tradição cômica grega são antigas, não parecendo muito forçado assumir que esse fragmento pertença à década de 430 ou de 420 a. C., ou seja, durante a vida de Péricles ou logo depois, quando sua memória ainda era forte. Há, portanto, uma grande probabilidade de ele ser anterior às *Nuvens*.

Um paralelo extremamente curioso e revelador que podemos fazer desse fragmento é justamente com o diálogo *Menexeno* de Platão, quando Sócrates mesmo declara ter Aspásia sido uma boa professora de retórica, uma σοφιστής, querendo implicar que ela mesma teria escrito os discursos de Péricles. Trata-se, pois, da mesma comparação entre um sofista, um homem de letras, e uma cortesã.

O que esse fragmento traz de novo e importante é a confirmação da posição de Sócrates no período como o pensador, o intelectual por excelência no anedotário grego do final do século V a. C.

Todos esses fragmentos não são suficientes para assegurar, mas servem para mostrar uma tendência. A primeira é de que circulavam certos tipos de anedotas sobre Sócrates, muitas delas relacionadas com a sua frugalidade (nas comédias, sua pobreza), as quais vemos reproduzidas nas *Nuvens* de Aristófanes e cuja confirmação também encontramos nas obras da escola socrática. Também de grande importância é notar a posição que Sócrates já possuía quando da composição das *Nuvens*, a ponto de ser frequentemente apresentado como um representante do gênero do intelectual – e deve-se notar que havia, naquele período, outros filósofos e sofistas capazes de representar igualmente bem esse cargo – consideração que pode ser útil e frutífera para os próprios estudos sobre a biografia de Sócrates, pois implica que suas atividades durante aquele período já o destacavam no ambiente cultural ateniense.

Entretanto, muitos outros aspectos do Sócrates de Aristófanes, esses até contraditórios com os que vimos neste trabalho, não são confirmados por esses fragmentos. Podemos formular duas hipóteses, que devem ser confirmadas com mais estudo. A primeira é que as fontes desses fragmentos, em sua larga maioria histórias e biografias de Sócrates, já

fizeram uma filtragem do que eles citariam; e a segunda é a hipótese tradicional de que Aristófanes está voluntariamente tomando partido contra Sócrates, enquanto os outros comediógrafos estão sendo mais neutros em relação a este assunto. É necessário, portanto, prosseguir no estudo não apenas dos fragmentos relativos a Sócrates, mas de todas as referências aos antigos pensadores, os *φροντισταί*, como os chamava a Comédia Antiga, para confirmar se há algo de tradicional na caracterização de Sócrates ou se se trata de uma particularidade de Aristófanes caracterizar Sócrates como um sofista.

3. A FILOSOFIA NA COMÉDIA ANTIGA

3.1. A AUTO-REFERÊNCIA NA COMÉDIA ANTIGA

Boa parte da interpretação d'*As Nuvens* tende a se concentrar exclusivamente na questão socrática. Conseqüência disso é a centralização da pesquisa na figura de Sócrates e a focalização da interpretação em sua figura. No entanto, mesmo em Aristófanes, há um número considerável de referências a outras figuras que podemos chamar de filosóficas, e os fragmentos coligidos de outros autores apenas reforçam tal impressão. A interpretação dessas passagens pode ser muito frutífera para a compreensão d'*As Nuvens*.

Acreditamos que Aristófanes é uma figura indissociavelmente ligada a seu meio e que só é possível ter uma compreensão de sua obra se tentarmos, na medida do possível, recriar o ambiente em que viveu e assim perceber as ligações e referências a este meio veladas em sua obra. Em diversos momentos da obra de Aristófanes podemos perceber como temas que circulam em outros poetas aparecem, ou como uma referência, ou fazendo parte de um estoque comum de termos e situações da comédia antiga.

Estudo de um caso: Péricles

Podemos observar isso de forma bastante significativa a partir deste exemplo tirado do seguinte fragmento de Cratino:

ὁ σχινοκέφαλος Ζεὺς ὄδε προσέρχεται
Περικλέης, τῷδεῖον ἐπὶ τοῦ κρανίου
ἔχων, ἐπειδὴ τοῦστρακον παροίχεται⁹⁷

E este Zeus de cabeça apontada avança
Péricles, tendo o Odeão sobre a cabeça
Uma vez que se livrou do ostracismo

Esses versos pertencem à comédia *As Trácias*, de cujo argumento não possuímos nenhuma informação. Aqui, Péricles, provavelmente salvo de ser expulso pelo ostracismo, é comparado a Zeus, uma referência certa ao poder que Péricles tinha obtido em Atenas, e ainda uma sutil referência a um suposto meio ilícito pelo qual Péricles teria sido salvo do

⁹⁷ Cratino Fr. 71 Kock

ostracismo⁹⁸. Esse é o tipo de comparação política que poderíamos esperar da comédia antiga que é principalmente cômico e não político ou sectário, Cratino se esquece, ou para ele pouco importa, de que os meios obtidos por Péricles e por Zeus para conseguir o poder tenham sido completamente diferentes.

Em outra comédia do mesmo autor podemos perceber um desenvolvimento deste tema de “Zeus-Péricles” com um tratamento ainda mais refinado:

Στάσις δὲ καὶ πρεσβυγενῆς Κρόνος ἀλλήλοισι μιγέντε
Μέγιστον τίκτετον τύραννον
ὄν δὴ κεφαληγερέταν θεοὶ καλέουσιν.⁹⁹

E a rebeldia e o antiqüíssimo Crono unidos entre si
Geraram o maior dos tiranos
A quem os deuses chamam de ajuntador de cabeças

Ἦραν τέ οἱ Ἀσπασίαν τίκτει Καταπυγούνη παλλακὴν κυνώπιδα¹⁰⁰

E a esculhambação lhe gerou uma Hera, Aspásia, concubina de olhos de cão

Tais versos são líricos e fazem parte da comédia *Quírones* de Cratino. Por isso, provavelmente são cantados pelo coro de centauros que dá nome à comédia. Trata-se de uma refinada, ainda que bastante abusiva, sátira a Péricles. É feita com base na literatura épica, cujo maior exemplo para nós (e muito provavelmente também para Cratino) é a *Teogonia* de Hesíodo.

Neste fragmento, podemos reconhecer traços da dicção épica, como na expressão ἀλλήλοισι μιγέντε, que são imediatamente relacionados a expressões bastante comuns em Hesíodo e Homero, tais quais o uso de epítetos épicos modificados para servir de abuso político, como κεφαληγερέταν em lugar de νεφεληγερέταν e κυνώπιδα no lugar de βοώπιδα.

Os fragmentos transpõem de forma cômica o nascimento de Zeus que vemos na *Teogonia*: Crono, que no poema de Hesíodo une-se a Réia para gerar o senhor dos Deuses, Zeus, no fragmento em questão, une-se à rebelião (στάσις), para gerar o grande tirano chamado de “ajuntador de cabeças”. Apesar de não citar o nome de Péricles a referência aqui é óbvia, pois é sabido que o formato de sua cabeça era ligeiramente deformado, razão pela

⁹⁸ Esta é a suposição de Kock no comentário ao texto; ele segue Plutarco, *Vida de Péricles* 14, que conta a disputa entre Péricles e Tucídides que termina com o ostracismo do último.

⁹⁹ Fr. 240 Kock

¹⁰⁰ Fr. 241 Kock

qual ele sempre é representado com um capacete nas estátuas que dele possuímos¹⁰¹. Encontramos, pois, uma expansão da metáfora política que vimos anteriormente, aquela que coloca Péricles como Zeus (mas ao invés de ser filho de Réia, ele é filho da rebeldia [στάσις]). E Crono e a rebeldia não apenas geraram o Zeus particular desta comédia, como também, aproveitando a paródia à *Teogonia*, geraram a sua Hera: Aspásia, a “olho de cadela”, relacionada à βωόπις, olho de boi, da Hera corriqueira.

Trata-se de uma refinada sátira política, que se mistura à poesia épica para o escárnio de um importante personagem público. No entanto, se tal imagem estivesse presente apenas em Cratino, poderíamos nos contentar com o fato de isso ser alguma rixa que ele teria contra o político (como a rixa que encontramos entre Aristófanes e Cléon), mas a imagem de um Péricles-Zeus não se restringe ao autor, pois podemos encontrá-la em um outro cômico, Teleclides. Não temos as palavras, mas temos o comentário de Ateneu:

Καὶ Περικλέα τὸν Οὐλύμπιον ἐρᾶν φησι Τηλεκλειδῆς ἐν Ἡσιόδῳ¹⁰²

E Teleclides, n'Os *Hesíodos*, diz amar Péricles, o Olímpio

Não apenas tal imagem aparece em Teleclides, como ela se repete, também, em Aristófanes:

Ἐντεῦθεν ὀργῇ Περικλέης οὐλύμπιος
ἤστραπτ', ἐβρόντα, ξυνεκύκα τὴν Ἑλλάδα
ἐτίθει νόμους ὥσπερ σκόλια γεγραμμένους
ὡς χρὴ Μεγαρέας μήτε γῆ μήτ' ἐν ἀγορᾷ
μήτ' ἐν θαλάττῃ μήτ' ἐν ἠπειρῷ μένειν¹⁰³

E lá, irado, Péricles, o Olímpio,
Soltou raios, trovejou, dispersou a Grécia
Estabeleceu leis como quem escreve canções
Sobre como que os Megarenses devem nem na terra
Nem na ágora, nem no mar, nem no continente ficar.

No entanto, é importante observar que apesar da forma ser idêntica, o uso que se faz dela é completamente diferente. No caso da referência n'Os *Acarnanenses* de Aristófanes, trata-se de uma crítica bastante severa à política ateniense com relação à cidade de Mégara durante a Guerra do Peloponeso. No caso, a comparação com Zeus é com o deus furioso que com todo seu poder é capaz de destruir ou acabar com uma sociedade. Somos imediatamente

¹⁰¹ Plutarco, *Vida de Péricles*, 3, 3

¹⁰² Teleclides fr. 18 Kock

¹⁰³ *Acarnanenses* 530-4

lembrados da cena na *Iliada* em que Hera tenta barganhar a destruição de Tróia pela destruição de outras três cidades caras à deusa: Argos, Esparta e Micenas¹⁰⁴. Daí as referências à ira, ao trovão e a todo esse vocabulário relacionado a Zeus e ao poder dele sobre mortais.

No caso da passagem de Cratino, embora evidentemente com a desvantagem de não possuímos o contexto, parece que a referência não é ao poder que Péricles possui fora de Atenas, àquilo que, baseados em Tucídides, os historiadores costumam chamar de “poder imperial de Atenas”, mas à situação política interna da *pólis*. A “crítica” dar-se-ia ao seu poder e à sua situação de destaque, que o colocariam numa proeminência semelhante à de Zeus. Por isso, as referências algo obscuras à “dissenção política” e, à “Hera” de Péricles, Aspásia. Podemos ver que Cratino se coloca contra Péricles, mas é difícil imaginar algo além da crítica cômica característica, pois o tom é doméstico e patriarcal, e não possui, como em Aristófanes, uma crítica às decisões políticas.

O que podemos supor disso? Devemos, portanto, criar uma “questão Pericléia” para nos perguntar sobre a confiança dos relatos sobre a personalidade e o governo de Péricles? Devemos então pressupor que Péricles mudou de facção durante a sua carreira política e apenas depois se tornou o partidário da democracia que vemos, por exemplo, em Tucídides?

Tudo isto é absurdo. Qualquer forma artística e literária deve ser usada com a máxima prudência no lugar de fonte histórica, no caso da comédia antiga podemos considerar esse princípio ainda mais importante. Muitos pesquisadores, em especial aqueles que pesquisam sobre a vida de Sócrates, tentam usar os testemunhos cômicos a respeito de um autor como fonte ou como prova de algum tipo. Sem dúvida isso se dá pela forte ligação da comédia antiga com a vida, a cultura e a política atenienses do século V – o fato de personagens aparecerem com seus nomes reais leva a supor uma certa fidedignidade aos fatos. No entanto, isso não apenas não é verdade, como em muitas vezes dá-se o exato oposto.

O caso de Péricles é um excelente exemplo de vários traços característicos da Comédia Antiga. Primeiro, como ela se relaciona com os fatos de uma maneira muito superficial, e segundo, e isto é algo que vai nos interessar mais neste trabalho (pois vemos isso aqui de uma forma extremamente clara), como uma imagem, a de Péricles como um soberano divino, migrou de autor para autor. Pode-se concluir também que o uso da imagem é próprio de cada autor e independente de qualquer referência histórica estável, ou seja, Aristófanes a usa para criticar a política externa, Cratino a usa como uma piada relacionada à

¹⁰⁴ Homero, *Iliada*, IV, 51-3

política interna, não havendo nenhuma outra semelhança no uso além da repetição do termo. A expressão “Péricles Olímpico” flutua de autor para autor sem possuir nenhum sentido comum, trata-se apenas de um termo, uma comparação que depois de ter adquirido uso dentro dos meios cômicos, disseminou-se e ganhou popularidade. Trata-se, sem dúvida de uma forma de crítica a Péricles, mas não se deve pressupor que a partir de tal crítica haja algum apoio a algum tipo de partido político, a imagem é mais cômica do que política e vale mais pela riqueza poética que ela traz do que por qualquer valor que ela realmente possua.

Apesar da maior riqueza do uso de Aristófanes, cabe lembrar que a imagem mais antiga é a de Cratino, pois a comédia *As trácias* é provavelmente imediatamente posterior ao ostracismo de 446, e a referência vem da fonte que o cita, ou seja, quase vinte anos anterior à de Aristófanes. Portanto, sequer a noção de uma idéia original que opere com um sentido completo em seu contexto, mas que depois é degradada e tornada em um lugar comum, cabe aqui, o que vemos é a imagem circulando e sendo utilizada de acordo com os interesses e a habilidade do escritor.

3.2. ELEMENTOS DE ESTOQUE NAS NUVENS?

E o que isso tem a ver com o assunto desta dissertação? Certamente o fato de termos levantado, já na introdução, a possibilidade de que muitas das referências a Sócrates sejam tradicionais, ou seja, se repitam pelo costume de se usar contra figuras como Sócrates. Cabe agora, em uma primeira instância, avaliar as referências feitas na comédia antiga a personagens e a fatos relacionados com *As Nuvens*, mais especificamente nos concentrando no mundo intelectual d’*As Nuvens*, o qual compreende boa parte da polêmica dessa obra.

A preferência será dada aos fragmentos da comédia antiga que sejam ou contemporâneos ou anteriores à obra em questão. Tal abordagem de chofre já nos coloca um problema, pois no caso da comédia antiga – de fato, da literatura grega em geral – na maioria das vezes, datar uma certa obra é uma tarefa demasiado complicada. Por tal razão por “anteriores ou contemporâneos às *Nuvens*” vamos considerar todo o *corpus* da Comédia Antiga. No entanto, há uma longa tradição de comédia intelectual naquilo que se convencionou chamar de “comédia média”, e, dada sua riqueza, não podemos ignorá-la; porém, é bastante difícil saber o que é um desenvolvimento independente das *Nuvens*.

Analisaremos os testemunhos e, à medida do possível, e onde for necessário, o ambiente das citações, para saber o objetivo dessas e se elas podem interferir ou não no nosso texto. Um exemplo: na comédia *Os Aduladores* de Êupolis, como já vimos, há algumas

referências a Sócrates, e se formos buscar as referências na obra de Kock, boa parte das citações vem dos próprios escoliastas a Aristófanes. Outras referências normalmente se esgotam em obras relacionadas a Sócrates: escólios às *Memoráveis* de Xenofonte, a biografia de Diógenes Laércio *et alia*.

Uma conclusão que se pode tirar a respeito disso é que é bastante improvável que Sócrates tenha sido nomeado em muito mais comédias do que as de que temos notícia, uma vez que as obras dedicadas à erudição de textos tão importantes quanto as comédias de Aristófanes, as *Memoráveis* de Xenofonte e os diálogos de Platão, falharam em assinalar a presença desses outros comentários.

Aliás, provavelmente a riqueza que temos de citações de Sócrates deve-se justamente ao fato de ele ter sido um personagem cuja importância ganhou bastante volume para a história do pensamento grego, uma vez que todos estes fragmentos foram recolhidos justamente com o objetivo de demonstrar algo que o estudioso desejava destacar. Como esta passagem, num comentário às *Memoráveis* de Xenofonte:

Αὐτὸν μὲν τὸν Σωκράτην πτωχὸν ἀδολέσχην καλοῦντων τῶν κωμωδιοποιῶν(...)

E os comediógrafos chamando o próprio Sócrates de um mendigo falador(...)

E segue a citação do fragmento 352 de Bergk. É uma citação interessante porque o escoliasta está claramente reforçando a nossa tese da repetição e aproveitamento de um estoque comum contra Sócrates. Já demonstramos no capítulo anterior que, pelo quadro geral que os fragmentos nos mostram, tal proposição é bastante provável. Cabe agora expandir a questão, considerando se tal tratamento é exclusivo de Sócrates ou ele pode ser aplicado a todo personagem intelectual (na falta de termo mais abrangente) que é escarnecido na Comédia Antiga.

Repetições de temas comuns em Aristófanes

Não é fácil definir qual tipo de pessoa Aristófanes escolhe para escárnio, uma vez que várias figuras públicas são representadas muitas vezes com características coincidentes. Já vimos como Eurípides e Sócrates costumavam ser identificados como pertencentes a uma categoria semelhante, ao ponto de Teleclides acusar Sócrates de escrever para Eurípides¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Teleclides, fr. 18 Kock, cf pg. 56..

Vamos ver brevemente dois exemplos de dois temas das *Nuvens* que se repetem em outras obras de Aristófanes.

Primeiramente uma passagem da primeira comédia que possuímos em sua integridade de Aristófanes:

ΔΙΚΑΙΟΠΟΛΙΣ Ἐνδον ἔστ' Εὐριπίδης:
ΘΕΡΑΠΩΝ Οὐκ ἔνδον ἔνδον ἐστίν, εἰ γνώμην ἔχεις.
ΔΙ Πῶς ἔνδον, εἴτ' οὐκ ἔνδον: **ΘΕ** Ὅρθῶς, ὦ γέρον.
 Ὁ νοῦς μὲν ἔξω ξυλλέγων ἐπύλλια
 οὐκ ἔνδον, αὐτὸς δ' ἔνδον ἀναβάδην ποιεῖ
 τραγωδίαν **ΔΙ** Ὡ τρισμακάρι' Εὐριπίδη,
 ὅθ' ὁ δούλος οὕτωςι σοφῶς ὑποκρίνεται

Diceópolis: E dentro está Eurípidēs?
Servidor: Mas dentro não é dentro, se tiveres imaginação
Di: Como Dentro, e depois não dentro? **Se:** Certamente, ó velho
 O pensamento não está dentro,, está fora colhendo versinhos
 E ele mesmo, dentro, escreve uma tragédia de pernas para o ar
Di: Ó três vezes bem aventurado Eurípidēs
 Cujos escravo distingue tão sabiamente.

Tal passagem fornece um paralelo interessante com a entrada de Sócrates n' *As Nuvens*, pois ambas apresentam o personagem com uma aura de inacessibilidade: Eurípidēs não pode ser visitado sequer pelo seu escravo, Sócrates só pode ser conhecido depois de se ser de certo modo iniciado nos mistérios. Ambos também são representados com um refinamento do pensamento tão elevado que devem ser mantidos afastados das coisas da terra: no caso de Sócrates, seu próprio corpo não pode estar em contato com o chão, no caso de Eurípidēs seu pensamento migra para fora do corpo e da casa. No entanto, os objetivos são diferentes: n' *Os Acarnenses* Eurípidēs está coletando termos exóticos e elevados para suas tragédias, n' *As Nuvens*, Sócrates tenta compreender os fenômenos meteorológicos.

Quanto a esse objetivo, temos um caso parecido na comédia *As Aves*:

Μέτων ἤκω παρ' ὑμᾶς **Πισθέταιρος** ἕτερον αὐ τοῦτι κακόν.
 τί δ' αὐ σὺ δράσων; τίς δ' ἰδέα βουλευμάτων;
 τίς ἢ πίνουσα, τίς ὁ κόθορνος τῆς ὁδοῦ;
Μέτων γεωμετρηῆσαι βούλομαι τὸν ἀέρα
 ὑμῖν διελεῖν τε κατὰ γύας. **Πισθέταιρος** πρὸς τῶν θεῶν
 σὺ δ' εἰ τίς ἀνδρῶν; **Μέτων** ὅστις εἰμ' ἐγώ; **Μέτων**,
 ὄν οἶδεν Ἑλλάς χῶ Κολωνός. **Πισθέταιρος** εἰπέ μοι,
 ταῦτι δέ σοι τί ἔστι; **Μέτων** κανόνες ἀέρος.
 αὐτίκα γὰρ ἀήρ ἐστι τὴν ἰδέαν ὅλος
 κατὰ πνιγέα μάλιστα. προσθεῖς οὖν ἐγώ
 τὸν κανόν', ἄνωθεν τουτονὶ τὸν καμπύλον

ἐνθεις διαβήτην μανθάνεις; **Πισθέταιρος** οὐ μανθάνω.
Μέτων ὀρθῶ μετρήσω κανόνι προστιθείς, ἵνα
ὁ κύκλος γένηται σοι τετραγώνος κἀν μέσῳ
ἀγορά, φέρουσαι δ' ὥσιν εἰς αὐτὴν ὁδοὶ
ὀρθαὶ πρὸς αὐτὸ τὸ μέσον, ὥσπερ δ' ἀστέρος
αὐτοῦ κυκλοτεροῦς ὄντος ὀρθαὶ πανταχῆ
ἀκτῖνες ἀπολάμπωσιν.

Μέτον: Eu chego a vocês **Pistetero:** Que outro mal é este?
O que então vieste fazer? Que forma de desejo?
Que pensamento – que coturno! – do caminho?
Me: Quero geometrizar o ar
E separá-lo conforme os ângulos Pi: Pelos deuses
Quem és dentre os homens? Me: quem eu sou? Méton,
Que conhecem a Grécia e Colono. Pi: dize-me
Que é isto junto de tí? Me: Réguas do céu,
Pois o céu é, em seu todo, em relação à forma,
Como um forno. Então, colocando eu
A régua acima desta curva aqui
E fixando o compasso, entendes? PI: Não entendo
ME: vou medir com a régua reta, para
Que a curva torne para você um quadrado e para que no meio
Haja uma ágora e as ruas que levam a ela
Sejam retas para o meio, como de uma estrela
Que mesmo sendo circular, os raios brilham
Retos de todos os lados.

A semelhança desta passagem com a mesma cena da entrada de Sócrates é bastante clara: ambos possuem um projeto científico bastante amplo que tenta abarcar esferas inteiras do conhecimento, ambos usam métodos e objetos tipicamente científicos, e o interesse das atividades de ambos para o homem comum é bastante reduzido.

Vemos que ambos os personagens, o poeta e o cientista, refletem algo da caracterização de Sócrates. Podemos dizer que, para o pensamento do tempo de Aristófanes, tanto o poeta quanto o cientista e o filósofo ocupavam um mesmo papel, que poderíamos chamar de intelectual, isto é, todas as figuras ligadas de alguma forma ao pensamento e que não estão ligados à manufatura ou qualquer forma de “trabalho” que produza um objeto concreto. Fica claro que em muitos casos as críticas e as características coincidem. Mas também podemos perceber que nem sempre pelo mesmo motivo.

Pois nem Eurípides tem uma fala que é incompreensível como a fala de Méton, nem este se comporta arrogantemente como Eurípides. No entanto, podemos perceber que ambos possuem características que podem ser aproximadas às de Sócrates, embora a relação entre Meton e Eurípides seja somente superficial. O motivo disso é que a figura de Sócrates apresenta um compósito de várias figuras, contendo tanto a arrogância do poeta e dos “refinados” quanto a obscuridade do cientista prático como o arquiteto Méton. Não

encontramos, em Aristófanes, outro personagem paralelo a Sócrates, salvo se considerarmos seus discípulos, Querefonte, o aluno sem nome e, ao final da comédia, Fidípides.

3.3. A FILOSOFIA NA COMÉDIA ANTIGA

As Aves

Vamos agora analisar as referências a filósofos, sofistas e doutrinas e procedimentos filosóficos na comédia antiga, Há quem considere *As Aves* como uma comédia influenciada pela tradição sofística¹⁰⁶. De acordo com essa visão, *as Aves* não são uma verdadeira utopia, como afirmam as interpretações mais comuns¹⁰⁷, mas uma espécie de distopia criada a partir da visão de certos sofistas. Não são poucos os que perceberam as referências a doutrinas e personagens sofisticos, tais quais Górgias, Sócrates, Pródico, nesta comédia. Como nesta referência a Górgias:

ἔστι δ' ἐν Φαναῖσι πρὸς τῇ
Κλεψύδρα πανοῦργον ἐγ-
γλωττογαστῶρων γένος,
οἱ θερίζουσιν τε καὶ σπείρουσι
καὶ τρυγῶσι ταῖς γλώτταισι
συκάζουσι τε:
βάρβαροι δ' εἰσὶν γένος,
Γοργίαί τε καὶ Φίλιπποι.
κάπὸ τῶν ἐγγλωττογαστῶρων
ἐκείνων τῶν Φιλίππων
πανταχοῦ τῆς Ἀττικῆς ἢ
γλῶττα χωρὶς τέμνεται..

E existe em Fanes, perto da clepsidra,
Um povo malvado
De Ventres-línguas.
Eles preparam, semeiam
E vindimam com as línguas,
E também colhem figos.
São bárbaros pela raça,
Górgias e Filípes.
E por causa daqueles filípes
Ventres-línguas, em todo lugar na Ática
A língua é cortada e deixada à parte

¹⁰⁶ HUBBARD, 1997: 29-36 constrói todo seu argumento de que há um elemento sofisticado elementar nas aves, citando referências a Sócrates e Górgias nos coros e relacionando proposições de sofistas sobre a formação da cidade com o tema central da comédia, que é o da construção de uma cidade utópica no céu.

¹⁰⁷ Cf. DOVER, 1971; MCDOWELL, 1995.

É um tipo de σκῶμμα bastante virulento e seu alvo é justamente uma personagem bem conhecida do mundo grego: o famoso sofista Górgias e Filipe¹⁰⁸, um médico menos conhecido do que o famoso sofista do diálogo de Platão. Duas coisas merecem ser aqui destacadas: a primeira é que há um toque de xenofobia nesta descrição, especialmente se pensarmos que Górgias era de Leontino, na Sicília. A segunda é que não há como não ligar o aspecto desta “raça de línguas-estômagos” com a figura dos parasitas que tanto será frutífera na comédia posterior. Tais quais os parasitas do estoque tradicional, parece que esta raça também deve a sua sobrevivência à maneira com que sobrevivem pela língua.

Os Aduladores de Êupolis

No entanto, na comédia antiga encontramos em alguns casos, outros paralelos bem próximos de Sócrates. Podemos começar a investigação com esta comédia de Êupolis de grande importância para o assunto: Κόλακες ou *Aduladores*. Seu personagem principal, ou ao menos o personagem central da comédia, é a figura de Cálías, filho de Hipônico, que após a morte do pai é mostrado em cena gastando a recém-herdada fortuna em banquetes e outras licenças. Está em cena um importante exemplo de como a relação entre pais e filhos está em cena neste período, pois outras comédias como *As Nuvens*, *As Vespas*, *Os Convivas*, de Aristófanes, *As Cabras* de Êupolis e *Conno* de Amípsias, também tratam do assunto e estão separadas por bem pouco tempo cronologicamente.

Quanto a *Os Aduladores*, de que vêm os dois fragmentos citados, sua datação não nos proporciona grandes dificuldades, pois temos uma referência à obra no argumento d’*A Paz* de Aristófanes. Como esta comédia, ela foi apresentada nas Grandes Dionisiacas sob o arconte Alceu, isto é, no ano de 422/1, e Êupolis ganhou o festival cômico deixando a *Paz* em segundo lugar.

Não possuímos o argumento da comédia, portanto toda nossa informação deriva de referências feitas a essa por outros autores. Felizmente, o número de referências é suficientemente volumoso para nos dar uma idéia do conjunto. Como é natural nos fragmentos de Comédia Antiga, uma boa parte está dedicada à mesa e à descrição de comida, o que, ainda que no caso específico desta comédia seja bastante compreensível, deriva de um desequilíbrio de nossas fontes: grande parte dos fragmentos vem de autores que estão especialmente interessados em descrições alimentares, como é o caso de Ateneu.

¹⁰⁸ De acordo com o Escólio às *Aves* neste verso.

Podemos ver dois fragmentos importantes para a compreensão da obra:

Παρά τῶδε Καλλία πολλή θυμηδία
 ἵνα πάρα μὲν κάραβοι καὶ βατίδες καὶ λαγῶ
 καὶ γυναῖκες εἰλίποδες ¹⁰⁹

E junto a este Cálías, uma farta mesa
 Lá tem lagostins, arraias e lebres
 E mulheres dançantes

ὥσπερ οὖν τοὺς Καλλίου κωμωδουμένους κόλακας γελῶσιν οὔς
 οὐ πῦρ οὐδὲ σίδερος
 οὐδέ χαλκός ἀπείργει
 μὴ φοιτᾶν ἐπὶ δεῖπνον ¹¹⁰

Como se ri dos adutores de Cálías escarnecidos:
 Nem fogo, nem ferro
 Nem bronze impedem
 De freqüentar o banquete

Parece que o ambiente principal é uma festa na casa de Cálías, o famoso milionário que, tendo recebido a fortuna de Hipônico, decide desperdiçá-la com banquetes e outras indulgências. Nossos fragmentos, como seria de se esperar, não se furtam a uma larga descrição de sua mesa. Presente também, e talvez com grande importância para a comédia, está a figura de Protágoras:

Ἐνδοθι μὲν ἐστὶ Πρωταγόρας ὁ Τήϊος,
 ὃς ἀλαζονεύεται μὲν, ἀλιτήριος,
 περὶ τῶν μετεώρων, τὰ δὲ χαμᾶθεν ἐσθίει.

E lá dentro está Protágoras de Teos
 Que charlataneia, o bandido,
 A respeito dos eventos celestiais, mas come as coisas da terra.

Essa passagem vem sendo sugerida como pertencente a um prólogo, pois há uma personagem (ou duas personagens em diálogo, tal qual acontece na maioria dos primeiros prólogos de Aristófanes) descrevendo o que está acontecendo dentro da casa de Cálías; é possível mesmo que haja um paralelo próximo com uma cena na introdução do diálogo *Protágoras* de Platão, cujos paralelos com esta comédia há muito têm ocupado os estudiosos. Neste caso estão em destaque as ações de Protágoras, que são apresentadas com o que é quase um lugar comum nesta literatura cômica sobre intelectuais: a oposição entre pensamentos

¹⁰⁹ Eupolis, fr. 161 Kock

¹¹⁰ Eupolis, fr 162 Kock

elevados e apetite por coisas baixas. Já vimos no capítulo anterior o fragmento de Êupolis sobre Sócrates e possuímos, por exemplo, um fragmento de Aristófanes:

ὄς τὰφανῆ <ἀει> μεριμνᾷ, τὰ δὲ χαμᾶθεν ἐσθίει.¹¹¹

E pensa as coisas invisíveis, mas come as da terra

Este fragmento parece representar certo lugar comum no pensamento grego do período, podemos ver, por exemplo, esta mesma idéia sendo expressa neste fragmento de Sófocles, que é citado na mesma passagem de Aquiles Tácio:

μισῶ μὲν ὅστις τὰφανῆ περισκοπῶν

Eu odeio quem investiga as coisas invisíveis

Vemos aqui da mesma forma a repetição do tema e a mesma imagem. Infelizmente nada sabemos do fragmento de Aristófanes, pois ele não contém nenhuma informação sobre sua origem. Contudo, podemos ter certeza de que ele está se referindo à mesma categoria de intelectuais do Sócrates das *Nuvens* (é possível que seja mesmo um fragmento da primeira versão das *Nuvens*) e de Protágoras nesta comédia de Êupolis.

A importância dos μετέωρα na caracterização dos pensadores é suficientemente clara por sua atestação freqüente n' *As Nuvens*, como uma das preocupações de Sócrates, que entra em cena observando e diz:

Οὐ γὰρ ἄν ποτε
ἐξηῦρον ὀρθῶς τὰ μετέωρα πράγματα,
εἰ μὴ κρεμάσας τὸ νόημα καὶ τὴν φροντίδα
λεπτὴν καταμείξας εἰς τὸν ὅμοιον ἀέρα.

Pois eu não descobriria então corretamente os assuntos celestiais
Se não pendurasse o intelecto e o pensamento
Misturando o leve com o ar, seu semelhante.

¹¹¹ Aristófanes fr 672 Kock

Mesmo em outras comédias, a pesquisa sobre tais temas é colocada como característica do intelectual, mesmo a tradição nos deixe pouca informação sobre seus interesses nesse assunto, como neste trecho d'*As Aves*:

ἴν' ἀκούσαντες πάντα παρ' ἡμῶν ὀρθῶς περὶ τῶν μετεώρων.
 φύσιν οἰωνῶν γένεσίν τε θεῶν ποταμῶν τ' Ἐρέβους τε Χάους τε
 εἰδότες ὀρθῶς, Πρῶδικῳ παρ' ἐμοῦ κλάειν εἴπητε τὸ λοιπόν.

Para que, da nossa parte, tendo ouvido tudo corretamente sobre os assuntos celestiais
 Sobre a natureza das aves, a gênese dos deuses e dos rios e do Érebo e do Caos
 Conhecendo corretamente, vocês dirão para Pródico chorar por mim daqui em diante

Trata-se de um trecho da parábase d'*As Aves*, onde o coro composto pelas personagens-título da comédia se apronta a cantar a famosa “Teogonia” d'*As Aves*. Esses são os versos imediatamente anteriores à passagem, quando as aves anunciam o que vão cantar, ou seja, sobre os assuntos celestes e a geração das aves, dos deuses, do Érebo e do Caos, em seguida, há um chiste em relação a Pródico, muito provavelmente o famoso sofista Pródico de Ceos, o qual as aves dizem que será inútil daí em diante, porque o conhecimento sobre os *meteora* será seguro. Ou seja, Pródico também estava interessado nas pesquisas sobre os assuntos divinos, ao menos segundo *As Aves* de Aristófanes. Se a figura real de Pródico de Ceos realmente se interessou por tais assuntos, possuímos poucos testemunhos que nos assegurem disso, como também possuímos poucos testemunhos de Protágoras e quase nenhum de Sócrates se interessando por isso. O que, entretanto, é certo é que esse não foi o assunto central de nenhum destes pensadores, mesmo que na comédia esse seja o assunto que mais freqüentemente aparece nas suas falas.

Voltando ao fragmento de Êupolis, o termo ἀλιτήριος nos apresenta uma grande dificuldade de tradução. Há ao menos duas interpretações favorecidas, sendo que vou começar pela mais recente, porque ela parte do pressuposto que o significado de “sacrílego” não é válido para esta passagem, porque ela não se relaciona com os deuses, mas com os assuntos celestes, μετεώρων não caracterizando, deste modo, Protágoras como ímpio, mas tão somente como algum tipo de charlatão. Entretanto, e é nisto que falha a interpretação de Pivetti, o termo pode estar relacionado com assuntos divinos, dada a crença grega da posse divina dos céus, como a própria passagem d'*As Aves* acima referida provaria em contrário,

pois as Aves anunciam que vão cantar os μετεώρα e tratam justamente da origem do mundo e dos deuses¹¹².

Somos obrigados, portanto, a aceitar a interpretação mais tradicional, vista pela primeira vez na *História da Grécia* de Grotius e apoiada pelos editores Meineke e Bergk: “Orgulha-se aqui um sacrílego sobre as coisas celestiais, e pesquisa no momento as coisas terrestres.¹¹³”.

Essa tradução coloca em destaque a tradicional condenação de Protágoras por impiedade, e ainda o famoso fragmento de Protágoras sobre os deuses, citando a passagem completa de Eusébio de Cesaréia:

ὁ μὲν γὰρ Δημοκρίτου γεγονώς ἑταῖρος ὁ Περικλῆς ἄθεον ἐκτήσατο δόξαν: λέγεται γοῦν τοιαῦδε κεχρηῆσθαι εἰσβολῆι ἐν τῷ <Περὶ θεῶν> συγγράματι: «περὶ μὲν θεῶν οὐκ οἶδα ιδέαν»

Pois, tendo-se tornado companheiro de Demócrito, Péricles adquiriu a fama de ateu. Diz-se então ter se valido daquela frase no escrito Sobre os deuses: Sobre os deuses não conheço nenhuma forma.

Ou seja, ἀλιτήριος significaria “sacrílego”, “ímpio”, e, corroborando a opinião de Eusébio, “ateu”. Se adaptarmos esta tradução, poderemos aproximar tal passagem não apenas das cenas em que os personagens tratam de assuntos celestes, mas, de forma mais precisa, das passagens d’*As Nuvens* em que Sócrates abertamente nega os deuses gregos e coloca novos deuses em seu lugar:

Σωκράτης αὐται γάρ τοι μόναι εἰσὶ θεαί, τᾶλλα δὲ πάντ’ ἐστὶ φλύαρος.
Στρεψιάδης ὁ Ζεὺς δ’ ἡμῖν, φέρε πρὸς τῆς γῆς, οὐλύμπιος οὐ θεός ἐστιν;
Σωκράτης ποῖος Ζεὺς; οὐ μὴ ληρήσεις; οὐδ’ ἔστι Ζεὺς.¹¹⁴

Sócrates: Pois somente elas são deusas, todo o resto é bobagem.
Estrepsíades: Mas Zeus, pela terra, o Olímpio, não é um deus para nós?
Sócates: Que Zeus? Não fala besteira, não existe Zeus

E mais precisamente esta passagem d’*As Nuvens* pode nos esclarecer exatamente o significado da palavra ἀλιτήριος:

Ὅρᾳς οὖν ὡς ἀγαθὸν τὸ μανθάνειν ;

¹¹² E, de fato, todo o argumento d’*As Aves* é uma refutação de que τὰ μετέωρα não tenha relação com a esfera religiosa, uma vez que as aves impedem a comunicação entre os humanos e os deuses que estão acima delas.

¹¹³ superbit hic sacrilegus de caelestibus, at esse quaerit interim terrestrea.

¹¹⁴ *Nuvens*, 365-7

Οὐκ ἔστιν, ὦ Φειδιππίδη, Ζεύς .
 ΦΕ. Ἀλλὰ τίς ; ΣΤ. Δῖνος βασιλεύει τὸν Δί ' ἐξεληλακῶς .
 ΦΕ. Αἰβοῖ, τί ληρεῖς ; ΣΤ. Ἴσθι τοῦθ ' οὕτως ἔχον.
 ΦΕ. Τίς φησι ταῦτα ; ΣΤ. Σωκράτης ὁ Μήλιος
 καὶ Χαιρεφῶν, ὃς οἶδε τὰ ψυλλῶν ἴχνη ¹¹⁵.

Estrepsiades: Agora vês como é bom aprender?
 Não existe, ó Fidípides, Zeus Fidípides: Mas quem existe?
 Estrepsiades: O Turbilhão governa, tendo afastado Zeus
 Fi: Ai ai, que bobagem dizes? Es: Saibas que isto é assim
 Fi: quem disse estas coisas? Es: Sócrates, o Mélio
 E Querefonte, que conhece as pegadas das pulgas

Se for este o caso e realmente ἀλιτήριος significar ímpio, temos um exemplo claríssimo de paralelo entre *As Nuvens* e *Os Aduladores*. Pois tanto aqui quanto lá as pesquisas “meteorológicas” significariam uma posição religiosa de negação dos deuses comuns e de toda a tradição. Ou seja, o pesquisador é um inimigo da tradição.

Êupolis nos brinda ainda com um fragmento científico, que nos faz imediatamente lembrar das sentenças “biológicas” d’*As Nuvens* (133-168):

πίνειν γὰρ αὐτὸν Πρωταγόρας ἐκέλευ', ἵνα
 πρὸ τοῦ κυνὸς τὸν πνεύμον' ἔκλυτον φορῆ.

E Protágoras ordenou-lhe beber, a fim de,
 antes do início do banquete, levar os pulmões livres. ¹¹⁶

Esta passagem é freqüentemente levada em consideração como uma prova de que Protágoras teria algum interesse científico¹¹⁷. Mas como Dover mostrou e já comentamos no primeiro capítulo e mais acima: a comédia não é uma fonte confiável para dados biográficos bem como para quase nada. O que Êupolis coloca aqui é Protágoras utilizando um assunto médico (e de fato havia na Antiguidade um debate sobre onde os líquidos ficavam armazenados no corpo) como desculpa para ampliar a dissipação na casa de Cálías. E, na verdade, esta passagem tem mais a ver com as passagens d’*As Nuvens* onde os personagens encontram-se mais interessados em pesquisas biológicas ou fisiológicas, como por exemplo, nos versos 156-158:

Μα. Ἀνήρετ' αὐτὸν Χαιρεφῶν ὁ Σφήττιος
 ὅπότερα τὴν γνώμην ἔχοι, τὰς ἐμπίδας

¹¹⁵ *Nuvens*, 826-31.

¹¹⁶ Fr. 147 Kock.

¹¹⁷ KERFERD, 2003:70 .

κατὰ τὸ στόμ' ἄδειν ἢ κατὰ τοῦροπούγιον.¹¹⁸

E Querefonte, o Esfécio, perguntou-lhe
Qual opinião ele tinha, se as moscas
Cantam pela boca ou pelo rabo

As semelhanças são grandes: o personagem não possui nenhuma ligação conhecida com o assunto, mas aqui se mostra bastante interessado em algo que pode soar diminuto ou mesmo absurdo para a platéia, como alguns fazem com Sócrates. Assim, estamos diante de uma condição bastante parecida com a d' *As Nuvens*: um intelectual é escarneado por assuntos que ele não pratica e com os quais ele pouca coisa tem em comum: tanto Sócrates, muito provavelmente, tinha pouco interesse em biologia quanto Protágoras na fisiologia humana.

Êupolis é tradicionalmente colocado ao lado de Cratino e Aristófanes como fazendo parte das listas canônicas de poetas cômicos: vemos tal testemunho em Horácio, Quintiliano e também no autor do tratado *Sobre as diferenças entre os comediógrafos* atribuído a um certo Platônio. Se a elaboração de tal conjunto deu-se naturalmente ou por uma aproximação paralela aos três comediógrafos, é difícil saber, mas dois um dado é importante: a partir do século II as citações de outros comediógrafos diminuem bastante, o que talvez seja um indício da atuação do cânone da segunda sofística, mas não se pode tirar nenhuma certeza disso. Mesmo a maioria dos elogios recolhemos parece muito repetitiva, mostrando que às vezes é complicado estabelecer o quanto uma determinada obra era lida na Antiguidade: as citações tendem a ser sempre as mesmas, mesmo quando autor tenha efetivamente lido a obra, pelo costume e método de ensino do final da antiguidade, que é justamente o período que mais nos fornece dados em relação à comédia antiga.

Mas ora, como já vimos, também nesta comédia há a presença de Protágoras, e, ao visto, pelo menos uma vez nela ele se prolongou em ensinamentos científicos ou pseudo-científicos. Não era de todo incomum a presença de Protágoras na comédia antiga, uma vez que o próprio Ateneu comenta com uma certa surpresa a sua ausência em uma outra comédia:

ὁ δ' Ἰπώνικος ἐπὶ μὲν Εὐθυδήμου ἄρχοντος στρατηγῶν παρατέτακται μετὰ Νικίου πρὸς Ταναγραίους καὶ τοὺς παραβοηθοῦντας Βοιωτῶν καὶ τῇ μάχῃ νενίκηκε. τέθηκε δὲ πρὸ τῆς ἐπ' Ἀλκαίου διδασκαλίας τῶν Εὐπόλιδος Κολάκων οὐ πολλῶ χρόνῳ κατὰ τὸ εἰκός. πρόσφατον γάρ τινα τοῦ Καλλίου τὴν παράληψιν τῆς οὐσίας ἐμφαίνει τὸ δράμα. ἐν οὖν τούτῳ τῷ δράματι Εὐπολις τὸν Πρωταγόραν ὡς ἐπιδημοῦντα

¹¹⁸ *Nuvens*, 144-6

εἰσάγει Ἀμειψίας δ' ἐν τῷ Κόννῳ δύο πρότερον ἔτεσιν διδαχθέντι οὐ καταριθμεῖ αὐτὸν ἐν τῷ τῶν φροντιστῶν χορῷ. δῆλον οὖν ὡς μεταξὺ τούτων τῶν χρόνων παραγέγονεν.¹¹⁹

O Hipônico foi deixado ao lado dos generais com Nícias diante dos tanageus, enquanto Eutidemo era arconte. E venceu os beócios que os ajudavam na batlha. E morreu antes da apresentação de Alceu da comédia *Os Aduladores* de Êupolis, não muito tempo depois segundo consta. O drama mostra recente herança da riqueza por Cálías, neste drama, Êupolis põe Protágoras em cena como se estivesse na cidade, mas Amípsias, no Conno, dois anos anteriormente não o conta no coro de pensadores. Fica claro que entre estes dois anosele estava ausente.

Além da relação entre a comédia e o diálogo, já vimos aqui a grande proximidade entre o tratamento dado a Sócrates, n' *As Nuvens*, e o tratamento dado a Protágoras.

Os Convivas

Uma outra comédia que nos permite continuar a discutir o tema é a primeira comédia de Aristófanes, *Os convivas* (Δαιταλῆς). O próprio Aristófanes nos dá o primeiro testemunho a seu respeito, na parábase das próprias *Nuvens*¹²⁰:

ἐξ ὅτου γὰρ ἐνθάδ' ὑπ' ἀνδρῶν, οὐς ἦδ' καὶ λέγειν,
ὁ σώφρων τε χῶ καταπύγων ἄρστ' ἠκουσάτην,
κάγῳ, παρθένος γὰρ ἔτ' ἦν κούκ ἐξῆν πῶ μοι τεκεῖν
ἐξέθηκα.

Desde quando, por homens cujo discurso também é agradável
o prudente e o esculhambado foram tidos em alta conta¹²¹,
e eu, porque ainda era “virgem” e não me era permitido ter filhos, expus

As listas de obras que possuímos de Aristófanes, combinadas com as parábases das três comédias seguintes e com uma fala de Diceópolis nos *Acarnenses* são unânimes em lhe atribuir duas obras anteriores a *Os Acarnenses*: *Os Babilônios* (Βαβυλώνιοι), que teria talvez motivado um processo por parte do demagogo Cléon, e *Os Convivas*. Sabemos que este trecho da parábase se refere a *Os Convivas* por não haver nenhuma referência explícita a esta dicotomia (o homem prudente e o “esculhambado”) nas duas comédias anteriores que possuímos por completo, e também por sabermos que n' *Os Babilônios*, a segunda comédia de Aristófanes, o assunto girava em torno de um processo movido pelo coro de Babilônios ao

¹¹⁹ Ateneu, *Banquete dos sofistas* 5, 59.

¹²⁰ 528-531

¹²¹ Cf. o verbete no Bailly do verbo ἀκούω para este uso.

deus Dioniso¹²². Aristófanes, portanto, certamente referir-se-ia a uma comédia anterior por uma característica marcante de seu enredo, e não por um fato meramente secundário.

Considerando assim esta contraposição entre o “prudente” e o “esculhambado”, podemos facilmente nos lembrar do famoso *agón* d’*As Nuvens*, quando se enfrentam as personificações destas duas personalidades, destes dois estilos de educação como o “Argumento Justo” e o “Argumento Injusto”. E encontramos fragmentos que nos lembram de imediato a educação tradicional, como por exemplo:

ἄσον δὴ μοι σκόλιόν τι λαβῶν Ἀλκαίου κἀνακρέοντος.¹²³

Canta-me uma canção pegando algo de Alceu e Anacreonte.

Ainda que o verso esteja um pouco truncado, o paralelo com *As Nuvens* é considerável¹²⁴:

πρῶτον μὲν αὐτὸν τὴν λύραν λαβόντ' ἐγὼ κέλευσα
ᾄσαι Σιμωνίδου μέλος, τὸν Κριόν ὡς ἐπέχθη.

Primeiro, então, eu ordenei-lhe, pegando a lira,
cantar uma canção de Simônides, sobre como Crios foi penteado.

Estes dois fragmentos são uma demonstração de como podemos encontrar também n’*Os Convivas* uma divisão entre a antiga poesia de Alceu, Anacreonte, Simônides e a nova educação dos retores e também de Eurípides¹²⁵, tal qual vemos n’*As Nuvens*. Esta divisão é marcada também pela divisão entre idades: um pai representa a antiga educação e seu filho (ou um deles) representa a nova, ao menos é isto que podemos depreender de Galeno:

προβάλλει γὰρ ἐν ἐκεῖνῳ τῷ δράματι ὁ ἐκ τοῦ δήμου τῶν Δαιταλέων
πρεσβύτης τῷ ἀκολάστῳ υἱεῖ πρῶτον μὲν τὰ κόρυκά τί ποτ' ἐστὶν
ἐξηγήσασθαι.¹²⁶

Pois naquele drama o velho do demo dos Detalos pede para o filho libertino explicar o que significa κόρυκά.

Outros fragmentos atribuídos a *Os Convivas* fazem-nos supor que o assunto da comédia é realmente o confronto entre a educação tradicional e a educação moderna. Certamente o assunto envolve algum tipo de iniciação e aprendizado:

¹²² Cf. escólio aos Acarnenses e Ateneu XI, 494d

¹²³ Fr. 223 Kock

¹²⁴ 1355-6

¹²⁵ Cf. *Nuvens* 1371

¹²⁶ Galeno, *Linguarum seu dictionum exoletarum Hippocratis explicatio* livro 19-66

ἀλλ'οὐ γὰρ ἔμαθε ταῦτ' ἐμοῦ πέμποντος, ἀλλὰ μᾶλλον
πῖνειν ἔπειτ' ἄδειν κακῶς, Συρακοσίαν τράπεζαν, κτλ¹²⁷

Pois ele aprendeu não estas coisas depois que eu o mandei, mas sobretudo a beber e depois cantar mal, a mesa de Siracusa, etc.

Possuímos também, como n'*As Nuvens*¹²⁸, um fragmento de uma aula:

A. πρὸς ταῦτα σὺ λέξον Ὀμήρου ἐμοὶ γλώττας, τί καλοῦσι κόρυμβα;
A. τί καλοῦσ' ἀμενηνὰ κάρηνα;
B. ὁ μὲν οὖν σός, ἐμὸς δ' οὗτος ἀδελφὸς φρασάτω, τί καλοῦσιν ἰδίους.
B. τί καλοῦσιν ἀποινᾶν;¹²⁹

A. Diante disto, diga você para mim, com a língua de Homero, o que quer dizer κόρυμβα?
A. O que quer dizer ἀμενηνὰ κάρηνα?
B. Por um lado então o teu irmão, e por outro o meu, diga o que quer dizer ἰδίους.
B. O que quer dizer ἀποινᾶν?

Como n'*As Nuvens*, este ensino se caracteriza pelo aprendizado de uma quantidade considerável de vocabulário exótico (em grande parte extraído de Homero), o que certamente constitui-se em um grande documento para o estudo da educação retórica na Atenas do século V. O caso específico da expressão “ἀμενηνὰ κάρηνα” vem em muito boa hora, pois esta é uma expressão que se repete em vários textos, incluindo obras tardias como os *Diálogos dos Mortos* de Luciano, o que apenas reforça a veracidade da descrição da educação no tempo de Aristófanes.

Portanto, ainda que não haja uma relação direta entre *Os Convivas* e *As Nuvens*, uma vez que na primeira não há a presença de Sócrates ou de algum outro filósofo, ambas são comédias que muito se aproximam, pela contraposição clara entre uma educação tradicional e uma educação “moderna”, “retórica” (a qual, de uma forma ou de outra, Sócrates representa n'*As Nuvens*), que também é representada no texto por um pai e um filho, pela descrição do ambiente de estudo e por representar a função e a influência da retórica nesta época. *Os Convivas*, então, apresentam desde já um estoque tanto de situações quanto de opiniões que seria reutilizado nas *Nuvens*.

¹²⁷ Fr. 216- Omiti o último verso, que apenas enumerava itens culinários.

¹²⁸ 627s

¹²⁹ Fr. 222 – o fragmento está incompleto, falta o início dos versos 2 e 4, além de não haver consistência lógica entre os versos, recolhidos de Galeno.

As Cabras

No entanto, a comédia que mais semelhanças apresenta com *As Nuvens* é *As Cabras* (Αἴγες) de Êupolis. Estas duas peças vêm sendo consideradas bastante semelhantes desde o julgamento de Bergk e Wilamowitz no século XIX, e este julgamento vem sendo mantido até obras mais recentes como a de I. C. Storey, de 2004, *Eupolis: Poet of old comedy*.

As aproximações são feitas por uma série de fatores. Primeiramente, porque a comédia contém um personagem principal ἄγροικος, como *As Nuvens*, e sabemos disso pelas diversas alusões à vida rural, como nos seguintes fragmentos:

ὡς δὴ ποτ' αὐτῶν ἦν κάμη τις, εὐθέως
ἔρει: πρίω μοι σελάχι': ἦν τ' ἴδη λύκον,
κεκράξεται φράσει τε πρὸς τὸν αἰπολον¹³⁰

Como então algum deles trabalha, logo
Dirá: eu vou comprar para mim um tubarão: se vir um lobo
Gritará e mostrará ao pastor de cabras

ἐπίσταμαι γὰρ αἰπολεῖν, σκάπτειν, νεᾶν, φυτεύειν.¹³¹

Pois eu sei pastorear cabras, arar, plantar

Dentre outros¹³², que são comprovados com uma fala direta com o “rústico”:

Σκληρῶς ποιῶντος τοῦ ἀγροϊκοῦ τὸ σχῆμα¹³³

O rustico fazendo a forma duramente

Então devemos contar como um dos personagens principais um homem rústico, como Estrepsíades. A presença da imagem das cabras como representativa da vida campestre é uma constante da literatura e marca presença na própria comédia de Aristófanes, como nestes versos que associam o trabalho de pastorear cabras como a marca distintiva da vida do campo, em oposição (na comédia) com a vida urbana na qual Fidípides despende a riqueza do pai:

ὅταν μὲν οὖν τὰς αἴγας ἐκ τοῦ φελλέως,
ὥσπερ ὁ πατήρ σου, διφθέραν ἐνημμένος¹³⁴.

¹³⁰ Êupolis, fr. 1 Kock

¹³¹ Fr. 13 Kock

¹³² Cf. fr. 3, 15, 19

¹³³ Fragmento não catalogado, achado em um papiro egípcio e publicado por THORJAN pg. 78.

¹³⁴ *Nuvens*, 72-3

Quando então as cabras das pedras
Como eu seu pai, enchido com couro

Além da presença de um personagem rústico, encontramos também um professor, como indicado pelo fragmento 17:

Πάλαι τοὺς αὐτοὺς γραμματικῆς καὶ μουσικῆς εἶναι διδάσκαλους, ὡς
Εὐπολις εἰσάγει ἐν Αἰξί.

Antigamente eles eram professores tanto de gramática como de música, como
Eúpolis mostra nas cabras.

Como n'*As Nuvens*, gramática e música estão associadas ao trabalho de ensino. Também devemos aceitar a presença desse professor em cena, pois o mesmo papiro citado contém um comentário a respeito de algumas comédias:

ὁ διδάσκαλος ἐκέλευσε

O professor ordenou

A proximidade com o Sócrates d'*As Nuvens* é maior do que aparenta à primeira vista: devemos voltar à comédia de Aristófanes para ver que Sócrates é nomeado claramente como διδάσκαλος e a comédia, como já nos referimos acima, contém uma cena de aprendizado. Também devemos supor que *As Cabras* contenham esta cena de aprendizado, no caso da dança, uma inferência tirada do papiro de Oxyrrinco 2738 por Thorjahn e seguida por Storey.

Como na cena d'*As Nuvens*, o aluno também falha no aprendizado, e esta falha, talvez mais até do que a de Estrepsíades n'*As Nuvens*, pode nos instruir em algo bastante útil sobre a comédia, uma vez que ao aluno é pedido para que dance μαλακῶς, delicadamente, e esta palavra é frequentemente considerada como insulto em grego, e não apenas na comédia como se lê em Tucídides:

καὶ οὐκ ἴσμεν ὅπως τάδε τριῶν τῶν μεγίστων ξυμφορῶν
ἀπήλλακται, ἀξυνεσίας ἢ μαλακίας ἢ ἀμελείας δοκῶν καὶ ἐν τῇ
ξυναγωγῇ τοῦ πολέμου μαλακὸς εἶναι καὶ τοῖς Ἀθηναίοις¹³⁵

E não sabemos como estas dentre as três maiores desgraçadas se abateram, parecendo que pela falta de percepção, pela frouxidão, ou pela falta de cuidado e na condução da guerra estar também aos atenienses frouxos

¹³⁵ Tucídides 2, 18.

O velho dança de forma rígida, que está associada à dança marcial e à antiga dança grega, e o professor o repreende por isto. Trata-se da rejeição das formas tradicionais – um tema caro à comédia e especialmente às *Nuvens* –, pela adoção de formas novas, consideradas efeminadas. Já vimos isso anteriormente em relação ao aspecto da pele de Sócrates e um pouco acima em relação ao *καταπύγων* d’*Os Convivas* de Aristófanes.

Não temos referências seguras para datar esta comédia, no entanto, um *terminus ante quem* seguro de que dispomos está na referência a Hipônimo, o milionário ateniense que ao morrer deixou sua fortuna para o mesmo Cális d’*Os Aduladores*. Como este Hipônimo morreu em 424 a.C., sabemos com segurança que a comédia é anterior às *Nuvens*. As diversas semelhanças entre as duas comédias levaram mesmo alguns comentadores a se desculparem por parecerem estar propondo que *As Nuvens* são somente uma versão um pouco diferente d’*As Cabras*, o que certamente não é o caso, embora a semelhança bastante grande entre as duas comédias seja uma prova de que em toda composição da comédia de Aristófanes está presente um fortíssimo elemento tradicional que nós não devemos ligar, como é dito normalmente, a algum interesse ou obtusidade especial de Aristófanes.

Outro ponto de encontro entre esta comédia e *As Nuvens* está na referência a um determinado salário:

ἐγὼ τελῶ τὸν μισθὸν ὄντιν’ ἂν χρῆ.¹³⁶

Eu vou pagar o salário que for preciso

Este salário se refere provavelmente à aula dada em cena, porque encontramos a mesma expressão *μισθὸν τελεῖν* referindo-se justamente ao dinheiro devido ao serviço de um professor, no *Protágoras* de Platão:

Εἰπέ μοι, ἔφην ἐγώ, ὦ Ἰππόκρατες, παρὰ Πρωταγόραν νῦν ἐπιχειρεῖς ἰέναι, ἀργύριον τελῶν ἐκείνῳ μισθὸν ὑπὲρ σεαυτοῦ

Diz-me, eu disse, Ó Hipócrates, pretendes agora ser aluno de Protágoras, pagando por ti mesmo dinheiro como salário a ele?

Resumindo com fragmentos que são seguramente atestados para a comédia de Êupolis: um rústico, provavelmente velho, está tendo aulas com um professor, identificado nos fragmentos como Pródamo, que lhe deseja ensinar modos novos, efeminados, mas

¹³⁶ Fr. 4 Kock.

modernos. É quase a mesma descrição que temos n'*As Nuvens* e a proximidade do assunto realmente chega a confundir alguns estudiosos.

Freqüentemente dois outros fragmentos são associados a esta comédia e podem nos esclarecer ainda mais :

ἀλλ' ἀδολεσχεῖν αὐτὸν ἐκδίδαξον, ᾧ σοφιστὰ¹³⁷

Ensina-o a tagarelar, ó sofista

Onde uma terceira pessoa recomenda alguém a ser um ἀδολέσχης, termo cujo significado já vimos acima. No caso desta comédia, o Sofista seria Pródamo, nome que não conseguimos associar a nenhuma figura cultural do século V. Alguns tenderam a considerar uma referência velada a Pródico, o famoso sofista, e outros a Dâmon, músico que foi professor de Sócrates. Em qualquer um dos casos, é segura a relação entre este sofista e a “nova escola” de intelectuais, músicos, filósofos, sofistas, que dominou o cenário político da Atenas naquela época.

A escolha deste personagem um tanto obscuro tem a mesma origem da escolha de Sócrates para *As Nuvens*, da de Protágoras para *Os Aduladores* e mesmo da de Cono para *Konnos*: que é a de contrapor a vida tradicional às inovações intelectuais da segunda metade do século V. Neste sentido fica mais fácil e mais abrangente a interpretação de todas estas comédias. E o resultado que podemos esperar é explicitado por outro fragmento de Êupolis:

ὅς τὸν νεανίσκον συνὼν διέφθορεν.

Que acabou com jovem com a sua presença

Este verso é ora atribuído a *Os Aduladores*, ora atribuído às *Cabras*, e então esta comédia se aproximaria mais ainda d'*As nuvens*. Temos bons argumentos para qualquer uma das duas atribuições: no primeiro caso tratar-se-ia da corrupção de Cálias pelos aduladores que dão nome à comédia; no segundo caso, seria algum jovem, talvez o próprio filho do velho agricultor, quem teria sido corrompido, e isto aproximaria ainda mais esta comédia d'*As Nuvens*. Qualquer uma das duas atribuições permite, entretanto, o mesmo paralelo com as outras obras da comédia antiga: figuras de uma nova forma de cultura são responsáveis pela mudança e corrupção dos jovens.

¹³⁷ Fr. 353 Kock.

A comédia *Ταγηνίσται* de Aristófanes possui um fragmento que confirma esta associação:

τοῦτον τὸν ἄνδρ' ἢ βιβλίον διέφθορεν
ἢ Πρόδικος ἢ τῶν ἀδολεσχῶν εἰς γέ τις

E este homem foi perdido ou por um livro, ou por Pródico, ou algum dos vagabundos

Esta comédia, da qual temos, como de costume, pouquíssimas informações, pode nos ser útil para compararmos algumas de suas afirmações com algumas das que já vimos. Talvez ela ajude a explicar um dos fragmentos d'*Os Aduladores* de Êupolis:

ᾧν περὶ τάγηνον καὶ μετ' ἄριστον φίλων

dos amigos em volta da frigideira e no almoço

O argumento é um mistério para nós, mas podemos fazer algumas inferências: como Plutarco, que nos transmite o fragmento, nos informa que tal passagem se refere aos parasitas, é-se levado a supor que a comédia é análoga a *Os Aduladores* de Êupolis e contenha um coro de parasitas, tal qual *Os Aduladores* de Êupolis, sendo que esta hipótese foi primeiramente levantada por Bergk em sua edição dos fragmentos.

Alguns outros tentam interpretar que, uma vez que *τάγηνον* também pode significar “vulva”, a comédia dirige-se contra Alcibiades e sua famosa incontinência. Tal argumento é bastante especulativo, porque ele se baseia não em um fragmento de Aristófanes, mas em um d'*Os Aduladores*, de Êupolis, em que Alcibiades se diz amigo do *ταγηνίζειν*, ao invés do *λακωνίζειν*; no caso, *ταγηνίζω* referir-se-ia à frequência a banquetes, enquanto *λακωνίζειν* referir-se-ia ao comportamento favorável a Esparta, bastante comum na época. Contra isto pesa o fato de não haver o menor traço de Alcibiades nesta comédia de Aristófanes, sendo que ele tampouco fora um alvo comum do comediógrafo.

É mais fácil retomar o paralelo com *Os Aduladores* de Êupolis por outro viés. Como esta comédia trata muito provavelmente de um coro de aduladores em uma festa na casa de Cálias, que está sendo influenciado e talvez mesmo “perdido” pelos seus convivas, e onde dois de seus personagens mais importantes são Sócrates e Protágoras, com o último aparecendo em uma certa posição de destaque, podemos imaginar que a comédia tenha um assunto parecido com este, qual seja, a influência de algumas doutrinas sofisticadas ou filosóficas na vida de um homem. O fragmento mais longo que dela possuímos é o 488:

καὶ μὴν πόθεν Πλούτων γ' ἂν ὠνομάζετο,
 εἰ μὴ τὰ βέλτιστ' ἔλαχεν; ἐν δέ σοι φράσω,
 ὅσῳ τὰ κάτω κρείττω ἴσιν ὦν ὁ Ζεὺς ἔχει:
 ὅταν γὰρ ἰσθῆς, τοῦ ταλάντου τὸ ῥέπον
 κάτω βαδίζει, τὸ δὲ κενὸν πρὸς τὸν Δία.
 οὐ<τε> γὰρ ἂν ἀποθανόντες ἐστεφανωμένοι
 προὔκειμεθ' οὐτ' ἂν <βακκάριδι> κεχριμένοι,
 εἰ μὴ καταβάντας εὐθέως πίνειν ἔδει.
 διὰ ταῦτα γὰρ τοὶ καὶ καλοῦνται μακάριοι:
 πᾶς γὰρ λέγει τις "ὁ μακαρίτης οἴχεται,
 κατέδαρθεν: εὐδαίμων, ὅς' οὐκ ἀνιάσεται."
 καὶ θύομέν <γ'> αὐτοῖσι τὰναγίσματα
 ὥσπερ θεοῖσι, καὶ χοάς γε χεόμενοι
 αἰτούμεθ' αὐτοὺς δεῦρ' ἀνεῖναι τὰγαθά.

E de onde Plutão foi assim nomeado
 Se não participasse das melhores coisas, uma coisa eu vou te dizer
 Quando as coisas de baixo são melhores do que as que Zeus domina
 Quando pesas, o prato do talento
 Vai para baixo, e o vazio para Zeus
 E nem se mortos jazeríamos coroados
 Tampouco ungidos com mirto (o termo é obscuro)
 Se não fôssemos logo de cara obrigados a beber
 Por isto que são chamados de bem-aventurados
 Pois todo que diz “o bem aventurado parte,
 Adormeceu: feliz o que não se angustia”
 E Sacrificamos para eles coisas sagradas
 Como aos deuses, e fazemos libações
 E pedimos a eles enviar-nos as coisas boas

Talvez esta passagem seja uma reação a alguma doutrina sobre a morte, ou mesmo a alguma espécie de filósofo que rejeite as riquezas segundo a acepção de alguns¹³⁸. E se isso for verdade, o comentário em relação a Pródico vem mostrar justamente a pessoa que se afasta das concepções normais pela influência de algum dos filósofos, dos quais Pródico era um dos mais destacados.

Se, de acordo com Bergk, o Prodamo d'*As Cabras* é um erro de copista para Pródico, estamos aqui diante de uma acusação ao mesmo sofista, que já vimos ser referido n'*As Aves* e n'*As Nuvens*. Porém, é bem mais provável que não seja uma referência tão evidente quanto o ὀνομαστί κωμωδεῖν, mas sim que esta figura esteja sendo usada como um representante do gênero do intelectual. De qualquer maneira, ela confirma do mesmo modo essa tendência da comédia antiga de criticar e acusar estes novos homens de “destruir” a juventude.

Possuímos da comédia antiga algumas outras referências a tais figuras, menos evidentes, mas cuja lembrança é importante: a primeira vem do comediógrafo Cratino, sempre citado ao lado de Aristófanes e Êupolis nas listas dos três grandes comediógrafos antigos.

¹³⁸ FERNANDEZ, 1996:192

Diante da verdadeira dominância de Êupolis e Aristófanes neste capítulo, a ausência de Cratino é sentida nesta discussão sobre os intelectuais na comédia antiga. Isto se dá, talvez, por uma razão cronológica. Afinal Cratino é bastante anterior a seus dois colegas, e ele vivenciou apenas brevemente a mudança de costumes e hábitos intelectuais de seu período. Entretanto, ele possui alguma coisa digna de lembrança. É sabido por exemplo que ele teria escarnecido um certo Amínias¹³⁹ com termos típicos do abuso de intelectuais como ἀλάζων, κόλαξ, σύκοφάντης, charlatão, adulator, sicofanta. Este personagem é citado n' *As Nuvens*, sendo chamado de efeminado, junto com um número muito grande de outras pessoas¹⁴⁰.

Já vimos duas vezes referências à comédia *Conno* de Amípsias, que coloca em cena o flautista que seria professor de Sócrates. Sabemos que a comédia possuía um coro composto por personagens individuais, como *As Aves* de Aristófanes, e que este coro seria formado por sofistas, dentre os quais estava Sócrates, sem, porém, e para a surpresa de Ateneu, a presença de Protágoras. Infelizmente não possuímos mais nenhum dado possível sobre isto, com exceção da suposição de Casaubon de que esta comédia teria sido dirigida contra Sócrates, naquela que talvez tenha sido a primeira investigação dos fragmentos cômicos gregos.

Não são apenas os personagens e suas caracterizações n' *As Nuvens* que se repetem em outras comédias. Não temos muita informação, mas sabemos que uma comédia dirigiu-se contra um aluno de Protágoras, Evatlo, que é famoso por uma história muito curiosa, contada em Aulo Gélio¹⁴¹: teria sido aluno de Protágoras sob a concessão de pagar a seu professor somente depois da primeira causa ganha, mas, depois de terminada a formação, muito tempo teria se passado sem que ele participasse de qualquer disputa forense; irritado com isso, Protágoras processou-o, exigindo o dinheiro. Evatlo ganhou a disputa com um exemplo característico do “discurso fraco”, dizendo que, de qualquer forma ele ganharia a disputa, se ele ganhasse, não seria obrigado a pagar Protágoras, mas, se perdesse, a educação que o sofista lhe deu teria sido falha, desta forma ele também não teria obrigação de lhe pagar.

Não é impossível imaginar que algo assim tenha sido posto em cena em uma comédia. Também não há como não imaginar que a teoria sobre os dois discursos tenha aparecido em comédias que possuam personagens como Protágoras, o criador de tal exercício, e Pródico, cujo discurso da escolha de Hércules é um dos exemplos mais famosos do discurso injusto.

¹³⁹ Cf. fr. 212 Kock

¹⁴⁰ Vv. 610-20

¹⁴¹ Noites Áticas, 5, 10

Algumas das teorias científicas expostas por Sócrates também aparecem em outras obras, teorias de que temos um exemplo retirado do prólogo das *Nuvens*, na afirmação de que o mundo é um forno e as pessoas seriam carvões, afirmação que teria sido originada em uma comédia de Cratino, conforme nos atesta o escoliasta das *Nuvens*:

ταῦτα πρότερος Κρατίνος ἐν Πανόπταις δράματι περὶ Ἴππωνος τοῦ φιλοσόφου κωμῶδων αὐτὸν λέγει: ἀφ’ οὗ στοχαζόμενοι τινές φασιν, ὅτι μηδεμιᾶς ἔχθρας χάριν Ἀριστοφάνης ἦκεν ἐπὶ τὴν τῶν Νεφελῶν ποίησιν, ὅς γε μήτε ἴδιον μήτε ἀρμόττον, ἀλλὰ μηδὲ πρὸς ἐν ἔγκλημα ἦλθε Σωκράτους. δύο γὰρ κατ’ αὐτοῦ ταῦτα προθεῖς ἐγκλήματα, τὸ περὶ τοῦ οὐρανοῦ ὡς ἔστι πνιγεύς, καὶ ὡς ἰκανός ἐστι τὸν ἥττω λόγον διδάσκειν καὶ τὸν κρείττονα, τὸ μὲν κοινὸν τῶν φιλοσόφων ἀπάντων ἐπήγαγεν ἔγκλημα, φαίνεται δὲ καὶ ἐπὶ τούτῳ ὁ Ἴππων κωμωδηθῆναι φθάσας: τὸ δὲ τῶν ἐγκλημάτων οὐδὲ τὸ σύνολον ἐπικοινωνεῖ φιλοσοφία—οὐ γὰρ τοῦτο ἐπαγγέλλονται οἱ φιλόσοφοι, δεινοὺς ποιῆσειν λέγειν—ἴδιον δὲ τὸ τοιοῦτο μᾶλλον <τῆς> ῥητορικῆς:

E isto primeiro Cratino, no drama “Os que tudo vêem”, escarnecendo Hípon, o filósofo, diz: apontando para isto onde alguns dizem que Aristófanes não colocou nas *Nuvens* nenhum ódio, e que nem armado por ele mesmo e tampouco chegou a fazer uma acusação de Sócrates. Pois ele estaria colocando duas acusações contra ele: a de sobre o céu ser como um forno, e o de ser capaz de ensinar o discurso fraco e o forte, por um lado esta acusação foi apontada contra todos os filósofos, mas por outro parece que Hípon pereceu por ter sido escarnecido. E a filosofia nem sequer participa do o conjunto das acusações, pois os filósofos não afirmam isto, fazer as pessoas terríveis no falar, isto é mais próprio da retórica.

Mais do que qualquer comentador moderno, o escoliasta expõe nossa visão sobre o assunto: não há nenhum interesse particular de Aristófanes contra a figura de Sócrates e, mais do que criticar a figura de Sócrates, Aristófanes critica uma situação cultural e educacional da Atenas de seu tempo, fazendo mais uso, para a composição desta comédia, de tipos de personagens e afirmações que já faziam parte do senso comum cômico. Assim como era tradicional comparar Péricles a Zeus, também já se tornara tradicional para os comediógrafos de sua época colocar um intelectual afirmando que o mundo é como um forno e nós somos os carvões.

3.4. A COMÉDIA MÉDIA

Definição do termo

Existe, porém, um outro conjunto de textos que trata com grande frequência de intelectuais de Atenas. Entretanto o ambiente tanto cultural quanto intelectual é outro, e a comédia é outra. Estamos falando do *corpus* da Comédia Média.

O próprio termo “Comédia Média” é suficientemente polêmico para sequer ser citado como aceito. Embora ele esteja presente firmemente na tradição a respeito da comédia antiga, em especial nas obras de Platônio e no tratado anônimo sobre a comédia, em tempos modernos a discussão sobre a existência ou não desta categoria distintiva da comédia começou já no início do século XIX, com A. W. Schlegel¹⁴², que propunha uma evolução gradativa da comédia antiga, cheia de liberdades políticas, até a comédia nova, onde as liberdades estão todas restritas, a comédia média seria uma passagem nesta evolução gradativa.

Mas o ponto mais importante no debate sobre a natureza da comédia média está na publicação da monografia de Wilhelm Fielitz, *De comoedia atticorum bipartita*, que argumenta que tal tripartição cômica é uma criação da crítica literária da época de Adriano, no século II, e que até então não há nenhuma referência ou conhecimento dela. Nas palavras do estudioso: “Totam illam comoediae in antiquam mediam novam divisionem ne ipsos quidem veteres novisse nisi post Hadrianum imperatorem” (toda esta divisão da comédia entre antiga, média e nova ninguém dos antigos teria conhecido a menos os que viveram depois do Imperador Adriano).”

Desde a publicação deste estudo, iniciou-se uma disputa que praticamente concentra toda a pesquisa a respeito da Comédia Média, que é basicamente se existe ou não tal termo. A tendência da pesquisa contemporânea é de confirmar a opinião de Platônio e mesmo seus argumentos para a origem e a distinção entre as fases.

Nosso trabalho não necessita de discutir mais pormenorizadamente tal fato, apenas usar como balizamento as comédias anteriores ou posteriores à restauração da democracia ateniense, ou seja, o ano 403 a.C. A data é cômoda, uma vez que a maior parte dos comediógrafos da comédia antiga já estava morta nesta data, com exceção de Aristófanes. Entretanto, as duas comédias produzidas posteriormente, *As Mulheres em Assembléia* e *Pluto*, são tradicionalmente classificadas como médias.

Como são obras posteriores às *Nuvens*, enquanto todas as obras aqui selecionadas são anteriores ou contemporâneas desta comédia, já não podemos afirmar a total independência de influências dela. No entanto, muito embora exista uma alusão clara exatamente a ela na

¹⁴² Apud NASSELRATH, 1993, pag 3-5

Apologia de Sócrates, alguns fatores podem indicar que a influência d'*As Nuvens*, ao menos nas décadas imediatamente posteriores a sua criação, não tenha sido tão grande: o primeiro deles refere-se ao fato de que ela ficou em último lugar nas Grandes Dionisíacas de 421 a.C., o que revela que algo nela não agradou de forma alguma o seu público. Outro fator que talvez indique a pouca popularidade d'*As Nuvens* é que Aristófanes iniciou uma revisão do texto, mas essa jamais ficou pronta e jamais foi encenada durante a vida do poeta. No entanto, nada disso é seguro e a própria citação das *Nuvens* (provavelmente ainda em vida de Aristófanes) na *Apologia* nos revela que Platão, ou mesmo Sócrates, tinha consciência daquela comédia, que foi apenas uma dentre várias que incluíram Sócrates como personagem de importância.

A Pitagorizante

Uma comédia do período que contém uma citação bem curiosa é *A pitagorizante* de Aléxis, provavelmente o comediógrafo mais importante da Comédia Média. Ela provavelmente trata de uma mulher que deseja entrar no grupo dos pitagóricos, tal como Estrepsíades deseja participar do grupo de Sócrates:

Ἔδει θ' ὑπομείναι μικροσιτίαν, ῥύπον,
ῥίγος, σιωπὴν, στυγνότητ', ἀλουσίαν.¹⁴³

É preciso suportar a escassez de alimento, a sujeira,
o frio, o silêncio, a sobriedade, a falta de banho

Podemos perceber aqui traços característicos do Sócrates da comédia que aparecem com bastante frequência: a dificuldade de alimentação, a falta de proteção contra o frio e a falta de banho. O padrão e o tema se repetem aqui em relação aos pitagóricos e certamente se mantiveram.

Lino

Dentre a comédia média, a obra que tem a citação mais importante é *Lino*, de Aléxis:

{ΛΙΝ.} βιβλίον ἐντεῦθεν ὃ τι βούλει προσελθὼν γὰρ λαβέ,
ἔπειτ' ἀναγνώσει, πάνυ γε διασκοπῶν
ἀπὸ τῶν ἐπιγραμμάτων ἀτρέμα τε καὶ σχολῆ.
ἽΟρφεὺς ἔνεστιν, ἽΗσίοδος, τραγωδία,

¹⁴³ Fr. 196 Kock.

Χοιρίλος, Ὅμηρος, ἔστ' Ἐπίχαρμος, γράμματα
 παντοδαπά. δηλώσεις γὰρ οὕτω τὴν φύσιν,
 ἐπὶ τί μάλισθ' ὄρμηκε. {HP.} τουτὶ λαμβάνω.
 {ΛΙΝ.} δεῖξον ὅ τι ἐστὶ πρῶτον. {HP.} ὄψαρτυσία,
 ὡς φησι τοῦπίγραμμα. {ΛΙΝ.} φιλόσοφος τις εἶ,
 εὐδηλον, ὅς παρῆς τοσαῦτα γράμματα
 Σίμου τέχνην ἔλαβες. {HP.} ὁ Σίμος δ' ἐστὶ τις;
 {ΛΙΝ.} μάλ' εὐφυῆς ἄνθρωπος. ἐπὶ τραγωδίαν
 ὄρμηκε νῦν, καὶ τῶν μὲν ὑποκριτῶν πολὺ
 κράτιστός ἐστιν ὀψοποιός, ὡς δοκεῖ
 τοῖς χρωμένοις, τῶν δ' ὀψοποιῶν ὑποκριτῆς
 ...
 {ΛΙΝ.} βούλιμός ἐσθ' ἄνθρωπος. {HP.} ὅ τι βούλει λέγε.
 πεινώ γάρ, εὐ τοῦτ' ἴσθι.

Lino: E se aproximando dali, pega o livro que quiseres
 Em seguida lê, observando bem
 Dos títulos precisamente e com diligência
 Tem Orfeu, Hesíodo, Tragédia
 Cerilo, Homero, Epicarmo, obras
 De todos os tipos. Você mostrará a sua natureza
 Pela que te inclinares. Hércules: escolho este daqui
 Li: mostra o que é primeiro Her: É um livro de culinária,
 Como diz o título. Li: Tu és um tipo de filósofo,
 É claro, que escolhendo estes textos
 Escolheste a arte de Simo Her: Quem é Simo?
 Li: Um ótimo homem, escolheu
 A tragédia agora e é o melhor cozinheiro
 Dentre os atores, como parece aos que usam
 Ator dentre os cozinheiros

(Lacuna)

Lino: É um homem desejável Hér: Diz o que queres
 Bem fica sabendo que eu estou com fome

Exemplo típico da comédia do seu tempo, trata-se de uma farsa mitológica – alguns buscam imaginar algum antecedente trágico como nos exemplos de *Antípoe* e *Anfitrião*, mas há quem duvide desta origem. No entanto, o uso de erudição mitológica e citações literárias é uma característica fundamental da Comédia Média, ainda que não seja exclusiva dela; o burlesco mitológico está presente desde o *Dioniso Alexandre* de Cratino e o criativo uso de citação literária é um dos grandes charmes d'*As Rãs* de Aristófanes. Mas posteriormente o uso e a frequência de tais temas é bem maior, como demonstram as listas de obras, como *Antíope*, *Sete contra Tebas* e *O Cisne* (sobre Leda e o nascimento de Helena).

O trecho citado apresenta um diálogo entre, provavelmente, os dois personagens principais, Hércules e Lino. Provavelmente o tema da comédia é a história das aulas de cítara que o filho de Apolo teria dado a Hércules e que lhe teriam custado a vida¹⁴⁴. Mas está em

¹⁴⁴ Cf. Apolodoro: 2.63.6 ἐδιδάχθη δὲ Ἡρακλῆς ἀρματηλατεῖν μὲν ὑπὸ Ἀμφιτρώωνος, παλαίειν δὲ ὑπὸ Ἀντολύκου, τοξεύειν δὲ ὑπὸ Εὐρύτου, ὀπλομαχεῖν δὲ ὑπὸ

cena uma discussão entre Lino e Hércules sobre livros: Lino, como um mestre de escola típico, oferece vários livros para Hércules, dentre os quais Homero, Hesíodo, Orfeu e Epicarmo, mas Hércules escolhe um livro de culinária. Um traço característico do Hércules da comédia é a sua voracidade, e também o fato de ser sempre representado como um herói um tanto ingênuo e pouco sofisticado. Aqui ele apenas repete o comportamento que já se vê em Aristófanes, como n' *As Rãs* e mesmo na *Alceste* de Eurípides. A resposta de Lino é que é um tanto surpreendente fora de contexto, pois em momento algum seria de se esperar que um herói glutão e de pouco refinamento fosse comparado com a figura que, em nossa cultura ao menos, é muitas vezes equilibrada ao refinamento exagerado, o filósofo.

A resposta de Lino só faz sentido se ainda tivermos em mente as injúrias e comentários sobre a filosofia que vimos ao longo desta dissertação, ou seja, ele está trabalhando com um estoque comum de casos da comédia antiga, que Aléxis herdou. A idéia do filósofo, portanto, como um tipo de parasita e sua ânsia por comida, exemplificada por passagens n' *As Nuvens*, no *Conno* de Amípsias, n' *Os Aduladores* de Êupolis e em outras obras, ainda faz parte do acervo comum da comédia antiga, e Alexis apenas o relembra em uma piada que certamente teve ressonância fácil no público.

Entretanto, há algo de especial nesta citação e ela nos leva ao assunto do próximo capítulo.

Κάστορος, κιθαρωδεῖν δὲ ὑπὸ Λίνου. οὗτος δὲ ἦν ἀδελφὸς Ὀρφέως: ἀφικόμενος δὲ εἰς Θήβας καὶ Θεβαῖος γενόμενος ὑπὸ Ἡρακλέους τῇ κιθάρα πληγεὶς ἀπέθανεν.
Hércules aprendeu com Anfitrião a andar de carruagem, a lutar com Autólico, a lançar o arco com Eurito, a lutar com armas com Castor, a tocar cítara com Lino, este era irmão de Orfeu; e chegando a Tebas e tornando-se tebano, morreu ao ser atingido por Hércules com a cítara.

4. A FILOSOFIA EMANCIPADA

4.1 OS TERMOS PARA “FILÓSOFO” NO SÉCULO V

Φιλόσοφος

Os breves comentários que fizemos no capítulo anterior sobre algumas caracterizações dos filósofos da Comédia Média nos mostraram que, apesar de conterem alguma relação próxima aos temas da Comédia Antiga, havia uma que, apesar de aparentemente pequena, era bastante importante. A diferença dessa única passagem de Aléxis e toda a tradição da Comédia Antiga que acabamos de citar encontra-se no uso de uma única palavra na réplica de Lino à escolha de Hércules:

φιλόσοφος τις εἶ;

Você é um filósofo?

Essa pergunta se destaca agudamente no meio de todos os fragmentos e citações de Aristófanes e de seus colegas pelo uso do termo φιλόσοφος, pois até então os comediógrafos valiam-se de dois termos para descrever as figuras intelectuais de seu meio: φροντιστής e σοφιστής. São estes os termos de que não apenas Aristófanes, mas boa parte dos seus contemporâneos usa, indistintamente, para definir Sócrates e as figuras que hoje chamamos de sofistas¹⁴⁵.

Σοφιστής

Esses, porém, são termos extremamente imprecisos e que mal podem servir de parâmetro para um estudo sério. Peguemos como exemplo o termo σοφιστής. N’*As Nuvens*, ele pode ter significados tão diversos que mesmo um grego de algum século posterior seria capaz de estranhar:

Σω. Οὐ γὰρ μᾶ Δί’ οἶσθ’ ὅτι ἡ πλείστους αὐται βόσκουσι σοφιστάς
Θουριομάντεις, ἰατροτέχνας, σφραγιδονυχαργοκομήτας

¹⁴⁵ Lísias mesmo chama manifestamente Sócrates de Sofista em um fragmento de seus discursos, achado em Ateneu, *Banquete dos Sofistas* XIII, 95.

Κυκλίων τε χορῶν ἀματοκάμπτας, ἄνδρας μετεωροφένακας¹⁴⁶

Mas, por Zeus, sabes que estas apascentam a maioria dos sofistas:
Adivinhos, médicos, almofadinhas,
Compositores de coros cíclicos, impostores astronômicos.

Os sofistas que *As Nuvens* apascentam nessa passagem podem ser, ao mesmo tempo, adivinhos, médicos, poetas e filósofos naturais, se é que interpretamos corretamente o termo μετεωροφέναξ. Pode-se considerar que tal acúmulo de determinações seja tão somente um artifício cômico para demonstrar o absurdo do φροντιστέρτον, ou um artifício retórico utilizado pelo personagem para demonstrar a sua excelência. Entretanto, apesar de ser curioso para nós e mesmo para o uso ulterior da língua grega, encontramos correspondência para praticamente todos estes usos na tradição grega. Para o primeiro termo encontramos paralelo em Heródoto:

Ἐλλησι γὰρ δὴ Μελάμπους ἐστὶ ὁ ἐξηγησάμενος τοῦ Διονύσου τό τε οὔνομα καὶ τὴν θυσίην καὶ τὴν πομπὴν τοῦ φαλλοῦ. Ἄτρεκέως μὲν οὐ πάντα συλλαβὸν τὸν λόγον ἔφηνε, ἀλλ' οἱ ἐπιγενόμενοι τούτῳ σοφισταὶ μεζόνως ἐξέφηναν¹⁴⁷

Pois, entre os gregos, é Melampo o conduto tanto do nome, quanto do sacrificio de Dioniso, quanto da procissão do falo. Certamente, não pareceu ter compreendido toda a razão, mas os sofistas que se seguiram a este pareceram compreender melhor.

Não há uma referência clara ao sofista como médico, mas ambos os termos são justapostos em uma breve passagem do *Corpus hippocraticum*¹⁴⁸. Entretanto, e talvez seja o fato mais inusitado, todas as outras citações restantes de σοφιστής na Comédia Antiga relacionam-se a poetas ou músicos. Como neste fragmento de Cratino, em que o termo, segundo Diógenes Laércio, se refere a Homero e Hesíodo:

οἶον σοφιστῶν σμῆνος ἀνεδιφήσατε.

Tateiem como um enxame de sofistas.¹⁴⁹

Outros significados para o termo não encontrados nesta passagem são também correntes no quinto século: “sábios” como Sólon¹⁵⁰ e Pitágoras¹⁵¹, “moralistas”¹⁵² e, talvez, “oradores” e “professores de oratória”¹⁵³.

¹⁴⁶ *Nuvens*, 331-3

¹⁴⁷ Heródoto, 2, 49.

¹⁴⁸ *Corpus Hippocraticum*, *Sobre a Antiga Medicina*, 20, 1.

¹⁴⁹ Fr. 2, Kock.

¹⁵⁰ Heródoto 1, 29.

Como podemos ver, o termo σοφιστής não possui nenhuma particularidade e pode ser aplicado, na verdade, a toda e qualquer atividade humana que necessite de habilidade discursiva, significado que se coloca em consonância com o uso do termo σοφία em Hesíodo e Homero, determinando uma habilidade específica, muitas vezes manual. Existe uma longa disputa sobre o significado desse termo, sendo que a visão que aqui expusemos e talvez a mais aceita pela comunidade acadêmica seja a interpretação proposta primeiramente por George Grote, formulada no famoso capítulo 57 de sua *History of Greece*¹⁵⁴: para ele, dados os diversos significados do termo no quinto século, teria sido uma criação de Platão a designação do mesmo enquanto uma classe independente.

Grote é um dos primeiros, senão o primeiro, a colocar em relevo o trabalho dos sofistas e tentar interpretá-los à luz de uma visão mais positiva do que a que Platão lhes reserva. Para ele, os sofistas foram os precursores da filosofia ocidental e atores importantíssimos na história das idéias. Essa afirmação de Grote reflete a sua teoria de que, no quinto século antes de Cristo, não havia, em absoluto, diferenciação alguma entre aquelas figuras que vamos posteriormente chamar de filósofos e sofistas, concluindo que tal distinção é uma criação posterior, que partia especialmente de uma polêmica de Platão e, talvez, de Sócrates contra eles.

A visão contrária é defendida por Guthrie em sua *História da Filosofia*¹⁵⁵. Segundo ele, as alusões de Platão aos sofistas de certo modo implicam que eles eram comumente chamados por esse nome em Atenas. Ele tenta demonstrar isso com um discurso de Isócrates, *Contra os Sofistas*, e com uma citação de Tucídides¹⁵⁶. No entanto, Edmunds bem nota que, mesmo em algumas obras de Platão, o termo sofista não é usado em passagens em que deveríamos esperar que o fosse, como em todo o *Fedro*, e reforça a visão de que tal matiz do termo é criação platônica. Σοφιστής, para uma boa parte dos intérpretes, é apenas um termo concorrente com σοφός para a designação de uma figura intelectual, o sábio. No entanto, seu uso na comédia revela já o início do seu deslocamento de uma determinação neutra para outra pejorativa, pois Aristófanes jamais chama Sócrates ou alguns de seus discípulos de σοφός. Entretanto, σοφισταί é um substantivo comum na comédia.

¹⁵¹ Heródoto 4, 95.

¹⁵² Eurípides, *Hipólito*, 921 δεινὸν σοφιστὴν εἶπας, ὅστις εὖ φρονεῖν τοὺς μὴ φρονούντας δυνατός ἐστ' ἀναγκάσαι.

“Falaste de um terrível sofista, o qual é capaz de obrigar a serem sensatos os insensatos.”

¹⁵³ Cf. EDMUNDS, 2006: 414-42.

¹⁵⁴ GROTE, G., 1855

¹⁵⁵ GUTHRIE, , 1995

¹⁵⁶ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, 3, 38

Φροντιστής

O termo φροντιστής é bem mais específico e não é encontrado em autores anteriores ao século V a. C.. É derivado claramente do verbo φροντίζω, com o sufixo de agente –τής, e representa aquele que realiza a ação de pensar, o pensador.

As poucas atestações dessa palavra parecem sugerir que ela surge no ambiente da comédia, uma vez que suas primeiras citações encontram-se nela, e em especial nas *Nuvens*. Além disso, outras comédias parecem ter feito uso do termo, como no caso do *Conno* de Amípsias – encenada no mesmo ano das *Nuvens*, a qual possui aquele coro de φροντισταί a que Ateneu se refere – e em uma passagem de Antífanes¹⁵⁷, que também parece demonstrar o uso costumeiro desta palavra na comédia.

Podemos sugerir uma origem alternativa para a criação desse nome. Não que proponhamos uma etimologia diferente, uma vez que a derivação é extremamente clara e bastante comum na língua grega. Mas, assumindo que seja uma criação cômica, podemos notar que praticamente todas as vezes que foi utilizado, o foi no contexto da comédia grega, como na alusão que o Sócrates da *Apologia* faz às *Nuvens*¹⁵⁸ e em várias passagens de Xenofonte. Dentre essas referências de Xenofonte, a mais importante e, para nós, frutífera, é esta sutil passagem do *Banquete*¹⁵⁹:

Τοιούτων δὲ λόγων ὄντων ὡς ἔωρα ὁ Συρακόσιος τῶν μὲν αὐτοῦ ἐπιδειγμάτων ἀμελοῦντας, ἀλλήλοις δὲ ἠδομένους, φθονῶν τῷ Σωκράτει εἶπεν: Ἔρα σύ, ὦ Σώκρατες, ὁ φροντιστής ἐπικαλούμενος; Οὐκοῦν κάλλιον, ἔφη, ἢ εἰ ἀφρόντιστος ἐκαλούμην. Εἰ μὴ γε ἐδόκεις τῶν μετεώρων 6.7 φροντιστής εἶναι. Οἶσθα οὖν, ἔφη ὁ Σωκράτης, μετεωρότερόν τι τῶν θεῶν

Sendo estes os assuntos, quando o homem de Siracusa viu alguns despreocupando-se com tais exemplos, alegrando-se uns com os outros, invejando a Sócrates disse: Mas tu, ó Sócrates, não és chamado de o φροντιστής? Portanto melhor, ele disse, do que se eu fosse chamado de insensato. Ao menos se não pretendes ser um φροντιστής dos assuntos celestes. Mas conheces, disse Sócrates, algo mais celestial do que os deuses?

A datação dramática d' *O Banquete* de Xenofonte é tradicionalmente estabelecida como sendo no ano de 421 a. C., principalmente pela presença dos convidados na casa de

¹⁵⁷ Fr. 271 Kock: συνεχῶς γὰρ ἐμπιπλάμενος ἀμελής γίνεται/ ἄνθρωπος, ὑποπίνων δὲ πάνυ φροντιστικός. , pois enchendo continuamente torna-se um homem descuidado, embriagando-se muito “pensativamente”

¹⁵⁸ *Apologia* 18b

¹⁵⁹ Xenofonte, *Banquete*, 6

Cálias, tal qual *n'Os Aduladores* de Êupolis¹⁶⁰; ou seja, apenas dois anos depois da encenação da comédia de Aristófanes. Muitos já supuseram que tal passagem é apenas uma alusão a Aristófanes, mas Patzer¹⁶¹ e Edmunds¹⁶² lêem-na como uma demonstração de que, em 421 a.C., já existia um lugar comum cômico que caracterizava Sócrates como um dos φροντισταί. À luz das passagens que citamos em capítulos anteriores, esse trecho de Xenofonte certamente vem a confirmar tal suposição, até porque que não há nada que especifique aí Aristófanes, como faz a passagem da *Apologia*; e o uso do particípio no presente tende, em grego, a dar a impressão de que isto é uma atitude que se repete no tempo, indicando assim um costume de se chamar Sócrates de φροντιστής.

Tal termo, ao contrário de σοφιστής, que é meramente genérico e serve para uma infinidade de atividades e estados, é um termo de abuso que, ainda que somente funcione como moeda verdadeira na Comédia Antiga, destaca-se como um dos primeiros vocábulos que distingue a função de Sócrates, Protágoras e Pródico, da função de Eurípidas, Conno e um adivinho qualquer.

O que é certo, entretanto, é que, em nenhum momento de sua vida, Sócrates foi chamado de φιλόσοφος, tal palavra não fazia parte do vocabulário corrente do ateniense médio do século V a. C.¹⁶³ e é bem possível que ela sequer existisse neste período. Sabemos, entretanto, pela famosa afirmação de Diógenes Laércio¹⁶⁴, que o criador do termo “filósofo” teria sido Pitágoras, informação essa que encontramos nos manuais e normalmente é aceita. Entretanto, já foi levantada a questão de se isso realmente procede.

Como Andrea Nightingale¹⁶⁵ bem marca, a definição de filósofo que hoje possuímos foi criada com Platão, e anteriormente havia apenas a noção de sábio, como demonstrada no vasto uso de σοφιστής para diversas atividades. Tendo isso em vista, é bastante improvável que houvesse qualquer outro termo à disposição de Aristófanes que não fosse um dos termos σοφός e σοφιστής outrora citados, e uma criação cômica de abuso, φροντιστής. Devemos supor isto porque o conceito inexistia¹⁶⁶, mesmo que na época já existissem figuras que posteriormente chamaríamos de filósofos, isto é, os pré-socráticos. Esses, entretanto, eram para seus contemporâneos apenas algum tipo de sábio, e os primeiros a qualificarem-os com

¹⁶⁰ Já discutimos no segundo capítulo sobre a datação dessa obra.

¹⁶¹ PATZER, 1994.

¹⁶² Op. Cit.

¹⁶³ Para um levantamento sobre os termos pelos quais Sócrates é chamado em vida, ver EDMUNDS (2005)

¹⁶⁴ Diógenes Laércio, *Vida dos filósofos*, 1, 12

¹⁶⁵ NIGHTINGALE, 2000

¹⁶⁶ EDMUNDS, 2006, 57.

este *status* de um tipo de pensador diferente foram Platão e, mais especificamente, Aristóteles, em suas obras de história da filosofia¹⁶⁷.

Aquilo que na verdade a comédia revela com esta criação vocabular é uma tentativa de definição de um conceito e de uma classe que até então não se distinguia de outras formas de intelectuais, para usar um termo imensamente anacrônico, referindo-me aqui a todo tipo de pensador que efetue uma atividade discursiva e não produza um objeto palpável. Não que seja uma tentativa consciente, mas *As Nuvens* e outras comédias revelam que o conceito de uma classe distinta de pensadores está sendo formado. Vemos isso na idéia de uma escola de σοφισταί, e também no coro de φροντισταί do *Conno* de Amípsias. No entanto isso não é garantia de que o conceito fosse ainda absolutamente independente e moeda corrente, pois Protágoras e talvez outros pensadores são colocados no coro de parasitas na comédia de mesmo nome, e os pensadores do *Frontistério* de Aristófanes executam toda e qualquer atividade intelectual.

O que é mais seguro é que Aléxis introduz o termo na comédia, e bem provavelmente também o conceito φιλόσοφος, ou seja, introduz um termo que não é um abuso, como φροντιστής, e tampouco é vago como σοφιστής. Esse simples ato possui várias implicações: a primeira, e talvez mais importante, é a de que reflete um novo mundo para a filosofia, a qual agora não apenas conta com uma nomenclatura própria, como também é aceita pela comunidade e pelo povo em geral. Ou seja, o fato de que o termo é introduzido na comédia, é um indício de que os filósofos agora são reconhecidos como uma categoria diferente de várias outras no mundo grego. A comédia segue esse caminho ao aceitar tal divisão e tratar a filosofia em seus próprios termos.

4.2. PARÁFRASES E PARÓDIAS DA FILOSOFIA NA COMÉDIA MÉDIA

Anfide

De fato, isso reflete mais uma mudança social do que uma mudança da comédia, mas é sem dúvida uma mudança que muito influenciou o gênero, pois tal “aceitação” da filosofia não se demonstra somente pela nomenclatura, algo que também fica claro na aceitação das doutrinas da própria filosofia, como no seguinte fragmento de Anfide, onde a relação cômica com a doutrina do Bem de Platão é bastante clara e evidente:

¹⁶⁷ Como no primeiro livro de sua *Metafísica*.

τὸ δ' ἀγαθὸν ὃ τι ποτ' ἐστίν, οὐδὲ σὺ τυγχάνειν
 μέλλεις διὰ ταύτην, ἦττον οἶδα τοῦτ'
 ἐγὼ, ὃ δέσποτ', ἢ τὸ Πλάτωνος ἀγαθόν. {B.} πρόσσεχε δὴ.¹⁶⁸

O que é o bem, o qual tu te preocupas
 Em alcançar por meio desta, eu faço menos idéia disto,
 Ó senhor, do que do bem de Platão. B) Atenção, então.

A comédia apresenta dois personagens, provavelmente um escravo dialogando com seu mestre. A cena está bem próxima de algumas passagens das comédias mais tardias de Aristófanes, em especial o *Pluto*, que apresentam com maior frequência a relação entre senhor e escravo. Tal qual a comédia de Aristófanes, aqui o senhor é apresentado como tendo uma idéia que não é considerada normal e o escravo acaba discutindo com ele. Aqui se trata de algum bem, sobre exatamente qual, não podemos saber, afinal, é o único fragmento desta comédia, chamada de *Anficles*, e sequer temos alguma outra informação sobre ela. “Esta” a que se refere o escravo é sugerida por Kock na sua edição dos fragmentos¹⁶⁹, como sendo alguma filosofia, mas nada nos garante isso com certeza; entretanto, também nada pode ser dito em contrário. O que podemos é nos certificar dizendo que tanto o uso do Bem, em um sentido aparentemente abstrato, quanto a citação de Platão nos remetem ao campo da filosofia. No entanto, o escárnio revela um conhecimento bem mais refinado da doutrina platônica sobre o Bem do que qualquer referência à filosofia antiga. Certamente faz parte do jogo cômico da cena o conhecimento que um escravo teria de Platão, o que revela que, pelo menos, a audiência deveria ter alguma idéia, ainda que vaga, do que seria sua filosofia.

No entanto, o seguinte fragmento é ainda mais importante para o tema:

Τί φῆς; σὺ ταυτὶ προσδοκᾶς πείσειν ἐμέ,
 ὡς ἔστ' ἐραστής, ὅστις ὠραῖον φιλῶν
 τρόπων ἐραστής ἐστι, τὴν ὄψιν παρῆς;
 ἄφρων γ' ἀληθῶς. οὔτε τοῦτο πείθομαι,
 οὔθ' ὡς πένης ἄνθρωπος ἐνοχλῶν πολλακίς
 τοῖς εὐποροῦσιν οὐ λαβεῖν τι βούλεται.¹⁷⁰

Que dizes? Tu esperas me convencer
 Que existe um amante, que, amando o belo,
 É amigo do caráter, mas não se importa com a aparência?
 Verdadeiramente é um insensato. Nem me convenço disto,
 nem de que um homem pobre que muitas vezes se irrita
 com os que estão bem de vida e não deseja pegar algo

¹⁶⁸ Anfide, fr. 6 Kock

¹⁶⁹ KOCK, 1885:237

¹⁷⁰ Fr. 15 Kock.

Estamos um pouco mais seguros com relação a esse fragmento do que com o primeiro. Ele vem da comédia *Ditirambo*, do mesmo autor, da qual possuímos um outro fragmento, o suficiente para saber que seu assunto principal não é a filosofia, mas uma inovação teatral que o personagem principal quer levar a cabo. Talvez essa inovação esteja ligada, tal qual acontecia na Comédia Antiga, a inovações culturais do momento e daí podemos tirar a referência à doutrina platônica, mas não podemos nos assegurar disso.

O mais importante desse fragmento, entretanto, é que, ao contrário de todas as citações que já vimos da Comédia Antiga, as de Anfide distinguem de maneira bem clara a origem e os temas platônicos. Podemos conferir a doutrina do Bem platônico em diversos diálogos, como o *Górgias*, *A República* etc; e, apesar de conter apenas uma alusão velada a ela, Anfide consegue descrever muito bem o conceito extremamente contra-intuitivo que até hoje consome parte do tempo dos exegetas platônicos.

De forma ainda mais precisa, a doutrina que pode ser considerada como a central do *Banquete*, sobre a superioridade do amor espiritual sobre o amor físico, é citada e comentada aqui. Trata-se da primeira citação verdadeiramente confiável de uma doutrina filosófica por um comediógrafo grego.

Antífanos

Encontramos várias paráfrases de doutrinas filosóficas que revelam um verdadeiro conhecimento do tema nas comédias da Comédia Média. Vemos, por exemplo, esta paródia da metafísica antiga, que vem sob o nome do Liceu:

ἀκολουθεῖν ἔρις
 ἐν τῷ Λυκείῳ μετὰ σοφιστῶν, νῆ Δία,
 λεπτῶν ἀσίτων συκίνων, λέγονθ' ὅτι
 τὸ πρᾶγμα τοῦτ' οὐκ ἔστιν εἶπερ γίνεται:
 οὐδ' ἔστι γάρ πω γινόμενον ὃ γίνεται,
 οὔτ' εἰ πρότερον ἦν, ἔστιν ὃ γε νῦν γίνεται:
 ἔστιν γάρ οὐκ ὄν οὐδέν: ὃ δὲ μὴ γέγονέ πω,
 οὐκ ἔσθ' ἕωσπερ γέγονεν, ὃ γε μὴ γέγονέ πω:
 ἐκ τοῦ γάρ εἶναι γέγονεν: εἰ δ' οὐκ ἦν ὄθεν,
 πῶς ἐγένετ' ἐξ οὐκ ὄντος; οὐχ οἷόν τε γάρ.
 εἰ δ' αὐτόθεν ποι γέγονεν, οὐκ ἔσται
 κηποι δέποτις εἶη, ποθεν γενήσεται
 τοῦκ ὄν εἰς οὐκ ὄν: εἰς οὐκ ὄν γὰρ οὐ δυνήσεται.
 ταυτὶ δ' ὃ τι ἔστιν οὐδ' ἂν ἀπόλλων μάθοι.¹⁷¹

(...) Seguir uma disputa no Liceu

¹⁷¹ Antífanos, fr. 122 Kock

Com os sofistas, por Zeus!,
 finos, sem comida, pérfidos, dizendo que
 esta coisa não é se por acaso vem a ser,
 pois nem ainda existe o surgido que vem a ser,
 nem, se antes existia, existe o que agora vem a ser;
 pois o que não é nada existe: o que ainda não veio a ser,
 nem é até quando veio a ser, o que ainda não veio a ser
 pois do ser veio a ser, se não existia de onde
 como veio a ser do que não existia, pois não é possível
 se lá para onde veio a ser, não haverá,
 se houver jardins, de onde virá a ser
 o que é até o que não é: pois não poderia até o que não é
 isto o que é nem mesmo se o que perece aprendesse

A citação é extremamente confusa e vale-se de um tipo de discussão bastante comum na filosofia antiga, que é o debate sobre se pode existir a geração e a corrupção. Que o Liceu estava interessado nisso, sabemos pelas obras de Aristóteles, em especial em seu opúsculo *Sobre a Geração e a Corrupção* e na *Metafísica*. Norwood afirma que tal fragmento parodia a doutrina eleática de Zenão e Parmênides, para a qual a forma meio paradoxal das afirmações e a confusão da redação decerto apontam. Entretanto, uma atribuição ao Liceu também não é exatamente incorreta, pois sabemos que o interesse nestes assuntos era alto na escola de Aristóteles.

Aléxis

Outras paráfrases são bastante precisas, como esta do discípulo socrático Aristipo, também de Aléxis:

ὁ δεσπότης οὐμὸς περὶ λόγους γὰρ ποτε
 διέτριψε μειρακίσκος ὢν καὶ φιλοσοφεῖν
 ἐπέθετο: Κυρηναῖος ἦν ἐνταῦθά τις,
 ὡς φασ', Ἀρίστιππος, σοφιστῆς εὐφυῆς,
 μᾶλλον δὲ πρωτεύων ἀπάντων τῶν τότε,
 ἀκολαστία τε τῶν γεγονότων διαφέρων.
 τούτῳ τάλαντον δοῦς μαθητῆς γίνεται
 ὁ δεσπότης. καὶ τὴν τέχνην μὲν οὐ πάνυ
 ἐξέμαθε, τὴν δ' ἄρτηριαν συνήρπασεν.

Pois o meu senhor certa vez passou o tempo
 (pensando) sobre assuntos enquanto era adolescente e dispôs-se
 a filosofar. Havia aqui um certo Cirenaico,
 como dizem, Aristipo, um sofista bem feito,
 muito à frente de todos os de então,
 e destacando-se pela falastrice dos fatos.
 Tendo dado um talento a este, tornou-se um aluno
 o senhor. E tanto aprendeu não muito a arte,
 quanto compreendeu a garganta

À primeira vista, parece tratar-se de uma reciclagem dos argumentos da Comédia Antiga sobre os filósofos e sofistas: são pagos para ensinar e tomam parte em todos os prazeres possíveis, em especial à mesa. No entanto, cada uma das afirmações feitas nessa passagem está de acordo com o que as outras fontes dizem a respeito de Aristipo e a escola que ele criou, a escola cirenaica. Aléxis diz-nos que o senhor do escravo pagou um talento para ser seu aluno, e é verdade que Aristipo, ao contrário dos outros discípulos socráticos, realmente recebia pagamento por suas lições¹⁷², sendo seu estilo de vida realmente o mais hedonista possível:

Ἐγὼ γ', ἔφη ὁ Ἀρίστιππος: καὶ οὐδαμῶς γε τάττω ἑμαυτὸν εἰς τὴν τῶν ἀρχεῖν βουλομένων τάξιν. καὶ γὰρ πάνυ μοι δοκεῖ ἀφρονος ἀνθρώπου εἶναι τό, μεγάλου ἔργου ὄντος τοῦ ἑαυτῷ τὰ δέοντα παρασκευάζειν, μὴ ἀρκεῖν τοῦτο, ἀλλὰ προσαναθέσθαι τό καὶ τοῖς ἄλλοις πολίταις ὧν δέονται πορίζειν(...) ἑμαυτὸν γε μέντοι τάττω εἰς τοὺς βουλομένους ἢ ῥᾶστά τε καὶ ἥδιστα βιοτεύειν.¹⁷³

“Sim”, dizia Aristipo, “e de modo algum me dedico à classe dos que desejam governar. Pois muito me parece ser próprio de um homem insensato não bastar preparar as coisas necessárias, o que já é um grande trabalho para um homem, mas também dedicar-se a fornecer aos outros cidadãos aquilo que é preciso (...) eu mesmo me coloco dentre os que querem viver de modo mais fácil e agradável”.

Esse parece ser o caso em que os modelos da Comédia Antiga e a figura da tradição realmente encontram-se, e não dá para saber se essa caracterização de Aristipo deriva dessa tradição da Comédia Antiga (que a Comédia Média teria preservado) ou se é uma crítica real às doutrinas de Aristipo. Temos, entretanto, uma expressão que pode nos indicar que Aléxis está condenando de fato o modo de vida de Aristipo: καὶ τὴν τέχνην μὲν οὐ πάνυ/ἐξέμαθε. (mas não aprendeu muito da arte). Isso está em contradição com um dos dados característicos das *Nuvenis*, que é o aprendizado de Fidípides, o filho de Estrepsíades, o qual vai ao φροντιστήριον e realmente aprende as doutrinas de Sócrates e torna-se um mestre em retórica. Pode-se acusá-lo de muita coisa, mas o Sócrates das *Nuvenis* é um professor eficaz (às vezes ao contrário do próprio Sócrates histórico, “mestre” de Críticas e Alcibiades, se é que podemos chamá-lo de professor). Já Aristipo, pelo visto, não é um bom professor,

¹⁷² Diógenes Laércio II, 72: ὀνειδιζόμενός ποτε ὅτι δίκην ἔχων ἐμισθώσατο ῥήτορα, “καὶ γάρ,” ἔφη, “ὅταν δεῖπνον ἔχω, μάγειρον μισθοῦμαι.” [se insultado certa vez porque tinha um processo por ter sido pago como um retor, disse: “pois sim, quando tenho um banquete, eu sou pago como um cozinheiro.”]

¹⁷³ Xenofonte, *Memoráveis*, II, 1, 8.

pois comenta-se que a personagem não aprende nada, salvo ir aos banquetes. Isto pode ser uma referência direta a uma das características da filosofia cirenaica, que é a recusa em estudar qualquer tipo de doutrina física:

ἀφίσταντο δὲ καὶ τῶν φυσικῶν διὰ τὴν ἐμφαινομένην ἀκαταληψίαν: τῶν δὲ λογικῶν διὰ τὴν εὐχρηστίαν ἤπτοντο.

E se afastavam da doutrina dos físicos, pela visível impossibilidade de se compreender, mas ficaram presos pela utilidade dos lógicos.

Ou seja, mesmo quando o texto parece se aproximar do espírito da Comédia Antiga, ele na verdade se afasta, pois se revela uma crítica a um tipo especial de filósofo.

Efipo

Mesmo a descrição das figuras dos filósofos consegue se afastar bastante daquela a que nos acostumamos graças às *Nuvens* e a outros fragmentos da Comédia Antiga:

ἔπειτ' ἀναστάς εὐστοχος νεανίας
τῶν ἐξ Ἀκαδημείας τις ὑπὸ Πλάτωνα καὶ
Βρυσωνοθρασυμαχειοληψικερμάτων
πληγείς ἀνάγκη, ληψιλογομίσθῳ τέχνῃ
συνών τις, οὐκ ἄσκεπτα δυνάμενος λέγειν,
εἶ μὲν μαχαίρῃ ξύστ' ἔχων τριχώματα,
εἶ δ' ὑποκαθίεις ἄτομα πάγωνος βάθη,
εἶ δ' ἐν πεδίλῳ πόδα τιθεὶς ὑπὸ ξυρόν,
κνήμῃς ἰμάντων ἰσομέτροις ἐλίγμασιν,
ὄγκῳ τε χλανίδος εἶ τεθωρακισμένος,
σχῆμ' ἀξιόχρεων ἐπικαθεὶς βακτηρίῃ,
ἀλλότριον, οὐκ οἰκείον, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ,
ἔλεξεν "ἄνδρες τῆς Ἀθηναίων χθονός".¹⁷⁴

E em seguida, tendo se levantado um jovem sabichão,
Um daqueles da Academia sob as asas de Platão e
Brusotrasimáquicopecunirecebedor
frequentando à força, ocupado com uma arte que recebe pelo discurso
Não podendo dizer nada impensado
Tendo os cabelos corretamente cortados pela faca
E assentando corretamente as partes mais baixas da barba,
Colocando o pé correamente na sandália, precisamente
Com as tiras da correia da canela de igual tamanho
E com o volume da manta bem armado
Acertando a figura importante com um bastão,
estranha, não familiar como me parece,
disse: “Homens da terra dos Atenienses”

¹⁷⁴ Efipo, fr. 14 Kock

Aqui alguns temas da Comédia Antiga parecem voltar, como o recebimento de salários e a preocupação com a retórica, como é exemplificado com a frase final, um exemplo típico de retórica política. No entanto, o que mais se destaca nesse fragmento é o fato de que a figura muda de forma completa: ao contrário dos pálidos e maltrapilhos da Comédia Antiga, o homem da Academia aparece como uma figura bem posta, o oposto do homem do φροντιστήριον, certamente rico, com uma preocupação talvez até excessiva com a aparência.

5 O ESTOQUE CÔMICO COMUM

Os comediógrafos da Comédia Antiga não criaram *ex nihilo* as afirmações que os φροντισταί emitem em cena; na verdade, nada pode ser mais distante disso. Verifiquemos, então, o exemplo mais claro dessa relação, o das *Nuvens*.

5.1. A RELAÇÃO ENTRE AS FIGURAS CÔMICAS E OS PERSONAGENS FILOSÓFICOS HISTÓRICOS

Citamos e comentamos brevemente, no primeiro capítulo, algumas das diversas teorias a respeito das doutrinas do Sócrates de Aristófanes. Alguns comentadores, como Leo Strauss¹⁷⁵, tentaram ver em algumas passagens uma sutil citação de características especiais de Sócrates. Por exemplo, Strauss aponta a facilidade do Sócrates cômico de resistir ao frio e a picadas de mosquito como um exemplo da continência que é demonstrada de maneira mais evidente no *Banquete*. Outros, como Philippson¹⁷⁶, tentam ver em escolhas terminológicas, como o uso de verbos como τέμνω e substantivos como διάλεξις, uma demonstração da metodologia socrática e sofística em geral, e outros¹⁷⁷ ainda explicam a menção do aborto da idéia como uma referência à maiêutica socrática.

Por mais que todos estes paralelos tenham variados graus de verossimilhança e confiabilidade, e já analisamos os citados anteriormente, todos falham em um único sentido: nenhuma dessas alusões se refere a uma parte importante da filosofia do Sócrates histórico, elas são tão somente referências superficiais do comportamento ou da metodologia. A distinção é importante, porque alusões comportamentais e mesmo metodológicas não implicam um conhecimento ou uma familiaridade com a doutrina que o pensador ensinava¹⁷⁸, e o grau de sutileza de todas estas alusões revelam que não há sequer uma grande familiaridade com a própria metodologia em questão.

No entanto, as doutrinas expostas pelo Sócrates de Aristófanes realmente foram esposadas por uma ou outra figura pública grega antiga, e a crítica sempre possui seus alvos preferidos. Dover, que tenta ao máximo afastar-se da teoria de que há qualquer tipo de intenção oculta na composição das *Nuvens*, considera que a principal alusão em jogo é aquela

¹⁷⁵ STRAUSS, 2001.

¹⁷⁶ PHILIPPSON, 1932.

¹⁷⁷ TOMIN, J. 1987: 97-102.

¹⁷⁸ Ainda que, seguindo a sugestão de Pierre Hadot, o comportamento das escolas filosóficas revele em parte algo da doutrina.

à doutrina de Diógenes de Apolônia, enquanto outros tentam aproximar tais alusões de Anaxágoras. O motivo principal para essa aproximação está na doutrina física de ambos, que estabelecia o ar como princípio de todas as coisas.

Diógenes é o preferido por pressupor que a origem das coisas está nos elementos em movimento (τοῦ παντὸς κινουμένου), que são constituídos tendo o ar como fundamento, o que faz com que praticamente cada comentarista das *Nuvens* aproxime tal doutrina da afirmação de Sócrates de que o vórtice (δῖνος) havia suplantado Zeus. Poucos ousaram discordar de tal proposição, e não há mesmo nenhuma outra teoria sobre a origem de tal afirmação que seja mais provável, uma vez que Diógenes havia sido condenado por impiedade, o que provavelmente teria dado alguma publicidade a suas doutrinas. Alguns poucos autores são ousados e imaginam algo diferente: Philip Ambrose¹⁷⁹, por exemplo, nota a curiosa semelhança de δῖνος com as duas formas de genitivo para Zeus: Διὸς e Ζηνὸς.

Ambrose também imagina que as alusões aos filósofos naturais e a presença de Sócrates são meramente uma forma de esconder o verdadeiro alvo da comédia, que seria o sofista Pródico. Apesar da eloqüente leitura do texto grego e do erudito uso da fragmentária grega, a leitura de Ambrose falha justamente n'as *Nuvens*. Dentro do que já comentamos sobre a relação entre Pródico e a Comédia Antiga, é possível que a comédia *Fritadores*, de Aristófanes, se refira a Pródico, bem como haja uma paródia de Pródico no início da parábase d'as *Aves* de Aristófanes. No entanto, afirmar que *As Nuvens* são aparentadas às *Aves* e que portanto são também uma alusão a Pródico é apenas uma tentativa de adivinhação sem a menor sustentação filológica. Tampouco é útil afirmar que a teoria do *Dînos*, ou seja, do vórtice que suplanta Zeus esteja na linha do χρήσιμον útil de Pródico, fora o fato de que as lições gramaticais das *Nuvens* não contêm nada que, podendo ser relacionado a Pródico, também não possa ser praticamente relacionado a qualquer outro dentre os que chamamos de sofistas.

Podemos ver, portanto, que não há nenhum objetivo nas alusões a doutrinas. Nenhuma delas, entretanto, é de criação própria de Aristófanes, mas certamente existiram e foram defendidas na Antigüidade, sendo que podemos traçar suas origens. Basta lembrar-nos de um dos fragmentos que tratam de Protágoras¹⁸⁰, o qual revive uma discussão da medicina antiga, sobre se os líquidos eram armazenados nos pulmões ou não. Cada uma dessas afirmações é coerente em si, mas dificilmente são coerentes entre si em seu conjunto; e com a

¹⁷⁹ AMBROSE, 1971.

¹⁸⁰ Fr. 146 Kock.

personagem que as defende, fica claro que, apesar de os comediógrafos terem tido alguma forma de conhecimento de tais doutrinas, era-lhes irrelevante o conhecimento do autor e dos detalhes das mesmas.

5.2. UM CONTRASTE: A FILOSOFIA NA COMÉDIA MÉDIA

A situação da Comédia Média é completamente diferente: se na Comédia Antiga a mera alusão a uma doutrina científica ou filosófica já era por si uma maneira de se produzir riso, no fragmento que se refere à doutrina platônica sobre o amor não é tal alusão que é importante, mas a crítica a ela feita. Na Comédia Antiga tais doutrinas são ridículas por si e não precisam ser combatidas – o combate, conforme veremos mais à frente, é contra as figuras. Entretanto, cinquenta anos mais tarde a situação muda bastante e a filosofia e a doutrina de seus praticantes torna-se algo de interesse geral.

Nota-se que a filosofia mudou de *status* social, deixando de ser uma curiosidade que poderia prejudicar a cidade para colocar-se no centro das decisões políticas, com filósofos tomando parte na administração de algumas Cidades-Estado, como no caso famoso de Siracusa, de que Platão nos informa na sua sétima carta (assumindo aqui que a autoria seja mesmo de Platão) quando ele teria viajado para a Sicília, travado conhecimento com o tirano Dionísio e tentado influenciar a política local. Os filósofos são então figuras públicas tais como os poetas do quinto século, e a comédia do período, ainda que tradicionalmente menos direta do que a Comédia Antiga em suas injúrias, muda seu relacionamento com a filosofia. Mesmo um grupo filosófico mais alheios à norma social, como os pitagóricos, ganha sua presença na comédia:

ἡ δ' ἐστίασις ἰσχάδες καὶ στέμφυλα
καὶ τυρὸς ἔσται: ταῦτα γὰρ θύειν νόμος¹⁸¹

E na refeição haverá figos secos, uvas, e queijo
Pois esta é a lei do sacrifício

Nesta passagem, percebe-se que o costume de representar os filósofos como parasitas ou como figuras ligadas a essa cultura do banquete – como podemos ver de certo modo em qualquer referência à Comédia Antiga – já foi substituído por uma representação mais fiel dos costumes de cada grupo. Os pitagóricos eram famosos pela sua abstenção de carne, por causa

¹⁸¹ Aléxis, fr. 196, Kock.

da sua crença na doutrina da transmigração das almas, que é referida bem claramente em uma passagem de outra comédia de Aléxis:

οἱ πυθαγορίζοντες γάρ, ὡς ἀκούομεν,
οὔτ' ὄψον ἐσθίουσιν οὔτ' ἄλλ' οὐδὲ ἐν
ἔμψυχον, οἶνόν τ' οὐχὶ πίνουσιν μόνοι.
{B.} Ἐπιχαρίδης μέντοι κύνας κατεσθίει,
τῶν Πυθαγορείων εἷς. {A.} ἀποκτείνας γέ που:
οὐκ ἔτι γάρ ἐστ' ἔμψυχον.

Pois os pitagóricos, como ouvimos falar,
Não comem nem assados nem nada
Animado, e são os únicos que não bebem vinho.
B) Epicárides, entretanto, come cães,
Sendo um dos pitagóricos A) Matando como?
Pois ele não mais é animado.

Novamente possuimos um diálogo, que coloca duas figuras discutindo algumas características dos pitagóricos. Uma primeira figura, que podemos chamar de personagem A, faz a descrição do costume; a segunda figura tenta demonstrar uma inconsistência desse hábito, mas acaba sendo corrigido pela primeira figura. Podemos pressupor que a primeira figura tenha alguma relação com a doutrina dos pitagóricos, e o uso do verbo ἀκούομεν pode indicar que se trata de um dos que são chamados de “acusmáticos”, ou seja, aqueles que não tinham um conhecimento profundo da doutrina pitagórica.

Aléxis sabe não somente se referir à doutrina da transmigração da alma, como também conhece corretamente o termo técnico a ela alusivo na filosofia pitagórica: ἔμψυχον, mostrando também a diferença com a Comédia Antiga, a qual é capaz de citar doutrinas físicas, mas jamais se vale dos termos técnicos verdadeiros. Por exemplo, a noção do vórtice como senhor do mundo é muito próxima da doutrina de Diógenes de Apolônia, mas não encontramos em seus fragmentos nenhum uso da palavra δῖνος.

Quanto aos pitagóricos, que se tornam no quarto século um alvo bastante comum da Comédia Média, há mesmo quem tenha sugerido que sua “seita” filosófica tenha sido a origem para as personagens do φροντιστήριον de Aristófanes¹⁸². A proposta é bastante tentadora, pois nos permitiria fazer uma ligação entre a terminologia de mistério típica de alguns momentos da comédia e a filosofia pitagórica, apesar de conhecermos mal quais eram exatamente suas doutrinas. Os paralelos terminológicos entre os iniciados de Aristófanes e os pitagóricos são, é certo, tentadores, mas a analogia perde totalmente o sentido se verificarmos

¹⁸² Esta é a proposta de Marianetti em *Religion and Politics in Aristophanes' Clouds*. Georg Olms, Stuttgart, 1992

que a chance de o pitagorismo ter chegado a Atenas na década de 420 a.C. é extremamente reduzida¹⁸³, e, considerando que para ser motivo de caracterização cômica seria necessário uma certa dispersão e conhecimento geral desta doutrina, não parece suficientemente pertinente tal proposta. Se é que há alguma origem para os alunos do φροντιστήριον, podemos enxergar apenas duas: as fraternidades místicas, que aliás eram a origem e o modelo dos pitagóricos, e os alunos dos sofistas, que viajavam junto com seu mestre.

5.3. A APRESENTAÇÃO DA FILOSOFIA NA COMÉDIA ANTIGA

O motivo mais importante para esta aparente mudança de situação da Comédia Média está em sua inclusão da filosofia. Já citamos e marcamos a semelhança de temas de outras comédias que não são diretamente ligadas à filosofia, em particular *Os Babilônios* de Aristófanes e *As Cabras* de Êupolis. As outras comédias mais importantes, como o *Conno* de Amípsias e *Os Aduladores* de Êupolis, citam filósofos nominalmente, mas é bem possível e é até mais provável que não tratem diretamente da filosofia como *As Nuvens* faz.

As Nuvens são a única comédia do *corpus* da Comédia Antiga que trata especificamente de um tema filosófico. Podemos ter quase certeza disso pela natureza das nossas notícias, pois caso tenha havido alguma outra comédia que colocasse Sócrates ou outro pensador no centro, teríamos tido dela algum tipo de notícia. Como não há notícia alguma, são extremamente reduzidas as chances de haver algo mais.

No entanto, *As Nuvens* não são uma comédia especificamente sobre a filosofia, não no sentido de que possua um filósofo como principal κωμωδούμενος, mas pelo fato de que as mais importantes doutrinas de Sócrates não são contestadas por Aristófanes. Afinal, todas as afirmações sobre moscas, salamandras, chuva, e mesmo sobre a queda de Zeus, não são parte essencial da peça, e sim apenas elementos de caracterização do personagem, os quais formam aquilo que se esperava de um pensador qualquer, razão pela qual Aristófanes pôde “vestir” Sócrates com diversos “costumes” intelectuais, ainda que mantendo o escárnio como objeto. No entanto, o que é central na comédia é o efeito que tais ensinamentos provocam na juventude ateniense, isto é, o que é central é a evolução de Fidípides. Devemos aqui voltar à análise de Marrou que considerava a comédia como um exemplo do confronto entre dois tipos

¹⁸³ Vide as considerações sobre o surgimento e a busca de testemunhos feita por Riedweg em *Pythagoras: His Life teaching, and Influence*. Cornell University Press, Ithaca, 2005.

de educação, o primeiro que era a educação da Grécia arcaica, baseada na música e na ginástica, e o segundo que era a nova educação da qual Sócrates certamente fazia parte.

A prova mais importante disso talvez esteja no fato de que todas as outras comédias que conseguimos aproximar d'*As Nuvens* possuem como tema central justamente este. Muito comentamos sobre *As Cabras* de Êupolis, as quais certamente tratam da diferença entre dois tipos de educação, e, apesar de os fragmentos serem bastante escassos, a cena da aula de dança coloca em relevo, como já comentamos, a diferença entre essas duas formas de educação. Tal oposição também é certamente central n'*Os Parasitas* de Êupolis, com a presença de Cálias, que é corrompido pelos sofistas (esta é, inclusive, a cena do diálogo *Protágoras* de Platão). Também *Os Babilônios* de Aristófanes contêm uma cena de aula que trata da diferença entre um jovem e um velho, o jovem sendo o *καταπύγων*, termo de abuso que ocupa lugar central na conclusão do *agón* principal d'*As Nuvens*. Em outras palavras, não apenas n'*As Nuvens*, mas em todas as comédias antigas, a filosofia só é mencionada pelo efeito que produz na juventude e pouco interesse ainda havia por esta figura do filósofo.

Muito já se falou sobre a apropriação de Sócrates n'*As Nuvens*. No entanto esqueceu-se daquilo que talvez tenha sido central. Falamos do fato de que, do ponto de vista de um defensor da tradição educativa da Idade Arcaica, as diferenças entre Sócrates e os sofistas são meramente de detalhe. Talvez seja importante aqui citar a defesa do argumento forte:

λέξω τοίνυν τὴν ἀρχαίαν παιδείαν ὡς διέκειτο,
 ὅτ' ἐγὼ τὰ δίκαια λέγων ἦνθουν καὶ σωφροσύνη ἑνένομιστο.
 πρῶτον μὲν ἔδει παιδὸς φωνὴν γρύξαντος μηδὲν ἀκούσαι:
 εἶτα βαδίζειν ἐν ταῖσιν ὁδοῖς εὐτάκτως εἰς κιθαριστοῦ
 τοὺς κωμήτας γυμνοὺς ἄθροους, κεῖ κριμνώδη κατανεῖφοι.
 εἶτ' αὖ προμαθεῖν ἄσμ' ἐδίδασκεν τῷ μηρῷ μὴ ξυνέχοντας,
 ἢ "Παλλάδα περσέπολιν δεινάν" ἢ "τηλέπορον τι βόαμα",
 ἐντειναμένους τὴν ἁρμονίαν ἣν οἱ πατέρες παρέδωκαν.
 εἰ δέ τις αὐτῶν βωμολοχεύσαιτ' ἢ κάμψειεν τινα καμπὴν
 οἴας οἱ νῦν, τὰς κατὰ Φρῦνιν ταύτας τὰς δυσκολοκάμπτους,
 ἐπετρίβετο τυπτόμενος πολλὰς ὡς τὰς Μούσας ἀφανίζων.
 ἐν παιδοτρίβου δὲ καθίζοντας τὸν μηρὸν ἔδει προβαλέσθαι
 τοὺς παῖδας, ὅπως τοῖς ἔξωθεν μηδὲν δείξειαν ἀπηνέως:
 εἶτ' αὖ πάλιν ἀθις ἀνιστάμενον συμψησαι καὶ προνοεῖσθαι
 εἶδωλον τοῖσιν ἐρασταῖσιν τῆς ἥβης μὴ καταλείπειν.
 ἤλείπατο δ' ἂν τοῦμφαλοῦ οὐδεὶς παῖς ὑπένερθεν τὸτ' ἂν,
 ὥστε τοῖς αἰδοίοισι δρόσος καὶ χνοὺς ὥσπερ μήλοισιν ἐπήνηει.
 οὐδ' ἂν μαλακὴν φυρασάμενος τὴν φωνὴν πρὸς τὸν ἐραστὴν
 αὐτὸς ἑαυτὸν προαγωγέων τοῖν ὀφθαλμοῖν ἐβάδιζεν.

Direi então como a antiga educação se constituía
 Quando eu era jovem dizendo coisas justas e a sensatez era bem quista.
 Em primeiro lugar não se devia ouvir a voz de um garoto cochichando nada,

Depois deviam andar bem organizados pelas ruas até o citado
 Juntos os vizinhos nus, nem se nevasse uma neve bem fofa.
 O professor, por sua vez, começava ensinando-os a cantar,
 Em seguida lhes ensinava a decorar um canto, não juntando as coxas,
 Ou “Palas terrível destruidora de cidades” ou “um clamor longínquo”,
 Estendendo a harmonia que os pais transmitiram.
 E se algum deles fosse indecente e modulasse uma modulação
 Como as que os de agora fazem, as terríveis modulações de Frinis,
 Seria espancado, sendo batido muitas vezes por ter rejeitado as Musas.
 E era necessário os rapazes sentando no pedótriba esticarem as pernas
 Para não mostrar nenhuma indecência para fora.
 E depois, ao se levantar, ajuntar a areia e cuidar
 Para não deixar nenhuma imagem para os amantes da juventude
 Nenhum garoto se untava para baixo do umbigo naquela época,
 Assim sobre as vergonhas brotava um orvalho e uma penugem como sobre as maçãs
 E não tornando suave a voz para o amante
 caminhava para ele oferecendo-se com os olhos.

Não é possível deixar de assinalar a dificuldade de entrever a verdadeira doutrina socrática, especialmente em questões pontuais como essas. Mas haja vista as opiniões da larga maioria de seus discípulos, em especial Antístenes e Platão, não é difícil imaginar que Sócrates também se opunha a este sistema de educação baseado principalmente na música e na ginástica competitiva¹⁸⁴, ou, se não se opusesse, pelo menos visava uma modificação radical das suas bases.

O grau com que ele se opunha a isso não é exatamente relevante; o que parece mais importante é que a literatura platônica, em alguns breves momentos, parece nos indicar que Sócrates tinha uma visão bastante utilitarista da educação, especialmente da ginástica¹⁸⁵. Em uma passagem no começo do *Eutidemo*, Sócrates comenta que os dois praticantes do pancrácio, o que dá o nome ao diálogo e seu irmão, são os que mais conhecem a arte da guerra. Se nos lembrarmos das afirmações do *Eutidemo*¹⁸⁶, é possível entrever aqui algum tipo de sarcasmo com relação a estas figuras, pois Sócrates afirma que a função única da ginástica é preparar para a guerra, e parece meramente usar o talento extremo na ginástica como se significasse talento máximo na guerra, podendo assim ser sutilmente sarcástico com os dois lutadores.

Esse comportamento do Sócrates platônico talvez deixe entrever algumas das opiniões do Sócrates histórico. Certamente ele não era oposto à ginástica, mas parece ser crítico em alguns pontos em relação à maneira com que tal atividade é desempenhada na sociedade grega.

¹⁸⁴ Platão decerto considerava a ginástica um elemento importantíssimo da educação dos seus guardiães na República, livro II. Mas essa ginástica difere-se totalmente da ginástica comum grega, a qual tem como objetivo a competição e a disputa.

¹⁸⁵ Cf. *República*, 376e.

¹⁸⁶ Cf. *Eutidemo* 273b

Ou seja, a posição de reformador de Sócrates, que parece estabelecida ao longo da tradição, ainda que ele seja moderado e esteja longe de ser um radical como os sofistas, como será Platão, já é por si um fator que causaria a oposição direta de qualquer tradicionalista. É com base nisso, portanto, que Aristófanes faz uso do seu Sócrates como de um radical à moda dos sofistas; ele é um opositor da tradição, ainda que suave, e isso basta para colocá-lo ao lado de todos os mais radicais reformistas. Creio que tal fato explica a inclusão de Sócrates na Comédia Antiga e os motivos pelos quais ele é atacado.

5.4. O ESTOQUE DA COMÉDIA ANTIGA

O ponto mais central desta dissertação, no entanto, não são exatamente os objetivos que Aristófanes tinha para escrever *As Nuvens* e figurar Sócrates da maneira que o fez, mas a razão pela qual ele caracteriza Sócrates de uma maneira tão contraditória. Podemos ver pela repetição dos mesmos temas em diversos momentos que a principal razão é o fato de existir na Comédia Antiga um lugar comum de caracterização do pensador e mesmo do “modernista”. Podemos ver uma caracterização semelhante nas referências a Protágoras n’*Os Aduladores* de Êupolis e a Pródico n’*As Aves* e n’*As Nuvens* e nas referências a outras figuras “pedagógicas”, tais quais os professores presentes n’*Os Convivas* e n’*As Cabras*, as quais possuem uma característica inovadora. Ora, isso só nos leva a crer que não se trata de uma criação original de Aristófanes, e sim do uso que ele faz de uma tradição cômica.

No quadro dessa tradição do pensador como “modernista” figurado pela comédia, dada a escassez de fragmentos, nos é praticamente impossível estabelecer as verdadeiras origens de tal caracterização do intelectual, embora nos seja mais fácil perceber que os cômicos aproveitam-se de outras figuras para moldá-la.

Podemos aqui voltar a uma comédia que já comentamos, *Os Aduladores* de Êupolis. A comédia também possui a mais importante descrição do parasita em todo o corpus da comédia grega:

ἀλλὰ δίαιταν ἦν ἔχουσ’ οἱ κόλακες πρὸς ὑμᾶς
λέξομεν: ἀλλ’ ἀκούσαθ’ ὥς ἐσμὲν ἅπαντα κομψοὶ
ἄνδρες: ὅτοισι πρῶτα μὲν παῖς ἀκόλουθός ἐστιν
ἀλλότριος τὰ πολλά, μικρὸν δὲ τι κάμὸν αὐτοῦ.
ἱματίω δέ μοι δὴ ἔστὸν χαρίεντε τούτῳ,
οἷν μεταλαμβάνων ἀεὶ θάτερον ἐξελαύνω
εἰς ἀγοράν. ἐκεῖ δ’ ἐπειδὴν κατίδω τιν’ ἄνδρα
ἠλίθιον, πλουτοῦντα δ’, εὐθὺς περὶ τούτων εἰμί.
κάν τι τύχη λέγων ὁ πλούταξ, πάνυ τοῦτ’ ἐπαινῶ,

καὶ καταπλήττομαι δοκῶν τοῖσι λόγοισι χαίρειν.
 εἴτ' ἐπὶ δεῖπνον ἐρχόμεσθ' ἄλλυδις ἄλλος ἡμῶν
 μᾶζαν ἐπ' ἀλλόφυλον, οὐδὲ χαρίεντα πολλὰ
 τὸν κόλακ' εὐθέως λέγειν, ἢ κφέρεται θύραζε.
 οἶδα δ' Ἀκέστορ' αὐτὸ τὸν στιγματίαν παθόντα:
 σκῶμμα γὰρ εἶπ' ἀσελγές, εἴτ' αὐτὸν ὁ παῖς θύραζε
 ἐξαγαγὼν ἔχοντα κλοιὸν παρέδωκεν Οἶνεϊ.

Mas vamos descrever o regime que os adutores têm junto a vós;
 Mas ouçai como somos homens elegantes em relação a tudo,
 os quais primeiramente têm um escravo a meu pé,
 Ele é dos outros em muitas coisas, mas uma coisa pequena e minha dele.
 Possuo estes dois mantos graciosos,
 Os quais trocando, sempre conduzo o outro
 em direção à ágora. Lá, quando vejo algum homem
 Estúpido, rico, logo estou junto dele
 E se acontece de o rico falar alguma coisa, isto eu elogio totalmente
 E fico estupidificado, parecendo alegrar-me com o discurso.
 Em seguida vamos, um de nós pra um lugar, outro pra outro, para um jantar,
 Para um pão de cevada estrangeiro, do qual o adutor deve logo dizer muitas coisas
 Agradáveis, senão é levado para fora.
 Eu sei o que Acestor, o marcado por tatuagem (ie. Antigo escravo), sofreu:
 Ele disse uma piada licenciosa e o escravo, expulsando-o com uma coleira de
 madeira
 Para fora das portas.

Que os parasitas dessa comédia não são figuras anônimas, mas provavelmente compostos de pessoas famosas, fica claro – conforme vimos no capítulo anterior – pela presença de Protágoras e Sócrates, assim como pela referência a esse Acestor, que teria sido um poeta trágico¹⁸⁷.

Podemos ver aqui alguns paralelos entre os parasitas (cujo líder, nesta comédia, é sem dúvida Protágoras) e os personagens socráticos das *Nuvens*. Entre os paralelos, ambos parecem pobres; este parasita, por exemplo, possui apenas dois mantos, os quais ele troca dia sim dia não para ir à ágora, o que nos remete imediatamente a uma passagem que já citamos das *Nuvens*, onde Sócrates rouba na mesma ágora um manto. A referência a Sócrates e a sua forma de vestir também é reproduzida em outro fragmento¹⁸⁸ de Amípsias, que pergunta a Sócrates onde ele conseguiu o seu manto. Não apenas Sócrates e Parmênides estão presentes nesses paralelos, mas também Pródico, cujas referências na comédia são extremamente reduzidas. Também possuímos um verso que se refere ao uso ou não de um manto na comédia de Aristófanes *Ταγηνίσται*, que significa “os fritadores” (*τάγηνον* é o nome da frigideira em grego) e provavelmente trata de adutores e parasitas.

Parece-nos uma questão demasiado obscura para ser repetida tantas vezes, mas há algo de comum em toda a mentalidade grega quanto ao fato de os mendigos e adutores

¹⁸⁷ Cf. Σ av, 31 Οὔτος ἐστὶν Ἀκέστωρ, τραγωδίας ποιητής. Este é Acestor, poeta de tragédia.

¹⁸⁸ Fr. 9 Kock

serem vestidos pelas pessoas a quem agradam, tendência que podemos verificar surpreendentemente desde a *Odisséia*.

Mas não há unicamente semelhanças nessa passagem, há também uma diferença fundamental: nas *Nuvens*, Sócrates e seus companheiros não são adeptos do elogio como forma de obtenção de alimento. Na verdade, a ausência de alimento é uma de suas características fundamentais. Pode-se concluir que, embora haja semelhanças entre as duas figuras, o pensador e o parasita, pois ambos se aproximam pela pobreza, há uma distância de comportamento.

No entanto, é possível que haja uma influência do modelo do parasita na construção dos personagens “intelectuais”, pois as referências que encontramos nos fragmentos são bastante abundantes: Sócrates nas *Nuvens*, no *Górgias* e nas *Aves*, Protágoras e talvez Pródico nos *Fritadores*. Essa é praticamente a única maneira de se explicar a figura pobre e maltrapilha dos discípulos de Sócrates na comédia, uma vez que entre as figuras mais próximas ao Sócrates histórico estavam algumas das mais ricas de Atenas, como Crítias, Alcibiades e o próprio Platão. Outros personagens intelectuais comuns na comédia também dificilmente eram maltrapilhos ou eram cercados de *πτωχοί* (mendigos), caso confiemos nos valores cobrados por Protágoras e Pródico.

Na verdade, talvez seja exatamente a presença de Sócrates próximo a Crítias, de Protágoras próximo a Cális e talvez de Diógenes próximo a Péricles que tenha formado este modelo. Basta imaginar que, para um antigo, a ligação seria justamente a oposta, seria o *φροντιστής* que viveria junto do aristocrata e não esse que buscaria viver perto do sábio. É certa a dependência econômica destas figuras e dos poetas, como é visto na referência a um dos poetas trágicos na passagem de Êupolis, ou seja, a dependência que filósofos e poetas tinham do mecenato e da patronagem dos ricos. Isso é demonstrado em atitudes como o suporte financeiro para o estabelecimento de coros, o financiamento da produção de obras literárias ou o pagamento das lições dos sofistas.

Isso explicaria principalmente as aparições de Sócrates e Protágoras nas comédias *Os Parasitas* e *Conno*. No entanto, nas *Nuvens* a situação é um pouco diferente. Especialmente importantes são os versos 175-9:

{Ma.}ἐχθὲς δέ γ' ἡμῖν δεῖπνον οὐκ ἦν ἐσπέρας.
 {Στ.} εἶεν. τί οὖν πρὸς τάλφιτ' ἐπαλαμήσατο;
 {Ma.}κατὰ τῆς τραπέζης καταπάσας λεπτὴν τέφραν,
 κάμψας ὀβελίσκον, εἶτα διαβήτην λαβών,
 ἐκ τῆς παλαίστρας θοιμάτιον ὑφείλετο.

Aluno: Ontem à noite não tivemos jantar
 Estrepsíades: O que então arranjastes como alimento?
 Al: sobre a mesa, espalhando uma sutil cinza,
 tendo sovado o pãozinho e em seguida, tomando um compasso,
 roubou o manto da palestra.

Pela citação do manto e da comida fica claro que Aristófanes está trabalhando com a tradição, basta lembrar do fragmento 9 de Amípsias que citamos no segundo capítulo. Aqui, no entanto, Sócrates – que sofre dos dois problemas básicos do parasita, quais sejam, comida e roupa – não atua como um parasita, mas vale-se de outro tipo de artifício: o roubo. Ou seja, Sócrates deixa de ser um parasita, ou um mau parasita como no fragmento de Amípsias, e torna-se uma espécie de marginal.

A caracterização de Eurípides e de outras figuras culturais certamente também ajudou a compor a figura do ‘intelectual’ na comédia. Nos *Acarnenses*, por exemplo, Eurípides surge em cena vestido de mendigo e falando sobre pensamentos refinados e com distância das coisas terrenas, o que tem uma semelhança mais do que tópica com a entrada de Sócrates nas *Nuvens*. Além disto, a posição de Eurípides como representante de uma vanguarda cultural faz com que ambas as figuras freqüentemente sejam colocadas em paralelo.

5.5. AS COMÉDIAS “FILOSÓFICAS” NA DÉCADA DE 420 A.C.

Vemos então que a formação do personagem do intelectual é parcialmente baseada nas afirmações dos próprios e em parte baseada em outras figuras, como o parasita e o “modernista”. Apesar disso, não estão na comédia pelo mesmo motivo e tampouco pela comédia de costumes – trata-se, mais propriamente, de um tipo particular de crítica cultural. Mas as *Nuvens* não são a única comédia a tratar deste assunto; na verdade, possuímos um bom número de comédias que se referem e tratam da filosofia e do conflito entre os dois tipos de educação: *As Cabras* e *Os Aduladores* de Êupolis, *Os Convivas* e as *Nuvens* de Aristófanes, *Conno* de Amípsias, *Os que vêem tudo* de Cratino. Todas apresentam um outro dado em comum: *As Cabras* são anteriores à 89ª Olimpíada, ano de morte de Hipônico, isto é, anterior a 424 a.C.; *Conno* e *As Nuvens*, como bem sabemos, são de 423 a.C.; não sabemos a data dos *Aduladores*, mas ela não se afasta muito de 422, por causa da morte de Protágoras e sua presença em Atenas; *Os Convivas* de Aristófanes são aludidos nos *Acarnenses*, de 425 a.C.; Cratino morreu em 420, portanto sua comédia não pode ser posterior a isso. Ou seja, todas as comédias datam do período entre 426 e 422, que é extremamente reduzido. Vimos uma longa

série de obras que tratavam do tema da educação, a maioria destacando a filosofia ou a sofística como um dos meios de destaque dessa nova educação. A quem devemos tal concentração de comédias sobre um mesmo tema? Por qual motivo surgiram tantas comédias em um tão curto período de tempo para depois o tema ser completamente esquecido pelos poetas cômicos?

Conseqüências da Guerra do Peloponeso

Podemos imaginar que a resposta pode ser encontrada na história ateniense. Pois a década de 420 a.C. em Atenas é marcada por um único fato: a Guerra do Peloponeso, que provocou uma série de mudanças sociais na cidade, algumas das quais sem dúvida tiveram efeito na mudança do seu ambiente cultural. Um fato importante foi a mudança de toda a população da Ática para dentro das fortificações de Atenas, fato que constitui o principal motivo do coro dos acarnenses, na comédia homônima de Aristófanes, e que nos é confirmado por Tucídides¹⁸⁹.

Ora, podemos imaginar também que tal fato tenha mudado de forma considerável a vida em Atenas. Jovens que antes passavam a vida em atividades tradicionais, afastados do centro da cidade, agora estão juntos nela e em contato com toda a agitação e inovação na cidade mais importante da Grécia. Não é à toa que duas das comédias desse grupo, *As Cabras* e *As Nuvens*, apresentem como personagens principais velhos do campo que, agora obrigados a viver na cidade, entram em contato com esse novo tipo de educação que se difere e contesta a educação tradicional.

Atenas podia estar em guerra, mas a situação financeira da cidade de maneira alguma estava desesperadora; os impostos dos aliados constituíam uma imensa soma de dinheiro, que ainda era somada aos dividendos da própria cidade¹⁹⁰, o que fazia dela a cidade financeiramente mais rica e estável da Grécia. A guerra prejudicava relativamente pouco, e se restringia a pequenas devastações na periferia da Ática – situação que apenas contribuía para as insatisfações dos acarnenses, mas jamais da população ática em geral. E mesmo essas invasões periódicas diminuíram de freqüência e mesmo deixaram de acontecer depois de 425.

É certo que a guerra continuava, mas com a freqüente vantagem ateniense até 425, quando a cidade pôde ditar os termos de um acordo de paz, que só não foi concluído pela

¹⁸⁹ Tuc. I, 20-2.

¹⁹⁰ Tuc. 2, 13; Xenofonte, *Anábase* VII, 1; Aristófanes, *Vespas* 657.

ambição e belicismo exagerado de Cléon¹⁹¹. As maquinações espartanas e a habilidade de Brasidas, é certo, ainda podiam produzir um certo incômodo à cidade, mas tudo isto acontecia muito longe da Ática, na Macedônia e na Trácia. Enquanto os tributos do vasto império ateniense e os carregamentos de trigo estivessem garantidos, nada poderia afetar o equilíbrio de Atenas. Com a guerra longe de casa e a riqueza ainda chegando, não havia nada de particularmente inquietante. De tal modo que os adversários da guerra eram freqüentemente acusados de favorecerem os espartanos, como demonstra claramente o fragmento 488 de Aristófanes citado mais acima.

Ou seja, nos anos em que essas comédias foram produzidas, todas as preocupações mais imediatas que a cidade teve durante a primeira fase da guerra já estavam para trás, especialmente depois do fim da peste ateniense, e mesmo os interesses da sua população puderam se afastar da situação militar. Enquanto a questão da guerra era de vital importância para os *Acarnenses* e torna-se novamente central na *Paz*, a única referência nas *Nuvens*, bastante sutil, com relação às outras cidades-estados, encontra-se em uma leve piada sobre o mapa da Grécia¹⁹². No mais, Atenas encontrava-se aparentemente no auge da sua glória e riqueza.

Esse estado de coisas veio se juntar ao fato de que, ainda em situação de guerra, Atenas era o centro de grande atividade diplomática e atraía um grande número de embaixadores de todo o mundo grego, em especial das ilhas. A embaixada de Leontino, cidade-estado na Sicília, foi liderada por Górgias, e, segundo as próprias palavras de Tucídides, causou grande impressão no público ateniense. É um fato famoso na história grega e é lembrado pelo historiador – que pouco interesse tem por filosofia¹⁹³. Pródico de Ceos também fez grande parte de sua fama em Atenas devido a suas embaixadas¹⁹⁴, e se nos confinamos aos dados de apenas dois sofistas, isso se dá apenas pela fragilidade das nossas fontes, porque certamente o número de retores (especialmente da Sicília, a origem da retórica segundo Aristóteles) e sofistas que foram para Atenas durante a guerra tenha talvez chegado às dezenas.

Tal conjunção de fatores – grande concentração de riqueza na cidade, coabitação na cidade murada, fim de algumas preocupações com a guerra e grande número de sofistas visitando a cidade – permitiu que se criasse o ambiente propício para que a sofística se expandisse e ganhasse importância.

¹⁹¹ Cf. *Acarnenses* 652-4.

¹⁹² Aristófanes, *Nuvens*, 202-216

¹⁹³ Filóstrato, *Vidas dos Sofistas* V.

¹⁹⁴ Filóstrato, *Vidas dos Sofistas*, XII.

Fim de uma moda

Quais seriam, então, os fatores para o fim dessa voga e para que essa tivesse deixado de atrair o interesse dos comediógrafos? Os motivos também são variados, sendo a perda da novidade cômica o primeiro que podemos contar, pois a questão da novidade e da inventividade sempre foi um tema importantíssimo para um comediógrafo competente, e a parábase das próprias *Nuvens* dá um exemplo disto:

ἀλλ' αἰεὶ καινὰς ἰδέας εἰσφέρων σοφίζομαι
οὐδὲν ἀλλήλαισιν ὁμοίας καὶ πάσας δεξιᾶς:

Mas eu sou hábil, sempre apresentando novas idéias,
Em nada semelhantes entre si e todas engenhosas

Aristófanes orgulha-se de sempre levar ao teatro idéias e invenções teatrais novas, e essa afirmação é refeita em diversas outras parábases. Com efeito, a afirmação contrária, de que um poeta não era original e apenas repetia idéias de outros era vista como suficientemente destrutiva para aquele, como sugerem os versos seguintes, em que Aristófanes acusa Êupolis:

Ἐὐπολις μὲν τὸν Μαρικᾶν πρότιστον παρείλκυεν
ἐκστρέψας τοὺς ἡμετέρους Ἴππέας κακὸς κακῶς,
προσθεὶς αὐτῷ γραῦν μεθύσιν τοῦ κόρδακος οὔνεχ', ἦν
Φρύνιχος πάλαι πεπόηχ', ἦν τὸ κῆτος ἦσθιεν.
εἶθ' Ἔρμιπος αὐθις ἐποίησεν εἰς Ὑπέρβολον,
ἄλλοι τ' ἤδη πάντες ἐρείδουσιν εἰς Ὑπέρβολον,

Êupolis, arrastou primeiro o Maricas
O vil, mal revirando os meus cavaleiros,
E nele colocando uma velha embriagada por causa do cordax (tipo de dança), a que
Frínico escreveu antigamente, que a baleia come
Mas Ermipo, por seu lado, escreveu contra Hipérbolo
E agora todos escarnecem Hipérbolo

A afirmação da novidade em detrimento da repetição é uma das características fundamentais de qualquer gênero artístico, ainda mais um gênero tão especial quanto o teatro grego, que raramente era representado, no caso da comédia, apenas duas vezes ao ano. Se a repetição de temas (que afinal é um dos temas desta dissertação) nem sempre era vista com bons olhos, é natural que a exagerada repetição de um tema fosse vista como algo excessivo e deixasse de ter qualquer valor.

Talvez seja esse um dos motivos para *As Nuvens* ter fracassado em sua apresentação e ter ficado com o terceiro lugar. Já reparamos nas diversas semelhanças entre ela e outras comédias, especialmente *As Cabras* de Êupolis, que era anterior às *Nuvens*, assim como grande parte das comédias citadas. Além disso, havia semelhanças muito fortes entre as *Nuvens* e as *Cabras* com relação à temática, sendo que essa última dizia respeito a um velho agricultor rústico aprendendo uma nova educação, possivelmente sofisticada, e também continha cenas de aula e conflitos entre tradição e modernidade. Essas semelhanças poderiam soar extremamente repetitivas para os juízes – que ainda viram uma comédia com uma temática parecida, o *Conno*, ser representada no mesmo ano¹⁹⁵ - e contar como parte das razões para o fracasso das *Nuvens*.

Além disso, a situação política muda radicalmente: a paz de Nícias, celebrada em 421, certamente fez com que o foco se afastasse completamente da política, e qualquer crítica à formação dos habitantes talvez tenha perdido sentido. Com a derrota da expedição siciliana – que fez Atenas perder quase toda sua frota e a base de seu império, dando início pouco a pouco à defecção de cada uma de suas cidades aliadas – toda riqueza e bem estar sofrem um terrível abalo. É o momento da penúria, da redução das forças do teatro, quando começa o fim de sua vanguarda cultural, cujo exemplo claro está na mudança de Eurípides e outras figuras artísticas para a corte de Argelau, na Macedônia. Nesse contexto, perde-se o sentido de falar de sofistas e pensadores que pouco importam para a solução definitiva dos problemas da cidade.

Há um terceiro motivo, que é muito mais complicado de se julgar do que os dois primeiros: parece que houve uma onda de perseguição a pensadores no final da década de 420. Há uma tradição de que Protágoras teria morrido ao fugir de uma condenação em Atenas¹⁹⁶, possivelmente por impiedade. Existe também uma tradição de que Pródico teria morrido bebendo cicuta em Atenas. Há quem duvide dessas duas tradições, pelo fato de que ambas derivam da tradição da morte de Sócrates e não existem em fontes anteriores a Filóstrato. No caso de Pródico, certamente a história parece se assemelhar em demasia aos fatos descritos no *Fédon* para ser verdade, considerando que era um sofista famoso pela boa

¹⁹⁵ Parte deste argument é de STOREY, 2004.

¹⁹⁶ Cf. Filóstrato vida dos sofistas, X: διὰ μὲν δὴ τοῦτο πάσης γῆς ὑπὸ Ἰαθηναίων ἠλάθη ὡς μὲν τινες, κριθεῖς, ὡς δὲ ἐνίοις δοκεῖ, ψήφου ἐπενεχθείσης μὴ κριθέντι. νήσους δὲ ἐξ ἠπειρῶν ἀμείβων καὶ τὰς Ἰαθηναίων τριήρεις φυλαττόμενος πάσαις θαλάτταις ἐνεσπαρμένως κατέδω πλέων ἐν ἀκατίῳ μικρῶι. E por isto, escapou por toda a terra dos atenienses depois de ter sido condenado, como parece a alguns, não tendo sido levado a voto ao réu. E trocando as ilhas pelo continente, e vigiando as triremes dos Atenienses espalhadas por todos os mares afundou navegando em um pequeno navio.

reputação que granjeou. No entanto, possuímos um trecho de um diálogo pseudo-platônico¹⁹⁷ que mostra uma certa animosidade contra Pródico, o que pode revelar que algo aconteceu por volta daquela época. Também existe, e provavelmente provém da mesma época, uma tradição de perseguição a certos físicos, como Diógenes de Apolônia, que é a fonte de boa parte das doutrinas físicas das *Nuven*, e que teria abandonado Atenas pela animosidade gerada por suas opiniões¹⁹⁸.

Esses três testemunhos de perseguição a intelectuais, abrangendo todos os ramos criticados nas *Nuven*, nos revelam que uma certa animosidade contra essas figuras já existia em Atenas. É difícil saber se ela foi gerada pela comédia, como quer o Sócrates de Platão na *Apologia*¹⁹⁹, ou se, mais provavelmente, a comédia aproveitou-se dela. O que podemos concluir é que depois desta “caça às bruxas” e de toda esta violência, certamente deixou de fazer sentido a comédia de tais figuras, e por conseqüência, o escárnio e o ataque dirigido a elas.

5.6. PADRÕES DA CARACTERIZAÇÃO DO FILÓSOFO NA COMÉDIA ANTIGA

Possivelmente, já foi escrito mais a respeito das *Nuven* do que qualquer outra comédia pertencente à Comédia Antiga e Moderna – incluindo as de Aristófanes –, pois trata-se de uma obra que não cessa de fascinar e intrigar os pesquisadores. No entanto, é preciso seguir a sugestão de Macdowell²⁰⁰ e notar que talvez nós supervalorizemos os interesses e o conhecimento do público de Aristófanes. Uma mostra disso é o resultado da comédia, um terceiro lugar que revela que, em seu tempo, a comédia foi julgada inferior tanto à de Cratino, quanto à de Amípsias. É bastante provável que o público de Atenas tivesse bem menos interesse do que nós temos nas doutrinas filosóficas do século IV a. C.

Uma demonstração disso está na diferença de uso das doutrinas filosóficas na Comédia Média. No século quarto, as doutrinas dos filósofos que aparecem talvez com maior frequência, já são citadas com uma precisão maior e com uma atribuição correta. Já n’*As*

¹⁹⁷ *Axioco*, 366c.

¹⁹⁸ Cf Diógenes Laércio IX, 57: Διογένης Ἀπολλοθέμιδος Ἀπολλωνιάτης, ἀνὴρ φυσικὸς καὶ ἄγαν ἐλλόγιμος. ἤκουσε δέ, φησὶν Ἀντισθένης, Ἀναξιμένους. ἦν δὲ τοῖς χρόνοις κατ’Ἀναξαγόραν: τοῦτόν φησιν ὁ Φαληρεὺς Δημήτριος ἐν τῇ Σωκράτους ἀπολογία διὰ μέγαν φθόνον μικροῦ κινδυνεῦσαι Ἀθήνησιν. Diógenes, filho de Apolótēmis de Apolônia, homem físico e muito venerado. Diz Antístēnes que ele foi aluno de Anaximēnes. E viveu na época de Anaxágoras, Demétrio Falério diz na *Apologia* de Sócrates que ele teve um pouco de perigo em Atenas por causa de uma grande inveja.

¹⁹⁹ *Apologia*, 17 c

²⁰⁰ MCDOWELL, 1993:17

Nuvens e nas outras comédias contemporâneas, há um traço de tradição e convenção nas doutrinas que os filósofos esposam, uma vez que vemos dois filósofos diferentes, Sócrates e Hípon, defendendo a mesma doutrina, e figuras como Protágoras em meio a demonstrações de medicina e fisiologia que pouco têm em comum com a doutrina e com os interesses que a figura histórica esposava. Além disso, todas as figuras também apresentam um traço comum de caracterização que muito se aproxima do parasita. Todos os personagens demonstram um grande interesse pelos assuntos da mesa, seja pela abundância ou ausência de comida.

Podemos ver, graças a esses dois fatores, que a caracterização do filósofo, ou mais precisamente, do intelectual, na Comédia Antiga, é quase que inteiramente dependente da tradição cômica. É verdade que Aristófanes soube introduzir algumas características particulares em seu Sócrates, mas tais particularidades, como o olhar característico e a sua doutrina da maiêutica, são completamente ofuscadas pela altíssima dose de tradicionalismo que cobre o personagem. Não temos nenhuma informação de que Sócrates tenha defendido que o vórtice havia suplantado Zeus, nem tampouco que o mundo era como um forno. Tais afirmações são até mesmo contraditórias e revelam que o interesse filosófico e doutrinário na caracterização é extremamente reduzido nas *Nuvens*.

5.7. POR QUE SÓCRATES?

O discurso fraco e o discurso forte

As atividades desenvolvidas por aquilo que depois veio a se chamar sofística são ligeiramente mais interessantes para Aristófanes do que a especulação filosófica, mas a sua importância se dá menos pelas suas afirmações do que pelo impacto que seus ensinamentos traziam para a cidade. Uma afirmação tradicionalmente sofística é um dos temas principais da comédia, que é o debate entre o argumento forte e o argumento fraco.

Tal expressão e a afirmação de que o argumento fraco poderia vencer o argumento forte deriva de Protágoras. Como nos informa Aristóteles na sua *Retórica*:

καὶ <τὸ τὸν ἡττω δὲ λόγον κρείττω ποιεῖν> τοῦτ' ἐστίν. καὶ ἐντεῦθεν δικαίως ἐδυσχέραινον οἱ ἄνθρωποι τὸ Πρωταγόρου ἐπάγγελμα: ψεῦδός τε γάρ ἐστιν καὶ οὐκ ἀληθὲς ἀλλὰ

φαινόμενον εικός, καὶ ἐν οὐδεμιᾷ τέχνῃ ἀλλ' ἐν ῥητορικῇ καὶ ἐριστικῇ.

E “fazer do discurso mais fraco o mais forte” é isto, e nisto justamente os homens irritaram-se com a promessa de Protágoras: pois é uma mentira e não uma verdade, mas uma probabilidade aparente e (presente) em nenhuma arte que não na retórica e na erística.

Ele afirma que fazer do discurso fraco o mais forte não é um argumento verdadeiro, mas sim apenas algo que parece provável, e não uma verdade, mas uma mentira. E é por tal motivo que Aristófanes também chama o discurso fraco de discurso injusto.

Entretanto, algumas coisas devem ser ditas antes de se aceitar tal proposta: a primeira é que a única personagem que chama o discurso fraco de discurso injusto é Estrepsíades, um *outsider* cujos interesses estão principalmente em tirar vantagem ilícita dos ensinamentos do φροντιστήριον. Além disso, se formos analisar o significado primário do discurso fraco, podemos ver que ele não pressupõe exatamente um discurso injusto, mas apenas o discurso que parece menos apropriado para ganhar o favorecimento do seu público. Isto é, estes nomes, discurso fraco e forte, só fazem sentido se são antilogias que estão em disputa – no caso da Grécia, a disputa forense – como estão, de fato, na comédia de Aristófanes²⁰¹. O discurso fraco é somente aquele que, dentro desta disputa, parece mais frágil.

Munidos desta concepção, podemos ver como esta é uma característica central de todo o grupo sofisticado. As obras de Górgias como *Elogio de Helena* e *Defesa de Palamedes* são exemplos literários e epidícticos da defesa de um discurso fraco e não pressupõem a defesa de um argumento essencialmente injusto, imoral. Um discurso fraco, na verdade, pode até defender doutrinas que jamais seriam aceitas como injustas, o exemplo mais característico disso é o discurso mais famoso de Pródico, que é a *Escolha de Hércules*, tal qual nos relata Xenofonte nos *Memoráveis*.

A Escolha de Hércules, que é famosa pelo seu elogio à virtude, não deixa de ser uma forma de discurso fraco, pois a proposta do Vício é extremamente sedutora:

Ὅρω σε, ὦ Ἡράκλεις, ἀποροῦντα ποίαν ὁδὸν ἐπὶ τὸν βίον τράπηι. ἐὰν οὖν ἐμὲ φίλην ποιησάμενος ἔπηι, τὴν ἡδίστην τε καὶ ῥάϊστην ὁδὸν ἄξω σε, καὶ τῶν μὲν τερπνῶν οὐδενὸς ἄγευστος ἔσει, τῶν δὲ χαλεπῶν ἄπειρος διαβιώσει.

Εννοεῖς, ὦ Ἡράκλεις, ὡς χαλεπὴν καὶ μακρὰν ὁδὸν ἐπὶ τὰς εὐφροσύνας ἢ γυνή σοι αὕτη διηγείται; ἐγὼ δὲ ῥαϊδίαν καὶ βραχεῖαν ὁδὸν ἐπὶ τὴν εὐδαιμονίαν ἄξω σε.

²⁰¹ Que eles estejam caracterizados como galos de briga apenas reforça tal dado.

Eu te vejo, ó Hércules, em dificuldade para qual via da vida se voltar. Se me seguires, fazendo-me amiga, pela mais agradável e fácil via vou te conduzir e não deixarás de provar que será nada agradável e atravessarás a vida sem a experiência das dificuldades.

Tem em mente, ó Hércules, quão difícil e longa é a via para a prudência que esta mulher te explica. Eu te conduzirei pela via fácil e curta para a felicidade.

Em compensação as promessas da Virtude são bem menos recompensadoras:

οὐκ ἐξαπατήσω δέ σε προοιμίῳ ἡδονῆς, ἀλλ' ἦπερ οἱ θεοὶ διέθεσαν τὰ ὄντα διηγῆσομαι μετ' ἀληθείας. τῶν γὰρ ὄντων ἀγαθῶν καὶ καλῶν οὐδὲν ἄνευ πόνου καὶ ἐπιμελείας οἱ θεοὶ δίδoσιν ἀνθρώποις, ἀλλ' εἴτε τοὺς θεοὺς ἴλεως εἶναί σοι βούλει, θεραπευτέον τοὺς θεοὺς, εἴτε ὑπὸ φίλων ἐθέλεις ἀγαπᾶσθαι, τοὺς φίλους εὐεργετητέον, εἴτε ὑπὸ τινος πόλεως ἐπιθυμεῖς τιμᾶσθαι, τὴν πόλιν ὠφελιτέον, εἴτε ὑπὸ τῆς Ἑλλάδος πάσης ἀξιόεις ἐπ' ἀρετῇ θαυμάζεσθαι, τὴν Ἑλλάδα πειρατέον εὖ ποιεῖν,

Não vou te enganar com exórdios de prazer, mas com o que os deuses dispuseram vou narrar os fatos com verdade. Pois os deuses não deram aos homens nada de belo e bom sem sofrimento e cuidado, mas se desejas que os deuses te sejam propícios, debes servir aos deuses, e se desejas ser amado pelos amigos, debes ajudá-los, se queres ser honrado por alguma cidade, debes ser útil a ela, e se valorizas ser admirado em toda a Grécia pela virtude, debes ousar fazer o bem à Grécia (...)

Hércules faz a escolha daquilo que aparenta ser o mais difícil e menos proveitoso, escolhendo uma vida de sofrimento em lugar de uma felicidade mais tangível. Isto também é uma forma de discurso fraco. Não que ele seja, efetivamente, um discurso mais forte ou mais fraco – questionamento presente na filosofia de Platão e, posteriormente, na de Aristóteles – mas apenas o tipo de discurso que aparenta ser mais fácil de ser defendido ou aceito. No caso, está fora mesmo da área jurídica, mas apenas marca um tipo de discurso que aparenta ser mais difícil de ser defendido.

Os dois discursos de Sócrates

Sócrates também defendia, de certo modo, alguns discursos fracos. Se formos analisar algumas das afirmações do Sócrates platônico, inclusive algumas dentre as mais prováveis de serem atribuídas ao Sócrates histórico, muitas delas se enquadram como discurso fraco. Alguns exemplos seriam a famosa frase encontrada no *Górgias*, a qual diz que um tirano e um retor são os que menos têm poder em uma cidade e são os mais infelizes dos

homens²⁰²; a noção de que o homem só faz aquilo que ele julga bom; a história do anel de Giges na *República*, assim como muitas outras idéias que vão de encontro à mentalidade grega²⁰³ e caracterizam-se como um exemplo típico de um discurso que, em contraste com sua oposição, pareceria como o mais fraco. Ou seja, se o Sócrates real praticou minimamente o que o Sócrates platônico faz, para todos os efeitos Sócrates repetiria, também ele, a teoria do argumento fraco. Portanto, Aristófanes não está completamente equivocado quanto ao fato de Sócrates ensinar o argumento fraco.

Também devemos notar que se o discurso fraco não defende o que Sócrates defendia, aquilo que ele praticava era em muitas ocasiões atribuído a Sócrates: o despreendimento dos valores costumeiros da sociedade grega. Isso não significa que Sócrates era um relativista tal qual o Parmênides de Platão – ou, para todos os efeitos, o Parmênides histórico –, mas que os ensinamentos de Sócrates são, de certo modo, contrários aos ditos da sociedade ateniense.

Pegue-se o discurso de abertura do argumento fraco, que já citamos: lá está escrito de forma bem explícita quais são as principais atividades nas quais um jovem deve se concentrar: o aprendizado (decorado) de poemas, a reprodução de formas musicais tradicionais e a prática da ginástica. Não podemos voltar nos textos de Platão e Xenofonte e tentar enxergar algo que o Sócrates histórico possa ter pensado sobre cada uma dessas atividades, mas podemos constatar com toda certeza que, ao contrário de seus contemporâneos, Sócrates não considerava a excelência e a prática desses atos algo essencial para a formação de um homem. Se Sócrates considerava a alma superior ao corpo, segue-se daí que as atividades intelectuais são superiores às atividades físicas, e com isto o Sócrates de Aristófanes está bastante de acordo. Além disso, a identidade entre virtude e conhecimento já de antemão pressupõe que a busca por conhecimento deva ser uma atividade central na vida de qualquer pessoa, algo que também é central no Sócrates da comédia, ao menos de Aristófanes.

Os sofistas, decerto um pouco menos interessados nos próprios assuntos de Sócrates, como a importância da alma, também seguiam pelo mesmo caminho nesses dois assuntos. Afinal eram professores de retórica e mesmo alguns deles afirmaram a total onipotência do *lógos*, ou seja, do discurso, da razão, sobre o mundo. Neste sentido, eles em nada se opõem a

²⁰² Platão, *Górgias*, 472e Κατὰ δέ γε τὴν ἐμὴν δόξαν, ὦ Πῶλε, ὁ ἀδικῶν τε καὶ ὁ ἄδικος πάντως μὲν ἄθλιος, ἀθλιώτερος μὲντοι ἐὰν μὴ διδῶ δίκην μηδὲ τυγχάνῃ τιμωρίας ἀδικῶν, ἦττον δὲ ἄθλιος ἐὰν διδῶ δίκην καὶ τυγχάνῃ δίκης ὑπὸ θεῶν τε καὶ ἀνθρώπων. De acordo com a minha opinião, ó Polo, aquele que comete injustiça e o injusto são completamente desgraçados, ainda mais se não forem julgados nem encontrem punição por serem injustos, menos desgraçados se forem julgados e se encontrarem justiça da parte dos homens e dos deuses.

²⁰³ A própria construção dos diálogos República e Górgias reforçam a dificuldade com que essas idéias podem ser aceitas, com Polo e Gláucou expressando sua descrença na primeira proposição de Sócrates.

Sócrates ou seus discípulos, tais quais Xenofonte, Platão, Antístenes e os outros socráticos menores.

A oposição à educação tradicional é marcante e isso basta para poder caracterizar Sócrates como um representante importante da tradição e dos ensinamentos destes “modernistas” que eram os sofistas, e mesmo de todo e qualquer “modernista”. Isso se dá pela negação central dos valores tradicionais, que Sócrates de certo modo compartilha com todos estes inusitados colegas.

Σωκράτης Αθηναῖος

Mas por qual motivo Aristófanes vai introduzir justamente este “sofista” mais inusitado como a figura central da sua comédia? Se tal crítica é muito ampla e pouco tem a ver em específico com Sócrates, qual o motivo da sua inclusão nas *Nuvens* e de ele ser o único verdadeiro κωμωδούμενος da comédia? A principal explicação para isto está, a nosso ver, em uma das características fundamentais da Comédia Antiga ateniense.

A comédia de Aristófanes, Cratino e Êupolis é, fundamentalmente, uma comédia política. O principal objetivo das suas críticas é o de influenciar e corrigir a cidade. Era essa a função que Aristófanes e seus parceiros reclamavam para si. Entretanto, a maior parte de todas estas figuras que citamos era de estrangeiros: filósofos como Diógenes de Apolônia, na Jônia, Protágoras de Abdera, na Trácia, Górgias de Leontino, na Sicília e Pródico da ilha de Ceos. Alguns deles sequer chegaram a fixar residência em Atenas, como sabemos pelas biografias de Protágoras e Górgias. Sócrates contrasta com todos os outros por ser o único ateniense que em toda sua vida morou em Atenas.

Já vimos como as invectivas são de tom bem diferente quando destinadas contra Górgias. Ainda que famoso pela pureza de sua língua e apesar de bastante famoso e popular em Atenas naquela época, como Tucídides nos informa dos resultados da sua embaixada em Atenas, ele é da “raça de bárbaros”, ou seja, visto como um estrangeiro, alheio à cidade. É sabido também que ele jamais residiu em Atenas, tendo obtido sua fama por meio dos famosos discursos epidícticos, como a *Defesa de Palamedes* ou o *Elogio de Helena*, e por meio de suas embaixadas em favor de sua cidade de Leontino. Praticamente qualquer crítica mais específica que Aristófanes poderia fazer com relação a Górgias teria pouca importância, pois ele certamente não estaria na audiência e a própria natureza da constituição política ateniense serviria de defesa para Górgias.

Sócrates é, portanto, um alvo muito mais cômodo para Aristófanes, pois é ateniense do demo de Alopece e participa do exército ateniense. Para os comediógrafos é muito mais fácil o usarem como alvo, pois ele estava todos os dias na ágora, e todos o conheciam de vista, sendo portanto mais fácil compor um personagem com suas características individuais. Também é mais fácil de acusar um ateniense de corromper a juventude e negar a religião tradicional do que uma figura extravagante que visitava Atenas raramente. Por esse motivo, Aristófanes escolheu Sócrates, que certamente era o pensador ateniense mais famoso em seu tempo, como o seu modelo de intelectual.

5.8. AS NUVENS EM SEU TEMPO

Mas não foi uma criação *ex nihilo* que colocou Sócrates em cena, pois Aristófanes aproveita-se de uma longa série de personagens, temas e frases que já estavam em uso na Comédia Antiga. Esta dissertação espera ter apresentado um elemento de prova para uma proposição que recentemente ganhou voga, mas que ainda não foi totalmente demonstrada, que é a de que há pouca inovação na comédia e de que os comediógrafos trabalham com um estoque comum de temas, sendo que a habilidade do poeta está menos na total inventividade e sim no uso criativo desta tradição.

Tal afirmação poderia ser contestada se tivéssemos em mente o que Aristófanes diz em suas parábases, assim como algumas das novidades que parecem surgir em suas comédias mais tardias. No entanto, ela demonstra com grande segurança o que ocorre para a criação dos personagens cômicos das *Nuvens*: o aproveitamento de uma temática já existente, fazendo uso de um estoque comum de personagens e piadas. Vemos isso pela repetição quase literal desta temática na figura de Sócrates, na caracterização parecida entre Sócrates e Protágoras, na repetição do tema do velho que busca aprender uma educação moderna e nas doutrinas filosóficas que parecem migrar de boca a boca nos pensadores, mantendo-se, entretanto, as mesmas.

Mas isto não quer dizer que *As Nuvens* são **somente** um aproveitamento desse estoque comum de situações cômicas. Aqui podemos traçar algumas características que interpretamos como originais e particulares da comédia de Aristófanes.

A primeira é a comparação dos personagens do *φροντιστήριον* com um grupo de iniciados em algum rito de mistério. Esse grupo é uma bem vinda mudança com relação ao

ambiente de banquete que vemos n'*Os Aduladores* de Êupolis e n'*Os Convivas* de Aristófanes, e, possivelmente, nas *Cabras* de Êupolis e no *Conno* de Amípsias. Isso não significa que a temática tenha sido abandonada, porque ela reaparece nas *Nuvens* e Aristófanes tem uma certa dificuldade em escondê-la.

Este jogo com a tradição religiosa possibilita tratar Sócrates de uma maneira bem mais ambígua e fazer a crítica à sua impiedade ser ainda mais correta. Pois o Sócrates de Aristófanes não apenas rejeita as divindades tradicionais, como fizeram Xenófanes e, em certa medida, todos os filósofos jônicos, mas ele as rejeita e insere novas divindades em seu lugar, fazendo uso de todo o vocabulário religioso. O contraste é cômico, mas também profundamente crítico e possivelmente contribuiu mais do que qualquer outra acusação dos cômicos para o julgamento de Sócrates.

Um outro aspecto que podemos considerar novo e de grande importância na comédia é o seu final. Sabemos que a comédia normalmente termina com uma festa, muitas vezes com as cenas finais apresentando uma coesão lógica entre si bastante esparsa. Um exemplo típico desse final cômico são as últimas cenas das *Vespas*, em que a ação termina ao fim do *agón*, e as últimas cenas são somente cenas cômicas que representam Filocléon em sua nova ocupação, como membro do banquete. Ao contrário dessa tendência, bastante comum nas obras que possuímos de Aristófanes, a ação principal d'*As Nuvens* vai até ao final da comédia. Aristófanes soube intercalar as cenas de abuso, que são típicas da parte pós-agonística, dentro do contexto da comédia e na cena final do incêndio no φροντιστήριον.

CONCLUSÃO

O problema filológico mais discutido de Aristófanes consiste nas razões pelas quais Sócrates foi caracterizado tanto como um filósofo naturalista, ou professor que recebe para ensinar retórica argumentativa, quanto como um modernista que rejeita a religião tradicional. Muitas teorias a este respeito foram publicadas, e algumas procuram dizer que Sócrates na verdade teria mudado em sua vida, e passado de um interessado em assuntos naturais para o filósofo que conhecemos, enquanto outras, como aquelas professadas por Dover, tentam dizer que na verdade Aristófanes não está interessado nas diferenças e apenas ataca um modelo “tradicional” de pensador. Ainda, segundo o teórico, *As Nuvens* seriam um exemplo de como a poesia e a filosofia são formas alternativas de saber, e Aristófanes estaria tentando mostrar como a sua forma de saber é superior à filosofia.

Com esse trabalho, tentamos nos distanciar o máximo possível dessas três tendências a fim de verificar uma quarta possibilidade, que consiste na caracterização de Sócrates como a caracterização tradicional que a Comédia Antiga reservava aos pensadores. Essa visão pode ser parecida com a solução de Dover, de que Aristófanes ataca um tipo ideal de filósofo, mas afasta-se por pretender que Aristófanes não a constrói *ex nihilo*, mas sim a partir de uma tradição, já estabelecida na Comédia Antiga, do tratamento dessas figuras.

Dentre as comédias que possuímos em sua integralidade, apenas *As Nuvens* tratam desse assunto, sendo que algumas das comédias das quais temos notícia que também tratam do assunto infelizmente constituem hoje apenas um conjunto reduzido de fragmentos que demanda uma boa dose de extrapolação e intuição para ser analisado. Encontramos, no conjunto de pouco mais de uma dezena de fragmentos relevantes, alguns indícios de que, de fato, a Comédia Antiga tratava os intelectuais de uma maneira semelhante à de Aristófanes.

Encontramos exemplos de uma mesma teoria esposada por Sócrates n’*As Nuvens* sendo ensinada por Hípon em uma outra comédia, *Os que tudo vêem (Πανόπται)*, de Cratino. Vimos, como nos mostram os fragmentos d’*Os Aduladores* de Êupolis e do *Conno* de Amípsias, além de algumas passagens d’*as Nuvens* e d’*as Aves*, uma forte proximidade entre a figura dos filósofos e a figura dos parasitas. É comum do mesmo modo a tendência em criar adjetivos a partir das mesmas expressões e vocábulos para qualificar todos os personagens, como ἀδολέσχηρς, φροντιστής e καταπύγων, “falastrão”, “sabichão” e “esculhambado”. Além disso, é um fator sempre importante na composição dos enredos dessas comédias, a

tendência em mostrar que essas figuras contribuíram para a “perdição” da juventude, como é visto no fragmento 488 dos *ταγηνίσται* de Aristófanes, na premissa geral d’os *Aduladores* de Êupolis e n’as *Nuvens*.

Isso indica que *As nuvens* e todas as comédias do gênero estão bem fundadas na discussão educacional, o que nos levou à consideração de outras comédias que portam o tema educacional, em especial *Os Convivas* de Aristófanes e *As Cabras* de Êupolis. Novamente essas comédias apresentaram semelhanças consideráveis com a peça *As Nuvens*, semelhanças identificadas na apresentação de um conflito entre dois tipos de educação: a educação tradicional, normalmente vista sob um ângulo positivo, e uma nova educação, que é apresentada sempre como indulgente com seus próprios prazeres, um pouco efeminada e profundamente imoral.

As Cabras de Êupolis é uma comédia especial, porque semelhanças apresentadas com *As Nuvens* ultrapassam a temática e chegam mesmo à composição do enredo da comédia. Assim como n’*As Nuvens*, um velho rústico entra em contato com esta nova educação e a comédia apresenta ao menos uma cena de aula. Além disso, há sempre a possibilidade de o “professor” dessa comédia ser Pródico ou um personagem que aluda ao famoso sofista Pródico de Ceos.

Como contraste a esse comportamento, vimos os exemplos encontrados na Comédia Média – em uma data não muito afastada da Comédia Antiga – e esses, ainda que parcialmente concordem em alguns pontos com a Comédia Antiga, em muitos pontos já são completamente diferentes: em primeiro lugar, a disputa entre educação tradicional e educação filosófica ou sofisticada simplesmente deixou de existir, e a filosofia não é mais vista como uma inimiga da cidade ou uma moda que ataca os deuses; em segundo lugar, a Comédia Média, ao contrário da Comédia Antiga, apresenta um verdadeiro interesse pelos conteúdos das doutrinas dos filósofos e é capaz de citá-los corretamente e entrar em um verdadeiro diálogo com eles, ao contrário do que vemos n’as *Nuvens* ou mesmo em outras comédias de que temos apenas fragmentos. A Comédia Média, por seu lado, apresenta uma maior sutileza nas caracterizações e está bem mais próxima de representar fielmente as doutrinas e características particulares de cada escola filosófica em questão.

Acreditamos que todos estes exemplos sejam úteis na futura análise e interpretação d’as *Nuvens*. Na verdade eles não invalidam nenhuma análise, apenas colocam em perspectiva o fato de que *As Nuvens* fazem parte de uma tradição literária, que deve ser considerada em qualquer análise desta comédia.

Por fim, essa dissertação pretende também apontar um caminho de interpretação para a Comédia Antiga. Um deles seria buscar nos fragmentos aquilo que podemos encontrar de paralelo em Aristófanes ou mesmo em outras figuras importantes da Grécia do quinto século. Pois a Comédia Antiga pode nos ajudar a compreender melhor o ambiente intelectual da Atenas do quinto século. Restam muitos campos a serem estudados – política, literatura, costumes, etc. – e em todos esses meios a Comédia Antiga pode ser muito útil para a posterior pesquisa sobre a presença e a visão desses temas na sociedade grega.

No que diz respeito, entretanto, ao estabelecimento da caracterização padrão do intelectual na Comédia Antiga, resta ainda uma questão, que fica para ulteriores pesquisas, a de se esta caracterização é particular da Comédia Antiga, ou se ela reflete algum preconceito ou algum dado popular contra os intelectuais, uma espécie de anti-intelectualismo popular.

Trata-se de uma questão difícil, porque as fontes apontam para diferentes direções: de um lado, a forte ligação com os parasitas, já um estoque típico da comédia, denuncia um padrão interno à comédia, ou seja, os poetas cômicos se valem de uma caracterização tradicional dentro do gênero para compor um personagem novo. E também pesa a este favor alguns dados da filosofia, como as passagens da *Apologia* e do *Teeteto*, que se referem à comédia e aos poetas, não à população em geral. De outro lado, no entanto, encontramos alguns tipos de paralelos em outras obras que não são ligadas à comédia, como na famosa fábula do astrólogo, de Esopo²⁰⁴. Resta pesquisar, portanto, mais textos do período ou anteriores (por exemplo, saber o quanto a figura do parasita era típica da comédia, e não popular) para tentar encontrar, se possível, a resposta para esta questão.

²⁰⁴ Esopo, fábula 40.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Fontes Primárias:

ARISTÓFANES. *Comédies: Les Acharniens, Les Cavaliers, les Nuées*. Paris : Société d'edition "Les Belles Lettres", 2002.

ARISTÓFANES. *Aristophanis Comoediae, Tomus I: Acharnenses, Equites, Nubes, Vespas, Pacem, Aves continens*. Oxford : Clarendon Press, 1949.

ARISTÓFANES. *Aristophanis Comoediae, Tomus II: Lysistratam, Thesmophoriazusas, Ranas, Ecclesiazusas, Plutum, Fragmenta, Indicem Nominum*. Londres: Oxford University Press, 1949.

ATENEU. *Athenei Naucraticae deipnosophistarum* (vol 2). Stuttgart: Teubner, 1966.

CLÁUDIO ELIANO. *Claudii Aeliani de natura animalium libri xvii, Varia Historia, epistolae, fragmenta*, vol. 2. Leipzig: Teubner, 1966.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vitae Philosophorum edidit H.S. Long*. Oxford: Clarendon Press, 1966.

ESOPO. *Corpus fabularum Aesopiarum, vol 1.1*. Leipzig Teubner, 1970.

EURÍPIDES. *Euripidis fabulae* (vol 1). Oxford : Clarendon Press, 1984.

FLÁVIO FILÓSTRATO. *Flavii Philostrati opera, vol. 2: Vita sophistarum*. Hildesheim: Olms, , 1964.

GALENO. *Claudii Galeni opera omnia vol. 19 edidit Knobloch*. Leipzig : Olms, 1830.

HIPÓCRATES. *Oeuvres complètes d'Hippocrate* (vol. 1). Paris : Baillièrè, 1839,

HOMERO. *Batracomiomaquia, A batalha dos ratos e das rãs, estudo e tradução de Paulo Possebon*. São Paulo : Humanitas, 2003.

KOCK, T. *Comicorum Atticorum Fragmenta, vol. 1. Comoedia Antica*. Leipzig :Teubner, 1880.

KOCK, T. *Comicorum Atticorum Fragmenta, vol. 2. Comoedia Media*. Leipzig: Teubner, 1886.

MEINEKE, A. *Fragmenta comicorum Graecorum*. Berlim:De Gruyter, 1970.

PLATÃO: *Platonis Opera, vol III: Theages, Charmides, Laches, Lysis, Euthydemus, Protagoras, Gorgias, Meno, Hippias Maior, Hippias Minor, Io, Menexenus recognoverit, J. Burnet*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PLUTARCO. *Plutarchi vitae parallelae* (vol. 1.2). Leipzig:Teubner, 1964

TUCÍDIDES. *Thucydidis historiae* (2 vols) Oxford: Clarendon Press , 1970

XENOFONTE: *Xenophontis opera omnia, vol. II Libri Socratici recognoverit E. C. Marchant*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

Fontes secundárias:

ADRADOS, F. R. *Fiesta, Comedia y Tragédia*. Madrid : Alianza , 1983.

AMBROSE, Z. P. “Socrates and Prodicus in the Clouds” in *Essays in Ancient Greek Philosophy*, Nova York : SUNY Press, 1971

BREMER, J. M. “Aristophanes on his own poetry” in *Aristophane. Entretiens sur l’Antiquité*. Genebra: *Fondation Hardt*, 1993.

DORION, L-A. “Xenophon’s Socrates” in: *A companion to Socrates*, New York: Blackwell, 2006.

DOVER, K. J. *Aristophanic Comedy*. Los Angeles: University of California Press, 1972.

DOVER, K.J. *Aristophanes’ Clouds*. Londres: Oxford, 1967.

DUARTE, A. *O dono da voz e a voz do dono, a parábase na comédia de Aristófanés*. São Paulo: Humanitas, 2000.

EDMUNDS, L. “What was Socrates Called?” *The Classical Quarterly*, Vol. 56, No. 2 (Dec., 2006), pp. 414-42

FERNANDEZ, L.G. *Aristófanés*. Madrid: Editorial Gredos, 1996

GROTE, G. *History of Greece*. New York: J. Murray, 1855

GUTHRIE, W. K. C. *Os Sofistas*. São Paulo: Paulus, 1995.

HEATH, M. “Aristophanes and his rivals”, *Greece and Rome* 37, 1997.

HUBBARD T. K. "Utopianism and the sophistic city in Aristophanes" in: *The City as Comedy: Society and representation in Athenian Drama*, edited by Gregory W. Dobrov. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1997.

KERFERD, G.B. *O Movimento Sofista*. São Paulo: Edições Loyola, 2003

KIRK, G.S, RAVEN, J. E., SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

LESKY, A. *História da Literatura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

LESKY, A. *Die Griechische Tragödie*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1958.

LÉVY, E. *La Grèce au Ve. Siècle*. Paris: Éditions Du Seil, 1995

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins fontes, 2001

MACDOWELL, D. *Aristophanes and Athens, an introduction to the Plays*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MURRAY, G. *Aristophanes*. Oxford: Clarendon Press, 1933

MURRAY, G. *The new comedy*. Oxford: Clarendon Press, 1955

MARIANETTI, M. *Religion and Politics in Aristophanes' Clouds*. Stuttgart: Georg Olms, 1992

MCDOWELL, D. *Aristophanes and Athens, an Indroduction to the plays*. Nova York: Oxford University Press, 1993

MOULTON, C “Comic myth making and Aristophanes’ Originality” in *Oxford Readings in Aristophanes*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

NASSELRATH, H-G. *Die Attische mittlere Komödie: Ihre Stellung in der antiken Literatur Kritik und Literaturgeschichte*, de Gruyter, 2002.

NIGHTINGALE, A.W. *Genres in Dialogue: Plato and the Construct of Philosophy*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000

NOËL, M-P. "Aristophane et les intellectuels : le portrait de Socrate et des sophistes dans les Nuées", in *Le théâtre grec antique : la comédie, Actes du Xe Colloque de la Villa Kérylos (Beaulieu-sur-mer, 1-2 octobre 1999)*, Paris, 2000, p. 111-128.

NORWOOD, G. *Greek Comedy*. Methuen and Co., London, 1961.

NUSSBAUM, M. “Aristophanes and Socrates on learning practical wisdom”. In *Yale Classical Studies, Volume XXVI, Aristophanes: Essays in Interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

PATZER, A “Sokrates in den Fragmenten der Attische Komödie” in *Ochestra, Drama, Mythos, Bühne*. Stuttgart: Teubner, 1994.

PHILIPPSON, R “Sokrates Dialektik in Aristophanes Wolken”, *RhM (Rheinisches Museum für Philologie)* 81, 1932

PUCCI, P. *Il saggio sulle nuvole Maia*, 12, 1960

RECKFORD, K.J. *Aristophanes’ old-and-new Comedy volume 1: six essays in perspective*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1987.

RIEDWEG, C. *Pythagoras: His Life teaching, and Influence*. Ithaca: Cornell University Press, 2005.

RÖTSCHER, H.T. *Aristophanes und sein Zeitalter*. Berlin: Vossischen Buchhandlung, 1827.

RUFFELL, IAN. "A Total write-off. Aristophanes, Cratinus, and the Rhetoric of comic competition." *Classical Quarterly* 52.1 138-163. 2002.

RUSSO, C.F. *Aristophanes, an author for the stage*. Londres: Routledge, 1994.

SEGALL, C. "Aristophanes Cloud-Chorus". *Arethusa* 2 (143-161), 1967.

SIDWELL "Aristophanes Acharnians and Eupolis" in *Classica Et Mediaevalia: Revue Danoise de Philologie Et D'Histoire*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 1994

SOMMERSTEIN, A. H. "Old comedians on old comedy" in *Antike Dramentheorien und ihre Rezeption. Drama I*. Stuttgart, 1992.

STOREY, IAN C. *Eupolis: Poet of old comedy*. New York: Oxford University Press, 2004.

STRAUSS, L. *Socrates and Aristophanes*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

SÜVERN. *Two Essays on the Clouds and the Γῆρας of Aristophanes*. Londres: John Murray, 1836.

THORJAN. *Die auf papyre ertragenen attische Komödie*. Hildesheim : Olms, 1994.

THIERCY, P. *Aristophane: fiction et dramaturgie*. Paris : Societé d'edition "Les Belles Lettres", 1986.

TOMIN, J. "Socratic Midwifery" *The Classical Quarterly, New Series, Vol. 37, No. 1.* (1987), pp. 97-102.

WOLF, F.A. *Aristophanes' Wolken von F.A. Wolf: Eine Komödie.* Berlin: G.C. Nauck, 1811

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U v. *Einleitung in die griechische Tragödie.* Berlin : Weidmann, 1920.

ZIMMERMAN, B. "Aristophanes und die Intellektuellen" in *Entretiens sur l'antiquité classique Tome XXXVIII.* Geneva: Fondation Hardt 1993.